REVISTA DA ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS

REVISTA DA ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS

Volume 1
2015
Anual

Goiânia - GO
Kelps, 2015

Copyright © 2015 by Academia Morrinhense de Letras

Editora Kelps
Rua 19 nº 100 — St. Marechal Rondon
CEP 74.560 - 460 — Goiânia - GO
Fone: (62) 3211-1616
Fax: (62) 3211-1075
E-mail: kelps@kelps.com.br
homepage: www.kelps.com.br

Victor Marques
Diagramação

Wander Oliveira Melo
Arte da capa

CIP – Brasil – Catalogação na Fonte
BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL PIO VARGAS

ACA Academia Morrinhense de Letras.
rev Revista da Academia Morrinhense de Letras / Academia Morrinhense de Letras (Org.) Ano 1, volume 1 – Goiânia : Kelps, 2015.

300 p.: il.

ISSN: 2447-1437

1. Revista – Morrinhos (GO). 2. Biografias. I. Titulo

CDU: (048.8)

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2015

ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS

Fundada em 11 de dezembro de 2004
CNPJ: 07.740.371/0001-59
Praça Professor José Cândido nº 679, Centro – 1º Andar
CEP: 75650 – 000 Morrinhos – GO

DIRETORIA DA AML

Presidente: José Afonso Barbosa
Vice Presidente: Helenízio Antônio Marciano
Secretária: Cleusa Marina Silva Freitas
2ª Secretário: José Henrique Rodrigues Machado
Tesoureiro: Antônio de Oliveira Ávila Júnior
2º Tesoureiro: Wander Oliveira Melo
Bibliotecária: Graziela de Souza Reis

REVISTA DA ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS
Publicação Anual

Diretor: Wander Oliveira Melo
Conselho Editorial: Presidente - José Henrique Rodrigues Machado
Cleusa Marina Silva Freitas

Revisão: José Henrique Rodrigues Machado
Cleusa Marina Silva Freitas
Digitação: José Henrique Rodrigues Machado
Wander Oliveira Melo
Capa: Wander Oliveira Melo
Diagramação: Victor Marques
Impressão: Editora Kelps Ltda.
Assessoria de Divulgação: José Afonso Barbosa
José Henrique Rodrigues Machado
Cleusa Marina Silva Freitas
Wander Oliveira Melo

Apresentação

Estamos entregando para toda a sociedade morrinhense e, principalmente, aos seguidores de nossa Arcádia, o primeiro número da Revista da Academia Morrinhense de Letras, comemorativa, por seus dez anos de existência. A revista terá edição anual, para divulgação das obras dos acadêmicos dos programas culturais da Academia, e também dos eventos culturais de nosso município.

Nessa primeira edição, a revista será ilustrada com a biografia de cada acadêmico e seu respectivo patrono, bem como artigos, contos, crônicas, poemas e poesias dos acadêmicos. A edição desse anuário e, dos próximos, além de divulgar, irá registrar os trabalhos culturais de nossa instituição, servindo também como fonte de pesquisa para a sociedade atual e futura.

Nossos mais elevados agradecimentos ao Acadêmico Eurico Barbosa, Presidente Honorário Vitalício de nossa Academia, pela doação financeira para a primeira edição da Revista. Ele que não tem medido esforços para cooperar sempre com nossa entidade, mesmo quando não é procurado, ele se oferece para ajudar nosso grêmio literário. A ele, os louvores culturais de nossos acadêmicos.

Assim agindo, esperamos levar a efeito as edições da revista e os eventos culturais de nossa agremiação, contando sempre com a colaboração de todos os acadêmicos, pois "uma ave sozinha não faz verão".

José Afonso Barbosa
Presidente

Sumário

Ao Patrono: Guilherme Xavier de Almeida 13
Biografia do Acadêmico: Alaor Barbosa dos Santos – Cadeira nº. 01 15
Uma Nefanda e Nefária Ação Judicial que vai Terminando Bem 16

Vida e Obras de Elodia Ribeiro da Costa 30
Meu Ideal 34
Biografia da Acadêmica: Carmen Lúcia Freitas de Mendonça – Cadeira nº. 02 35
Primavera no Ar 37
Planeta Anis, Anil 38
Infância 38
Hai-Kais 39

Ao Patrono: Bruno José Vieira 40
Biografia da Acadêmica: Cleusa Marina Silva Freitas – Cadeira nº. 03 41
Pretinha 43
Multidão 44
Dia de Boia-Fria 45
Égide 47
Desejo 48
Sonho Doce (Para Maria Cecília) 49
Pingo (Para Tiago) 50
Amores 51
Maria Luísa / Mariana 52
Dois compadres 52
Meia-Sola 54

Ao Patrono: Senador Hermenegildo Lopes de Morais 56
Biografia do Acadêmico: Darcy Chaves Júnior – Cadeira nº. 04 57
Homenagem a Chico Mendes 59
A Casca 60
Árvore 61
Mãe Terra 61

À Patrona: Maria Amabini de Morais 63
Biografia da Acadêmica: Ellen Carneiro Vale – Cadeira nº. 06 64
Dualidade 64
Eu e Persona 65
Sussurros Vendavais 68

Vida e Obra do Dr. Raul Nunes da Silva 70
Ao Patrono 70
À Memória de Emanuel de Souza 73
Biografia do Acadêmico: Wander Oliveira Melo – Cadeira nº. 07 75
Frutos de Goiás 76
Sementes de Nossas Origens 77
A Importância da Cultura em Nossa Sociedade 78

Biografia do Patrono José Modesto Oriente 81
Biografia da Antecessora Esther Barbosa Oriente 82
Biografia do Acadêmico: Antônio de Oliveira Ávila Júnior – Cadeira nº. 08 83
Praça do Coreto 84
Praça da Fonte Luminosa 86
Minha Rosa é Você 87
Você e o Amor 88
Porta-retrato 89

Taylor Oriente 91
Biografia do Acadêmico: Eurico Barbosa dos Santos – Cadeira nº. 09 105
O Herói do Século XX 107

A Cadeira 10: Posse e Escritos Deixados Debaixo da Porta. 111
A Emoção 111
Ao Patrono 111
A Herança 112
O Antecessor 113
Biografia do Acadêmico: José Henrique Rodrigues Machado – Cadeira nº. 10 115
Carne de Sol Não é Filé 116
Um Velho Coronel 119
De Quem é Esta Cueca? 122

Histórico da Patrona Maria Barbosa Reis 125
O Ser Pode Ser Imortal 127
Biografia da Acadêmica: Graziela de Souza Reis – Cadeira nº. 11 130
Fórmula 1 do Brasil 132
O Poder Virtual 133
Os Machões que me Perdoem! 134
Meio Ambiente, Humor e Você 134
Um Grito de Gol 135

Breve Biografia de Humberto Jacinto Pereira 137
Biografia do Acadêmico: Hamilton Afonso de Oliveira – Cadeira nº. 12 138
A Origem e a Formação da Cidade de Morrinhos-GO – 1800-1855 141

Ao Patrono José Xavier de Almeida Júnior 153
Biografia do Acadêmico: José Afonso Barbosa – Cadeira nº. 14 155
O Coronel e seu Poderio 158
Parabéns, Morrinhos, pelos seus 193 Anos 163
Elis Regina I 166
Elis Regina II 167

Palestra em Memória do Escritor e Poeta Pedro Celestino da Silva Filho 168
Ao antecessor: José Frauzino Pereira Sobrinho 175
Biografia do Acadêmico: Vanderlan Domingos de Souza – Cadeira nº. 15 177
Eu amo charges. *"Je suis Charlie"*. 179
Minutos de Reflexão 184

Ao Patrono José Gumercindo Marquez Otero 187
Biografia da Acadêmica: Lézia Amorim Canêdo – Cadeira nº. 16 189
Falando em Alguém 190
Homenagem a Nilza Diniz (Ano de 1991) 192
1985 – Valterli José Alves e os Colibris 193
Reflexão para 2006 (por época do Ano Novo) 196

Ao Patrono José do Nascimento 197
Biografia da Acadêmica: Maria Madalena de Souza – Cadeira nº. 17 199
O Gatinho Solitário 200
Direito de Nascer 201

Ao Patrono Pedro Nunes da Silva Filho 203
Biografia da Acadêmica: Maria da Purificação de Freitas – Cadeira nº. 18 204
Louvor ao Grande Espírito Legislador 206
Apelo ao Grande Espírito 207
Louvor ao Grande Pai 208
Anseio 209

Dados Sobre a Patrona Maria de Oliveira Lisboa Costa 210
Biografia do Acadêmico: Helenízio Antônio Marciano – Cadeira nº. 19 213
Galdino, Para Sempre... 215
Terra Planeta Água? 217
Uma prova de que Deus existe 219
A Arte de Beber Cerveja Quente 223

À Patrona: Zilda Diniz Fontes 226
Biografia do Acadêmico: Nilo Sérgio Troncoso Chaves – Cadeira nº. 20 226
O Dia Quia Terra Parô 227
Macarrão Carbonara 228
Mininonça 229

Projeto da AML Nossa História em Ação 232
Ao Patrono José Mendes Diniz (Juquinha Diniz) 232
Biografia da Acadêmica: Nilza Diniz Silva – Cadeira nº. 21 240
Minha Terra 243
Prisioneira 244

Ao Patrono: Florêncio Lopes Zedes 251
Biografia do Acadêmico: Paulo Tárcio Martins – Cadeira nº. 22 254
A Fazenda do Meu Avô 256
Morrinhos Tem Tanta Coisa... 260
Sou Um Sonhador 261
Meus Semelhantes... 262
Vida... Essa Mania Humana... 266

À Patrona Violeta Metran Curado 267
Ao Antecessor Rui Gonçalves Doca 268
Biografia do Acadêmico: Robison José da Silva – Cadeira nº. 23 269
Bodas de Arte 272
Meu Canté Aqui 274
Aquarela Morrinhense 275

Ao Patrono: Saturnino Sebastião de Azeredo 277
Biografia do Acadêmico: Sebastião Bento da Silva – Cadeira nº. 24 279
A Cultura Tradicional 280

À Patrona Alice Ferreira do Carmo 284
Mamãe 285
Biografia da Acadêmica: Selma Maria de Freitas – Cadeira nº. 25 286
Outono da Vida 287
Quem? 288
Sinfonia da Terra 289
Tem alguém me ouvindo? 290
Praça 291
Como não Falar Delas 292
Amor – Presença 293
Ausência e Vida 294
Ipê 296
Ingratidão 297

Ao Patrono:
Guilherme Xavier de Almeida

Guilherme Xavier de Almeida, formado em Direito, nasceu no dia sete de fevereiro de 1910. Filho de José Xavier de Almeida e Amélia Augusta Lopes de Moraes; iniciou seus estudos em escola particular de Morrinhos, dirigida por Egesilêo de Araújo e Sebastião Teixeira (1917-1922). Bacharel em Ciências e Letras, pelo Ginásio Diocesano de Uberaba (1923-1926). Preparatórios, Ouro Preto (1927). Faculdade de Direito de Belo Horizonte (1928-1932). De volta à sua terra natal, aí exerceu a Advocacia. Foi Professor de História da Civilização e de Goiás, na Escola Normal de Morrinhos (1933). Membro da Ordem dos Advogados do Brasil. Constituinte Estadual, PSR (1935). Coautor e ferrenho defensor do projeto de Lei que determinava a mudança da Capital do Estado para Goiânia.

Líder do Governador Pedro Ludovico Teixeira, na Assembleia Legislativa. Professor no Ginásio Senador Hermenegildo Lopes de Moraes (1937). Funcionário Público, poeta, cofundador da Academia Goiana de Letras, dono da cadeira n. 5, cujo patrono é Gastão de Deus Vitor Rodrigues,

cadeira que ficou vazia desde sua fundação, 1939, até 1973, quando Eliezer Pena foi eleito sucessor de Guilherme, pois sua modéstia não lhe permitiu ocupá-la jamais.

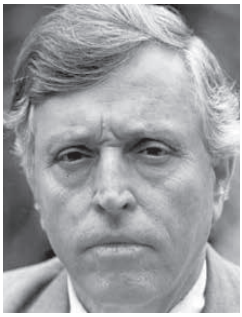
Prefeito de Morrinhos (1936-1945).

Foi proprietário rural e exerceu várias atividades partidárias; foi Juiz Municipal de Caldas novas (1933-1934). Deputado Estadual, PSR (1935-1936). Autor do projeto de mudança do Tribunal de Justiça de Goiás, da Cidade de Goiás para Goiânia (7/07/1936), último e grande obstáculo à transferência da Capital. Projeto este que concedia inúmeros benefícios econômico-financeiros ao município de Goiás e ao Poder Judiciário. Os benefícios, principalmente aos Srs. Desembargadores aborreceram deveras ao Governador Pedro Ludovico Teixeira, que se encontrava licenciado à época, para tratamento de saúde abalada pelo enorme desgaste que enfrentava com a luta mudancista. Sua ira se justificava, já que nenhum outro órgão do Estado havia recebido semelhante ajuda. Isso fez com que ele reassumisse o governo antes mesmo do término de sua licença médica. O Governo vinha sendo ocupado interinamente pelo presidente da Assembleia Legislativa de Goiás, Deputado Hermógenes Coelho. Reassumido o Governo, Pedro Ludovico Teixeira negociou junto à sua bancada um substitutivo ao Projeto de Guilherme Xavier de Almeida que revogasse todas as regalias que o mesmo prodigamente dava aos desembargadores de Goiás, acirrando ainda mais os ânimos entre o Executivo e o Poder Judiciário, que fazia de tudo para retardar ao máximo a mudança da Capital.

Até hoje, Guilherme Xavier de Almeida foi o prefeito cujo mandato teve a mais longa duração, nove anos, dez meses e quatro dias. Tabelião do 1º Ofício de Morrinhos (1944). Foi Constituinte Federal, PSD (1946). Deputado

Federal, PSD (1946-1951). A ele coube o privilégio de apresentar, por sugestão do deputado Diógenes Magalhães, uma emenda suprimindo, das Disposições Constitucionais Transitórias, as palavras "Entre os rios, Grande e o Paranaíba", referentes ao local da futura Capital Federal, permitindo assim, que mais tarde, a escolha da futura Capital do Brasil ficasse no Quadrilátero Cruls e não no Triângulo Mineiro. Deputado Federal, PSD, suplente (1953-1955). Assume a cadeira de deputado, após o falecimento de Plínio Gayer, que se suicidou no plenário da Câmara Federal. Candidato a suplente de Senador (1954). Serventuário da Justiça de Morrinhos (1955-1973).

Biografia do Acadêmico: Alaor Barbosa dos Santos Cadeira nº. 01



Goiano de Morrinhos, nasceu em 13 de março de 1940, filho de Aristides Ferreira Barbosa e Eliza Maria de Oliveira.

Estudou em Morrinhos, Goiânia e Rio de Janeiro. Destacado advogado e brilhante jornalista, com passagens nas redações do Jornal da Imprensa, no Rio de Janeiro e O Popular, em Goiânia, dentre outros. Possui notável formação cultural com a leitura desde a infância dos grandes nomes da literatura brasileira.

Bacharelou-se em Direito, em 1966, pela Universidade Católica de Goiás e é Mestre em Literatura Brasileira pela

Universidade de Brasília. É considerado bom contista, romancista e ensaísta. Seus contos, a partir de 1964, antecipam uma renovação do gênero em Goiás, uma temática mais urbana, introspectiva.

Atualmente, reside em Brasília, Assessor Legislativo do Senado Federal, aposentou-se em 1993, e hoje, advogado militante.

Foi eleito, em 2013, para a Academia Brasiliense de Letras, cadeira XXIX, cujo patrono é o seu conterrâneo Hugo de Carvalho Ramos.

Obras publicadas: Monteiro Lobato das Crianças, 1960; Cidade do Tempo (contos), 1964; Picumãs (contos), 1966; Confissões de Goiás (ensaios), 1968; Campo e noite (contos), 1971; O exílio e a glória (romance), 1980; A epopeia brasileira, ou: para ler Guimarães Rosa, 1981; Os Rios da Coragem (contos), 1983; Saci e o Romãozinho (Estória Infantil), 1983; Pequena História da Literatura Goiana (pesquisa), 1983; Praia da Liberdade (contos), 1985; Meu Diário da Constituinte, 1990; Caminhos de Rafael (contos), 1995; O ficcionismo de Monteiro Lobato, 1996; A morte do coronel Tabajara, 1997.

Uma Nefanda e Nefária Ação Judicial que vai Terminando Bem

(Breve – e terminativa – história de uma tentativa de homicídio moral e intelectual que as pessoas de bem precisam conhecer).

Alaor Barbosa.

Em julho de 2008, oito meses depois de publicado, o primeiro volume do meu livro Sinfonia Minas Gerais: a vida

e a literatura de João Guimarães Rosa foi objeto e vítima de uma ação judicial, requerida na comarca da cidade do Rio de Janeiro pela filha mais velha do meu biografado e pela editora que lhes edita os livros, com o objetivo de proibi-lo e de exigir da editora que o publicara indenização por dano moral e por dano material. A ação se fundava em várias alegações: a de que o livro não podia ter sido escrito, nem muito menos publicado, por não ter o autor autorização prévia das herdeiras de João Guimarães Rosa; o livro é cópia – plágio, pois – de um livro da filha primogênita dele; o livro contém inverdades e comete ofensas à imagem pública de João Guimarães Rosa. O juiz que despachou a inicial declarou proibido o livro e mandou retirá-lo das livrarias. A ordem do juiz foi, evidentemente, cumprida, de imediato, pela minha editora, que fica em Brasília. Fácil imaginar os prejuízos de ordem moral e material que sofremos, eu e a editora.

Contestamos a ação. O esboço da contestação, elaborado por mim, constava de noventa e seis páginas, que meus advogados, Daniel Campello Queiroz e Ian Barbosa dos Santos (meu sobrinho-neto), consideraram conveniente sintetizar – mas com valiosíssimo, importantíssimo, decisivo acréscimo – em trinta e tantas. O acréscimo consistiu na demonstração, inclusive com rigorosos dados estatísticos, da estrita legalidade, na quantidade e na forma (com rigorosa indicação das fontes, a qual faz impossível a ocorrência de plágio), das citações feitas por mim no meu livro. Apesar da redução do texto, foi possível apresentar uma grande e suficiente abundância de argumentos, com os quais destruímos, uma por uma, as alegações das autoras. Assim, sustentamos a completa desonestidade e má-fé da interpretação do art. 20 do Código Civil que pretende depender de autorização prévia do biografado ou dos seus

herdeiros a publicação da biografia de alguém, sustentando o primado, em tal questão, da Constituição Federal, que assegura o direito à liberdade de expressão intelectual e artística; reproduzimos importantes e significativos trechos das dezenas de artigos e notas oficiais de entidades que se manifestaram sobre o conteúdo e validade do meu livro, publicados, em grande número, antes da sua proibição; e referimos à verdadeira e subjacente motivação da ação proposta contra o meu livro e contra a editora que o publicou: o interesse meramente comercial. Esse interesse, conforme é lícito presumir, atuou com muita força para compelir as autoras da ação a tentarem se utilizar de uma ação judicial para servir aos seus propósitos de afastar do mercado livreiro um livro que consideraram concorrente, destruir moralmente um autor que julgaram concorrente, atingir, com força, no plano moral e financeiro, uma editora que surgia como perigosa, intolerável concorrente.

Já vimos que, no primeiro momento, as autoras alcançaram seus perversos objetivos, mediante o despacho do juiz que recebeu a inicial e ordenou a proibição do livro. Um erro condenado a ser, com evidência, temporário e provisório, pois, a final, o poder judiciário veio a demonstrar, com bastante vigor, não padecer, de modo algum, da ingenuidade necessária para se deixar utilizar como um instrumento passivo para se alcançarem secretos, escamoteados, camuflados objetivos desonestos e, portanto, inconfessáveis.

Enquanto a ação contra meu livro seguia seu curso no foro da cidade do Rio de Janeiro, julguei necessário, justo e oportuno, porque inadiável, propor contra a filha primogênita de João Guimarães Rosa uma ação de indenização por dano moral com fundamento em ter ela cometido contra mim,

mediante declarações publicadas em alguns importantes jornais, os crimes de calúnia, difamação e injúria. Requeri essa ação em março de 2010, no foro da comarca de Goiânia. A Ré conseguiu se esquivar de ser citada, no Rio de Janeiro, durante mais de um ano. Afinal a citação se realizou – em maio de 2011, mais de um ano depois – graças à diligência e esforço do oficial de justiça. Antes de contestar, ela apresentou exceção de incompetência do juízo da comarca de Goiânia — foro da residência do autor da ação — com o fito de transferir a competência para o processamento e julgamento da ação para a comarca do Rio de Janeiro, onde ela reside. Essa exceção foi negada nas duas instâncias mediante decisões que ela atacou com todos os recursos possíveis, um a um desprovidos, inclusive pelo plenário do Egrégio Tribunal de Justiça do Estado de Goiás, que confirmou, por unanimidade, a lúcida decisão monocrática do ilustre Desembargador Gilberto Marques, proferida de acordo com a melhor e predominante jurisprudência existente nessa matéria. Desse modo, consagrou-se a competência da justiça da comarca de residência do autor em ação de indenização por dano moral causado por crimes cometidos contra ele.

Na contestação, perfeitamente vazia e que por isso se revelou uma peça elaborada meramente proforma, a Ré alegou que não tivera a intenção de me ofender e que ao me chamar de plagiário desconhecia a significação da palavra plágio; mas, ao mesmo tempo, reafirmou, com desconcertante leviandade não menor do que ao fazê-las pela primeira vez, as absurdas acusações com que atentara contra minha honra pessoal e intelectual.

No processo da ação na comarca do Rio, o juiz, que para benefício da instauração e predomínio da verdade e da justiça

já era outro, nomeou uma perita para examinar as questões de fato envolvidas no caso: basicamente, a questão do plágio – a acusação de ter eu copiado, no meu livro, um livro de uma das autoras da ação. O parecer da perita, Carolina Mori Ferreira, surgiu no processo em agosto de 2011: portanto, três anos e um mês depois de requerida a ação. Extremamente bem-feito, lúcido, corajoso e honesto, ele foi total e absolutamente favorável ao meu livro, isentando-o e absolvendo-o de todas as levianíssimas e irresponsáveis acusações contra ele assacadas e apontando nele alguns aspectos e significações que a perita considerou importantes e positivos.

Logo depois do aparecimento do laudo da perita, uma das autoras da ação, a Editora Nova Fronteira, após consultas prévias ao meu advogado no processo da comarca de Goiânia, doutor Licínio Leal Barbosa, enviou a Goiânia uma advogada, integrante do seu quatro de funcionários, muito simpática e diplomática, com uma proposta de acordo, com a finalidade declarada de se encerrarem as duas ações judiciais em curso: a do Rio e a de Goiânia. Esse acordo consistia principalmente em que a Nova Fronteira reeditaria o meu livro sobre João Guimarães Rosa, com um posfácio da sua filha primogênita, e com lançamento festivo em uma importante livraria da cidade do Rio de Janeiro. Respondi que aceitaria a proposta sob as seguintes principais condições: a reedição incluiria o segundo volume do livro, que contém estudos meus sobre livros de Guimarães Rosa; o posfácio da filha de Guimarães Rosa seria previamente lido e aprovado por mim (pois eu obviamente não podia correr o risco de ver adicionado ao meu livro um posfácio que tornasse a mentir sobre ele ou voltasse a atentar contra a minha honra pessoal e intelectual); e as autoras da

ação de proibição do meu livro fariam uma retratação pública das ofensas contra mim irrogadas. Minha contraproposta não foi respondida.

Essa falta de resposta coincidiu com a verificação que fiz nos autos do processo de que, enquanto simulavam querer um acordo extrajudicial para encerrar os dois processos, a Editora Nova Fronteira e a filha de João Guimarães Rosa não suspenderam, enquanto autoras, nenhum ato ou providência no âmbito judiciário. Ao contrário, continuaram a praticar todos os atos e diligências que julgaram necessários para alcançarem seus inconfessáveis objetivos nas duas ações em andamento. Assim, pois, com essa chocante duplicidade de comportamento, no processo do Rio elas impugnaram, sem nenhum fundamento, o laudo da perita. Felizmente, essa impugnação produziu, como era previsível, um efeito oposto ao que elas pretenderam: a digna perita respondeu à impugnação reafirmando e sustentando o seu corajoso, lúcido e honesto parecer, e enriquecendo-o com mais informações e considerações bastante úteis e precisas, confirmatórias das conclusões do laudo. Também no processo de Goiânia, a filha primogênita de João Guimarães Rosa continuou a resistir, tentando causar embaraços ao seu andamento, mediante, repito, sucessivos recursos meramente protelatórios, todos rejeitados pelo Egrégio Tribunal de Justiça do Estado de Goiás.

Abstenho-me, por enquanto, de qualificar com necessários e justos adjetivos esse tipo de comportamento: o das autoras da ação contra o meu livro no processo do Rio e o da Ré no processo de Goiânia.

Em 5 de agosto de 2013 (cinco anos, relembremos, após proposta a ação e dois anos depois do laudo da perita),

sobreveio à sentença no processo do Rio. Lúcida, bem-escrita, bem fundamentada, corajosa, honesta, a sentença do juiz de Direito Maurício Magnus reafirmou, ampliou e aprofundou as afirmações do laudo da perita, e, com fundamento também em sadia e justa compreensão da Constituição Federal, julgou improcedente a ação, anulou a proibição do livro e condenou as autoras nos ônus processuais de praxe. Com essa memorável sentença revestida de enorme importância histórica, inaugurava-se afinal uma justa e irretorquível compreensão jurisprudencial da questão das biografias não autorizadas, até então mal exposta, mal discutida, mal interpretada, mal compreendida. Inaugurava-se afinal, é indispensável dizer, uma fase de racionalidade jurídica e política (a liberdade de expressão intelectual é uma questão também política), que já vinha tardando, no Brasil, em todas as esferas sociais responsáveis, no trato dessa matéria.

Poucas semanas depois da publicação da sentença, veio a Goiânia, após insistentes telefonemas que fizera do Rio ao meu advogado, uma diretora da Nova Fronteira, igualmente simpática e diplomática, com a missão de trazer nova proposta de acordo. Embora eu não confiasse de modo algum na possibilidade de haver alguma dose de boa-fé em tal iniciativa e na possibilidade de algum resultado positivo nas conversações que teríamos, coloquei em suspenso o meu bem-fundado ceticismo e ainda aceitei dialogar, um pouco levado pelo interesse intelectual de aquilatar e verificar até que ponto são capazes de ousar se exercer a falsidade e a dobles humanas. A representante da Nova Fronteira, durante os longos diálogos travados no escritório do Dr. Licínio Barbosa e, mesmo fora, durante o almoço, afirmou, de passagem mas

com ênfase, que solucionar aquele caso era "uma prioridade" no seu trabalho profissional e na sua missão em Goiânia. Mas a nova proposta que ela trouxe se mostrou consideravelmente piorada em comparação com a proposta de dois anos antes: a Nova Fronteira reeditaria o meu livro, mas em nome da minha editora de Brasília; o texto apresentaria notas de pé de página explicativas das minhas citações e dos trechos que a editora continuaria expressamente reprovando; não se mencionou o tal posfácio antes referido; e omitiu-se a minha exigência de edição do segundo volume do meu livro. Após algumas outras conversações, terminadas com a evidência da sua inutilidade, as quais incluíram uma visita da diretora da Nova Fronteira ao meu editor em Brasília, recusei as propostas, indignado (mas não surpreso) de verificar que todas elas não passavam de constituir desrespeitosíssimas manobras diversionistas — encenações inviáveis e por isso inúteis até mesmo a algum incognoscível objetivo tático que pudessem conter. Perda de tempo e palavras, indigna de gente eticamente adulta.

E foi o que se confirmou com total clareza logo em seguida: as autoras da ação contra o meu livro – pude verificar logo – já haviam apelado da sentença quando enviaram uma das suas diretoras a Goiânia. Quer dizer: elas haviam reafirmado, apelando, os levianos termos da petição inicial da ação, isto é, haviam recometido os mesmos absurdos jurídicos com que requereram a ação, e reincidido, pois, também, na tentativa de me destruir moral e intelectualmente mediante a acusação de plágio.

Infelizmente não cuidamos de pedir nem ao juiz nem ao Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro – o que seria bastante pertinente – a aplicação do disposto no art. 503, e no seu

parágrafo, do Código de Processo Civil, os quais prescrevem: "Art. 503. A parte, que aceitar expressa ou tacitamente a sentença ou a decisão, não poderá recorrer. Parágrafo único. Considera-se aceitação tácita a prática, sem reserva alguma, de um ato incompatível com a vontade de recorrer". Ora, a Editora Nova Fronteira, que atuava em nome também da sua parceira na ação, praticou diversos atos simulatórios do propósito de fazer acordo, o que importava, pois, em aceitação da sentença. Apesar disso, com evidente má-fé, inclusive com mero intuito protelatório, recorreram da sentença.

Em maio do ano passado, 2014, a ação de indenização por dano moral requerida por mim em Goiânia foi afinal julgada. A bem-fundamentada e lúcida sentença proferida pelo juiz, doutor William Costa Melo, condenou a Ré, a filha primogênita de João Guimarães Rosa, a me pagar indenização de trinta mil reais e a publicar a sentença nos principais jornais do País. A Ré, nem é preciso dizer, apelou – mas apelou fora do prazo. O juiz declarou tal intempestividade. A Ré agravou do despacho do juiz. O Tribunal de Justiça rejeitou mais esse agravo – o quarto ou o quinto recurso interposto pela Ré nesse processo. Também eu apelei, mas apenas para aumentar a quantia da indenização de trinta para cento e vinte mil reais, com o intuito de reforçar a significação simbólica da sentença condenatória.

No processo da comarca do Rio, a apelação da sentença foi julgada pelo Egrégio Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, na sua Segunda Câmara Cível, no dia 8 de outubro de 2014. Histórica, memorável, marcante decisão. Por unanimidade (foi Revisor o ilustre Desembargador Alexandre Antônio Franco Freitas Câmara), o Tribunal aprovou o lúcido,

corajoso, honestíssimo, bem-fundamentado, impecavelmente bem-escrito, prudente e sábio relatório, parecer e voto da Relatora, Desembargadora Elisabete Filizzola Assunção, que negava provimento à apelação. Em consequência, além de confirmada a anulação da proibição do livro, tornaram-se definitivas, com esse acórdão do tribunal fluminense, as decisões pronunciadas a respeito das questões de fato do processo – a ocorrência de plágio e de danos à imagem de João Guimarães Rosa –, de acordo com súmulas do Superior Tribunal de Justiça (Súmula 7) e do Supremo Tribunal Federal (Súmula 279). Sendo assim insusceptíveis de reapreciação judicial tais decisões, a sentença já pode ser executada, o que tenciono fazer dentro de breve tempo. Também a decisão sobre a questão constitucional suscitada no caso não mais se sujeita a recurso, uma vez que ela afirmou com total clareza a justíssima tese do primado da Constituição Federal (art. 5º, inciso IX) na questão denominada de "biografias não autorizadas". Assim, a decisão do Egrégio Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro declarou a inconstitucionalidade da interpretação com que algumas pessoas, imbuídas de evidente má-fé, têm dado ao artigo 20 do Código Civil com o intuito de lhe atribuir uma significação proibitiva que não possui.

Não desistindo nunca de litigar contra o direito e a justiça, as autoras vencidas interpuseram, dias depois, como se presumia que o fizessem, contra esse acórdão do Egrégio Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro – que negara, repito, provimento à apelação —, recurso especial ao Superior Tribunal de Justiça e recurso extraordinário ao Supremo Tribunal Federal. O Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, por intermédio da sua Terceira Vice-Presidente,

Desembargadora Nilza Bitar, em preciso e lúcido despacho, negou seguimento aos recursos no dia primeiro de dezembro. Oportuno e justo registrar, de passagem, que a Desembargadora Nilza Bitar, em seu modelar despacho denegatório, menciona a – digo eu – deplorável insistência das autoras vencidas em recorrer de decisões juridicamente perfeitas, inatacáveis, justas. O intuito é evidentemente o de procrastinar o fim do processo, mas essa insistência demonstra a elevadíssima e incontrolável dose de filtrado dolo, ainda que vão, com que têm atuado elas no doentio afã de destruir o inimigo que elegeram. Como era presumível, as autoras interpuseram, contra esse perfeito e salutar despacho da Desembargadora Nilza Bitar, recurso de agravo, rejeitado pelo STJ no dia 17 de março último em decisão do Ministro João Otávio de Noronha. As recorrentes ainda apresentaram, no dia 24 de março, recurso de Agravo Regimental, ainda não julgado.

Em consequência das sucessivas decisões, perfeitas e inatacáveis, deflagradas pelo heroico laudo da perita do juízo, nas duas instâncias da justiça do Estado do Rio de Janeiro, eu afinal me vi e me senti livre da terrível pecha e labéu, que com estranhíssimo ímpeto destrutivo a filha primogênita de João Guimarães Rosa e a sua editora tentaram atirar contra mim, de haver cometido plágio no meu livro sobre João Guimarães Rosa, e consegui ver reafirmado o direito à livre expressão intelectual e artística no Brasil.

Não preciso dizer que a acusação de cometimento de plágio se constitui na mais grave acusação que pode ser feita a quem publicou um livro. É uma acusação dotada de terrível poder destrutivo: se provada, possui uma força moral e intelectualmente letal. Por conseguinte, a filha primogênita

de João Guimarães Rosa e a Editora Nova Fronteira, o que tentaram fazer com a sua nefanda, nefária, vil, má, desonesta ação judicial, pode-se dizer que foi cometer homicídio – moral e intelectual – contra mim, um autor quase desconhecido, mas que escrevera e publicara um livro para elas inaceitável. Elas me consideraram um concorrente, um adversário, um inimigo, que era preciso suprimir, e tentaram fazê-lo com a mesma frieza e cálculo e crueldade com que se conta que atuam os membros de todas as máfias. Com a diferença de que, ante a óbvia impossibilidade e inconveniência de produzir a minha eliminação física, julgaram possível trocar revólveres e metralhadoras – que só servem para matar o corpo – pela destruição moral indireta. Mas a sua tentativa de assassinato moral foi devida e justamente repelida, mediante decisões perfeitas, modelares, pedagógicas, pela justiça do Estado do Rio de Janeiro: em primeiro grau, pelo juiz do processo na comarca da capital, e, em segundo grau, pelo Tribunal de Justiça. As etapas do processo de desconstrução da calúnia – e da violência contra a liberdade de criação intelectual – se sucederam com exemplar afirmatividade, sabedoria, clareza e firmeza. Primeiro, a solitária vela acendida no escuro pela digníssima perita do juízo; em seguida, a histórica sentença com que o juiz da ação multiplicou essa vela solitária em um feérico espetáculo de luzes acesas em toda a cidade do Rio de Janeiro, com naturais e fortes reflexos iluminadores em todo o Brasil; e finalmente o completo e geral acendimento de mais luzes salutíferas com as quais o acórdão do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro iluminou, com máxima sabedoria judicante, o Brasil e o mundo – acórdão esse logo completado pelo despacho denegatório do seguimento dos recursos extraordinário e especial.

A cada etapa desse processo de realização de justiça, minha alma se sentiu cada vez mais curada e livre das dolorosas feridas abertas pela injustíssima, absurda ação judicial iniciada, com motivações e propósitos inconfessáveis – mas fáceis de serem supostos e suspeitados –, em julho de 2008. A justiça do Estado do Rio de Janeiro me fez compreender, com mais força do que eu já sabia, que, neste mundo e nesta vida, a justiça é um direito e um acontecimento que com frequência se realizam com perfeita exatidão e com indescritível beleza; e que eu me comportara com muito bom-senso ao confiar, o tempo todo, nessa verdade simples.

Concluindo este depoimento, preciso registrar também, com a devida ênfase e gratidão, os vários e sucessivos atos de solidariedade, reconhecimento e implícito desagravo de que fui largamente alvo e beneficiário, a partir da proposição da errônea ação judicial contra meu livro. Primeiro, a ocorrência, que já referi, de dezenas de artigos de autorizados escritores (muitos deles de Minas Gerais) em jornais e de várias notas oficiais de representativas e respeitadas entidades culturais, de classe e políticas, unânimes e uníssonos na defesa da liberdade de expressão e na consequente condenação e repúdio à proibição do meu livro. (A questão da acusação de plágio não foi referida, mas entendo que possa ser considerada implícita nesses documentos, embora a explicitude fosse bastante recomendável, porque a mim moralmente necessária.) Em paralelo ao andamento da ação no âmbito judiciário, fui eleito, em Brasília, membro da Academia de Letras do Brasil, do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal e da Academia Brasiliense de Letras; em Goiânia, a Câmara Municipal de Vereadores me concedeu a Comenda Colemar

Natal e Silva, destinada a reconhecer o mérito de pessoas que prestaram benefícios à capital goiana, e o título de Cidadão Honorário de Goiânia; e a Academia Goiana de Letras me concedeu o Troféu Goyazes por minha obra de romancista. Em São Paulo, fui convidado a participar de um encontro de escritores em Espírito Santo do Pinhal, em agosto de 2012; em seguida, fui convidado, pela União Brasileira de Escritores São Paulo, a falar, em novembro desse mesmo ano de 2012, sobre o tema "biografias não autorizadas" no Congresso Nacional de Escritores em Ribeirão Preto; e fui, indicado, também pela UBE de São Paulo, para representá-la na audiência pública realizada pelo Supremo Tribunal Federal, sobre o mesmo tema, no dia 21 de novembro de 2013.

Oportuno dizer que, com esta explicação que julguei necessária à conveniência de prestar o devido esclarecimento público sobre os fatos ora relatados, tenciono não mais voltar a este assunto.

ALAOR BARBOSA é Advogado e Escritor. Tem dois novos livros em fase de finalização editorial: Mais histórias para ler e lembrar, de contos, e A SOLIDÃO E A CORAGEM DE CADA UM, romance. Devem sair ainda neste semestre.

Vida e Obras de Elodia Ribeiro da Costa

Carmen Lúcia Freitas de Mendonça

À Academia Morrinhense de Letras tenho a honra de pertencer, tendo como patrona a senhora Elodia Ribeiro da Costa, natural de Morrinhos, filha de Major Limírio Ribeiro Quinta e Ana Amélia da Glória. Casou-se com Oséas Antônio da Costa, escrivão do cartório do crime, e tiveram os filhos: Odete, Ondina, Odila, Maria Amélia, Suzana, Osvaldo, Otacílio, José e Oséas.

Cursou até o segundo ano primário. Sabia manter conversas sobre variados assuntos; pode-se afirmar que se tratava de uma pessoa culta, adquiriu os conhecimentos através do hábito da leitura, identificando-se como uma autêntica autodidata. Mantinha-se informada sobre acontecimentos nacionais e internacionais. Era sensível à música, literatura, política e arte. Conduzia sua vida extremamente caseira, concentrava-se nos afazeres domésticos durante o dia e no rádio ou leitura à noite. Não foi apenas leitora como também escritora, poetisa.

Muitas vezes, atendendo anseios de sua alma, depurada na dor e no sofrimento, ela escrevia.

Movida pelas perdas, deixava extravasar sua paixão e amargura.

Em 1927, morre seu filho Oséas, estudante de medicina em Belo Horizonte.

Morre Osvaldo, o secundarista de Engenharia.

Em 1935, mais uma perda querida para Elodia, a morte do filho Otacílio. Mais cicatrizes no coração, dilacerado pelo destino e impotente a uma vontade maior.

Em 1967, mais um luto, a morte da filha Maria Amélia, professora no Colégio Estadual Xavier de Almeida e Ginásio Senador Hermenegildo de Morais. Faleceu no Rio de Janeiro, seus restos mortais foram trazidos por via aérea e sepultados em Morrinhos.

A senhora Elodia entristeceu para sempre. Dedicou um álbum à Maria Amélia, abrindo-o com estes dizeres: "Este é o meu livro, o livro da dor, o livro da amargura" - Ano 1968. Há páginas e páginas dedicadas à filha.

Noites de Insônia – à Maria Amélia

Foste, ó minha Maria,
Deixando-me só,
Tão sozinha
Na noite fria!

É profunda a sensibilidade de Elodia na arte de colocar suas palavras revelando sua dor e sentimentos. Para os outros filhos que perdera, ela dedicou sentidas palavras:

Para Oséas

Convulsionada por dilacerantes soluços, hoje no dia de teu aniversário, em que completarias 20 anos, se ainda aqui

estivesses, se ainda fizesses parte do número dos vivos, venho falar contigo.

Tombaste, violentamente, foste traiçoeiramente surpreendido pela morte, quando dois dias antes fazias cálculos esperançosos! Fostes, levando contigo, meu coração.

Para Osvaldo

À memória de Meu Filho
Osvaldo Benedito da Costa

... Foste, meu filho, quando cursavas
O segundo ano de engenharia, aprovado
Com louvor, e a fatalidade tudo
Destruiu, deixando-nos o fracasso
De sua esperança!

Para Otacílio – diante das pedras dos túmulos:

A Pedra

Oh, Pedra, se tu falasses
Que dirias de uma dor?
Junto de ti soluçante alguém chorou lágrimas de puro amor
Do filho que não mais voltou...

Quanto à vida que lhe trouxera muitas dores.

Vida Ingrata

Choro, meu Deus, choro esta vida
Como a criança perdida

Sem lar, nem carinho, sem amor.
Vagueando sem rumo, mundo a fora
Sentindo a vida, encontrando a dor...

Quanto à natureza, lenitivo que a poetisa buscava nas flores de seu jardim, à sombra das árvores do enorme quintal.

A Paineira

Bela e majestosa, qual Vênus iluminada de mágicos encantos.
Num rico esplendor de verdes folhas, flores deslumbrantes,
Quisera-a assim, o Divino Criador...

Manacás

Manacás,
Flores de arte de divina inspiração.
Cantar-te quem pode, com sublime perfeição?

Para os Filhos e Netos

Aos Filhos e Netos

... Olhai a grande área, nela encontrarás vestígios de meus passos,
E à sombra das velhas mangueiras, paira, do meu espírito,
A essência do amor, a tudo que era a minha vida!
Os anos passarão, outras gerações hão de vir, mas,
A essência daquele amor, ali perdurará sempre! Sempre...

1967

Elodia Ribeiro da Costa, escritora, poetisa, é um grande exemplo de mulher forte que fez suas confidências nas letras, permitindo à sua alma compartilhar emoções.

Merecidamente, seu nome faz parte dos literatos morrinhenses.

Poema inédito de Elodia Ribeiro da Costa – Início do século XX

Meu Ideal

Ó como eu queria
Que me quisesses bem
Com o mesmo bem
Que eu te queria
Da luz suave do luar
Esse bem que não mais pedia
Que a luz de teu olhar
Foi assim que eu te quis
Num ideal de puro amor
Das irradiações do céu
Fluído celestial
Nos escrínios fechados
Das mãos divinas
Em aljôfares derramados
Mas a tua mocidade em flor
Da vida pede mais
O amor que encanta fascina

O amor ardente!
Sem que possas jamais
Meu sentimento compreender
Por isso finjo-te indiferente
Do meu ideal apenas viver
Querendo como eu te queria
Como sempre hei de querer-te
No ideal de puro amor
Tendo algo divino algo sonhador
Das irradiações do céu

Elodia Ribeiro da Costa.

Biografia da Acadêmica: Carmen Lúcia Freitas de Mendonça – Cadeira nº. 02

Carmen Lúcia Freitas de Mendonça nasceu em Morrinhos, Goiás.

Formou-se em Letras e Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ituiutaba, Minas Gerais.

Especializou-se em Supervisão Escolar e Inspeção Escolar no Centro de Capacitação Pessoal, em Goiânia.

Tem participado de Congressos Educacionais, Simpósios e Seminários em diversos Estados do Brasil.

Já publicou vários livros:

Descubra Labarc, em 1991, de literatura infanto-juvenil.

Coleção Bem-Te-Vi, composta de oito livros, abordando a Iniciação Religiosa, Ecologia, Artes e Peças Teatrais, destinados ao primeiro segmento do Ensino Fundamental, em 1992.

Foi por dezenove anos docente no Campus Universitário UEG, Morrinhos, nas disciplinas de Didática, Psicologia da Educação, Literatura Brasileira, Orientação para Estágio Supervisionado e Literatura II, Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa e Literatura II.

Lançou, em 2004, o livro Morrinhos na Arte de Escrever Bordando.

É uma leitora assídua, gosta de escrever, pintar, ama sua profissão de educadora e está à frente da Escola Cri-Ativa desde 1970.

Tem paixão pelos Haicais – uma modalidade de literatura japonesa que significa dizer muito em poucas palavras.

Seu livro de Haikais já está sendo encaminhado para uma gráfica e, possivelmente, será lançado no final do ano.

Outro livro: Vida e Obras de Elodia Ribeiro da Costa, sua patrona na Academia Morrinhense de Letras, está sendo organizado. Carmen Lúcia Freitas de Mendonça ocupa a cadeira número 2 da AML – Academia Morrinhense de Letras.

Primavera no Ar

O
Sol
Nascendo
No horizonte
De cores quentes,
Brilhantes
Timidamente,
Seus raios,
Às flores
Vem tocar.

Desperta
Um jardim
Bem traçado,
Povoado,
Desde
Gramíneas floridas
Ao mais crescido
E perfumado manacá.

– Assim começa a festa,
Primavera no ar!

Rosas,
Cravos,
Estão
Bem agitados,
Mas
Sem brigar!
Papoulas vaporosas,
Voltadas
Para o lago,
Acompanham
Os narcisos,
Que,
Nas águas,
Ficam
A se espelhar.

– Nesta
Festa,
Eu quero entrar!

Perpétuas sorridentes,
Hortênsias dengosas,
Violetas contentes,
Azaleias charmosas,
Lírios elegantes,
Petúnias insinuantes,
Todos se movimentam
Para lá
E
Para cá,
Acompanham
A orquestra
Das cigarras,
Que, em coro,
Estão
A ciciar.

– Assim começa a festa,
Primavera no ar!

Beija-flores,
Borboletas de mil cores
Bailam, disputando, quais
Flores
Primeiro vão beijar.

– Nesta festa,
Eu quero entrar!

Há
Tantas flores
Que mil admiradores,
Não bastam
Para
A
Todas cortejar!

– Assim começa a festa,
Primavera no ar!

Carmen Lúcia Freitas de Mendonça.

Planeta Anis, Anil

Primeiro
Foi por Gagarin
Admirado.
Tamanho foi
O encanto
Que o astronauta
Deslumbrado exclamou:
- O planeta Terra é azul!
Esse planeta querido
Por Deus foi escolhido
E ao homem
Ele o doou.
Do universo,
O mais belo,
Magnífico,
Com mares, terras e céus.
A natureza
De Deus revestida
Colocou muitas vidas
Nas águas de cristal.
O planeta
Terra,
Envaidecido,
Com sorriso de
Criança,
Girando feliz
Adormeceu.

Acordou
Sufocado
Meio agitado,
Respirando muito mal.
Empalecido, cor de cinza,
Dor profunda ele sentiu.
Cogumelos de poeira e
Fumaça com fúria
De gigante, devastando
Arrasando.
O mar escuro, cheio de entulhos.
Regiões sem matas
E sem cascatas.
Rios desabitados
Sem pureza e clareza,
Precocemente envelhecidos
Na adolescência.
– Quanto desamor!
Atormentado,
Aos céus, suplicou:
– Não me deixe
Esquecido nesse
Universo infinito,
Não sou cinza,
Sou azul.
Socorra-me,
CRIADOR!

Carmen Lúcia Freitas de Mendonça.

Infância

Casa pequena,
onde crianças nasceram,
brincaram com bonecas, gato, mulata,
cachorrinho, até pernas de pau.
Viram no mundo a esperança,
sem dor e nenhum mal.

Carmen Lúcia Freitas de Mendonça.

Hai-Kais

Relógio carrilhão,
marco de tristeza
no coração.

Água jorrou,
na mão e na flor,
o beija-flor parou.

Ruflar de asas
alegria total,
pardais, em banho
matinal.

Ao Patrono:
Bruno José Vieira

Nasceu no dia 27/09/1920, em Morrinhos, filho de Vicente José Vieira e Luiza Sérgia Vieira. Cresceu e se criou no meio de instrumentos musicais, ouvindo e vendo o pai tocar. Aprendeu, assim, desde cedo, a entender o significado das notas, a decifrar as partituras, a tocar instrumentos de sopro ou corda. Além de tocar instrumentos, começou a compor músicas e a sua primeira inspiração foi a rancheira "Terezinha", feita para Terezinha Rodrigues.

Fez os estudos primários no Grupo Escolar Cel. Pedro Nunes e o Curso Complementar e 1º. e 2º. Ano Normal na Escola Normal de Morrinhos, fundada pelo Prof. José Cândido. Nessa escola aprendeu os rudimentos de teoria musical com a Profa. Mariquita Costa, passando a ser autodidata na música, companheira de toda a sua vida. No Colégio das Irmãs Agostinianas termina o curso Normal. Mais tarde, já casado com Mirtes Neves de Castro Vieira, fez o curso de Técnico de Contabilidade na Escola Técnica de Comércio Gaspar Bertoni, dos Padres Estigmatinos. Foi professor de canto no Ginásio Senador e no Colégio Estadual Xavier de Almeida. Também foi professor de Educação Artística. Sendo ouvinte dos programas

da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, por meio do Maestro Radamés Gnattali, teve várias de suas músicas gravadas, como o fox "Nanci", o baião "Delicioso", o dobrado "Glorioso Jubileu", feito este em homenagem à Rádio Nacional. Também a valsa "Vera", como também a valsa "Sonho Oriental", o choro "Enlevo" e o baião "Predileto", foram cantados por Nuno Rolan.

Seu estilo preferido era o romântico e nele se destaca: "Ingratidão", "Réplica", "Sentimento Materno", "Mirtes" (dedicado a sua esposa), "Perene Amor" e exaltação a Morrinhos, como "Noites Morrinhenses". Compôs também o Hino a Morrinhos. A música "Morrinhos, Cidade dos Pomares" é muito apreciada por todos que amam esta Terra. A história da música de Morrinhos é a própria história da família Vieira. Faleceu Bruno José Vieira em 1985, mas deixou seu nome imortalizado por meio de várias canções.

Biografia da Acadêmica: Cleusa Marina Silva Freitas Cadeira nº. 03

Cleusa Marina Silva Freitas nasceu em Morrinhos em 05/06/1956. Seus pais: João Afonso da Silva e Maria Luiza da Silva. É casada com Cleumar Gomes de Freitas e possuem três filhos: Tiago, Maria Cecília e João Gabriel da Silva Freitas. Possuem duas netas, gêmeas, filhas do Tiago e Laura: Mariana e Maria Luísa. Cleusa viveu a sua infância na Fazenda Vinagre, perto do Povoado do Currião.

Fez seu curso primário no Grupo Escolar José Cândido. Lembra, com saudade, de suas professoras de então: Jacinan Troncoso, Maria da Purificação F. Borges, Maria Helena Saldanha, Cleide e Elza Silva. O curso ginasial foi cursado no Colégio Estadual Xavier de Almeida, com grandes mestres como: Zilda e Nilza Diniz, Jair de Freitas, Mariza Villefort, Halina Felter, Bruno Vieira, Gildo Xavier, Brasilino Dallara, dentre outros. O segundo grau (Técnico em Magistério) aconteceu parte no Ginásio Senador, com seu diretor Pe. José Luiz Nemes e parte no Colégio Sylvio Gomes de Mello, sob a direção de Sonia Maria Sampaio Xavier de Oliveira. Ali fez parte de agremiações e do Centro Cívico da Escola. Foi funcionária do Banco do Brasil por trinta anos. Nesta época fez vários cursos, por correspondência, com o grande gramático Napoleão Mendes de Almeida, na área de Língua Portuguesa e Latim. Também participou da Fundação Banco do Brasil, atuando como Instrutora do BB-Educar com atuação em cursos de Formação para Alfabetização de Jovens e Adultos, notadamente no norte/nordeste do país: Bahia, Piauí, Ceará, Pará. Sempre atuou junto a movimentos da igreja Católica e por vários anos (cerca de 15 anos) auxiliou no Programa Voz da Paróquia e editoria no Jornal Informativo Voz da Paróquia. Colaborou, com artigos, em jornais da cidade. Participou de vários concursos literários e recebeu várias menções honrosas e também foi vencedora em concursos de poesia e contos/crônica. Em 1998, prestou vestibular na UEG, para o Curso de Letras e ali, também, fez pós-graduação na área de Estudos da Língua Portuguesa: A Língua Materna no Contexto da Sala de Aula. Teve resenha crítica publicada em livro sobre a obra Mar Morto de Jorge Amado, com o título "Amado Jorge

Amado". É membro fundadora da Academia Morrinhense de Letras. Faz parte da SDLM – Sociedade Dramática e Literária de Morrinhos. Participou por 22 anos do Lions Club de Bom Jesus, Goiatuba e Morrinhos. Hoje participa do Rotary Club de Morrinhos "Cidade dos Pomares", como rotariana e dama rotária (hoje na função de presidente) da sua respectiva Casa da Amizade. É presidente da AFM – Associação Feminina de Morrinhos. Foi professora na UEG por 12 anos, no Curso de Letras, tendo exercido também ali a função de Coordenadora do Curso. Hoje é professora de Língua Portuguesa, Literatura e Produção Textual do CEM – Colégio Equilíbrio de Morrinhos.

Poesias de Cunho Social

Pretinha

E lá vem a pretinha desairosa
Fritando os pés na cáustica calçada,
Sola nívea de pé, pela purificação.
Carrega em seu corpinho ágil
Marcas de desafeto,
Censura no próprio nato,
Vontade de renascer.

E se aproxima a pretinha petulante:
– Dá-me um dinheiro, senhora!
Nos olhos um misto de pedir e exigir,
Os dentes de marfim se mostram num sorriso
Entre irônico e brejeiro,

As mãos se estendem empenhadas na petição.
Apalpo-a, de leve, na cabecinha fofa,
Passo-lhe, apressada, míseros cruzeiros,
Fazendo de conta que mato a fome do mundo...

E lá vai a pretinha desamparada...

Cleusa Marina Silva Freitas.

Multidão

Corre água, corre gente,
Promiscuindo-se na enxurrada do dilúvio.
Correm ideias e ideais
Buscando cruzar com o itinerário da esperança.

Que estancou-se pelo caminho,
Que degringolou-se da finalidade primeira e última.
Corpo inerte, levado pelas águas,
Arrancando a individualidade sua e a de outros.

Errando no que busca acertar,
Acertando no que merece errar.
Brota, meu Deus, deixa brotar,
A razão para a qual se é criado: SER FELIZ!

Cleusa Marina Silva Freitas.

Dia de Boia-Fria

O "Chão do Estado" despertou
Com o acontecer de um novo dia,
De nova labuta de ganha-pão
Que se procede nesta colheita de algodão.

Cantam mulheres, crianças e caçarolas,
Transformando em arroz com feijão,
Sustento do corpo em pé, em procissão,
Sina do trabalho que Deus lhe deu.

Os homens, com resmungo preguiçoso
Em cama dividida e,
Às vezes, permutada,
Morosamente, põem-se no vestir.

Em seus corpos, ora obesos,
Ora raquíticos e embaçados,
Exala uma mistura heterogênea
De suor, poeira impregnada e aguardente.

E não demora.

Em passos miúdos e ligeiros,
Atendem, solícitos, o soar
De um fom-fom imponente
De uma condução de boia-fria.

E a fileira em fantasia,
Retalhos de panos cobrindo
Rostos e ombros, firmados
Por chapéu de fundos vazados.

Os caldeirões tilintam em solavancos,
Olhos maliciosos e enviesados
Saboreiam pernas de menina-moça
À mostra, entre farrapos que se parecem saia.

E a tarefa é árdua.

Cantos animadores são balbuciados
Pelas bocas ressequidas pelo sol ardente,
As pernas se entrecortam, bambas, pelo excesso de retidão,
A fome dói, bate sem aviso.

À tardinha, retorno.

As fileiras gangorram pelo cochilo
Dos passageiros, que se aparam entre si.
O chefe de família se sente grande, apalpando,
Iludido, a recompensa irrisória que habita seu bolso.

Descem apressados.

Loucos por casa, pelo rancho.
O pai decide estacionar num boteco.
Debruça-se no balcão e vocifera em bom tom:
– Me dá uma pinga aqui, muleque!

Cleusa Marina Silva Freitas.

Poesias de Cunho Religioso

Égide

Se o canto chora,
ELE encanta.
Se a morte apaga,
ELE salva.
Se a mente cansa,
ELE revive.
Se se vive triste,
ELE sonha.
Se a fome aguça,
ELE sacia.
Se a sede aperta,
ELE é fonte.
Se o pobre é pobre,
ELE lhe dá o Reino.
Se o tudo é nada,
Do nada ELE faz tudo.
Se a vida não é mais vida,
ELE ressuscita.
NOSSO ARRIMO, NOSSO ABRIGO,
NOSSA PERENE LUZ QUE NÃO SE APAGA!

Cleusa Marina Silva Freitas.

Desejo

Quero levar desta vida,
Seu sorriso, cheiro de você,
Seu pedaço de gente
Sua cabeça sadia.

Quero levar desta vida
Um alento,
Uma realização,
Uma mão socorrida,
Um azul da Terra,
Para o mais azul do Céu.

Quero levar desta vida
A liberdade do corcel,
A pureza dos olhos dos filhos meus,
A saciez das águas,
Um aceno seu.
Quero levar desta vida
O que não tinha...
E ganhei.

Cleusa Marina Silva Freitas.

Poesias para os meus filhos

Sonho Doce (para Maria Cecília)

Olhos de jabuticaba,
Abertos, despertos, acesos.
E, então, devagarinho, de mansinho
Num instante e, não sei como,
Dormem, e dorme toda.

Bochechas rosadas: repousando.
Os lábios soltos: desprendidos.
As mãozinhas inseguras
Buscando proteção: aquecidas.
Sorriso esboçado: sonha.
Sonha com anjos, fadas e palhaços.

Sonha com o seu mundo
Intocável, puro, santo, inocente.
Mundo de paz e seu somente,
Mundo onde ainda se é feliz.
E de repente,

Olhos de jabuticaba,
Abertos, despertos, acesos...

Cleusa Marina Silva Freitas.

Pingo (para Tiago)

Um pingo de doçura desprendeu-se
Dos céus.
Num corre-corre, expectativa e
Alegria:
Fez escarcéus.
Um pingo robusto, rosado, chorão.
Causava curiosidade, ternura e
Admiração!
Pequeno, indefeso, surpreso (abria os
Olhinhos pesquisando o sincretismo humano)
E o quarto em cochichos:
"São azuis, são cinzentos, são pretos!"
"É a cara do pai!
"O queixinho é o da mãe!"
E este pingo de gente
Dormia, dormia contente,
Pois foi, foi muito querido...

Cleusa Marina Silva Freitas.

Amores

No início
Os amores são Vinícius
São paixão
Precipícios
São vertigem
E são vícios.
São rosa da rosa
Infinitos enquanto duram
Enquanto dormem
Enquanto duros.

Maduros, então,
Os amores são Drummond
São do mundo
Do "mundo, mundo, vasto mundo"
São João
Tereza
Raimundo
São pedras
São caminhos
São amados e mal-amados
Olhos virados.

No fim...
Bem, no fim (Nota: não cheguei ao fim)
No fim, acho que os amores são Bandeira
São dores
Tangos argentinos
São vida inteira
Não foram,
Mas podiam ter sido.

(Autor: meu filho João Gabriel, que se fez poeta)

Maria Luísa / Mariana (minhas netas)

Gêmeas Marias,
Juntas recriam
Minha posteridade.

Uma nívea, luz
Da minha vida!

Outra, flor da noite,
Esperança em sorrisos.

Ambas... perenidade
Dos meus sonhos!

Poesia de amizade

Dois compadres

Quando vir a minha casa
Não entre assim em silêncio
Me sobressaltando a presença
Em, de repente, surgir.

Entre, alegre, discreto,
Dê um cumprimento irmanado,
Pergunte pelos filhos, marido,
Fale do seu decorrer.

Não se prenda a etiquetas
E nem brilho de limpeza,
A minha casa é singela
E quer simplicidade à sua mesa.

Não fume em baforadas,
Não conte piadas picantes,
Mas fale de assuntos interessantes,
De coisas do bom viver.

Traga um violão seresteiro,
Tome um gole de vinho tinto,
Relembre o morro, o caramanchão e a paixão
Entre versos e a voz já rouca.

Conte "causos" já passados,
Da infância e juventude,
De coincidências desencontradas
Daquelas que fazem rir.

Fale da esperança, de sonhos,
Transcenda o corriqueiro
Revele passagens heroicas,
De quem é sempre companheiro.

Mas, uma coisa só peço,
Não ultrapasse a meia noite,
Pois... O sono me fecha os olhos
E bem de manhã o trabalho me abraça.

Cleusa Marina Silva Freitas.

Conto

Meia-Sola

Cleusa Marina Silva Freitas.

Morávamos num casarão à Rua Alagoas, esquina com a Rio de Janeiro, local estratégico para o acesso ao Matadouro. Naquele ano, estávamos em número de cinco, morando com o Vovô Luiz e a Vozinha, para estudar. Estando com os avós, andávamos segundo as suas rígidas orientações: "Pra rua não ia ninguém brincar e saracutiar; somente no quintal e olhe lá..."

Depois das tarefas domésticas e escolares, a nossa diversão preferida era debruçar nos janelões, que mediam o tamanho de uma porta; de lá apreciávamos o escasso movimento. Mas tínhamos as nossas atrações costumeiras: o pessoal da "alta" sociedade que transitava para a Piscina do Jóquei Club; as boiadas que iam para o Matadouro (era o máximo quando uma ou outra cabeça "estourava") ou quando chovia forte e formava uma enxurrada, ruídos, insinuando cachoeiras, que tomava conta do leito seco da Rua Rio de Janeiro. Aí sim, "morríamos" de vontade de andar naquele mar de águas vermelhas (como os filhos da viúva dona Divina), mas... nem pensar! Vozinha admoestava: "Onde já se viu, essa água vem do Cemitério!" Isso queria dizer: PROIBIDO!

Porém, tínhamos também uma missão muito especial, sempre no final da tarde: vigiar a passagem do "Seu" Quitito. Isso deveria acontecer quando nossa avó avisasse: "Hoje tem coisas pra dona Leonor". E a gente conhecia a história. Perto do córrego Maria Lucinda havia um pequeno barraco, dependurado em sua margem direita, que abrigava um "Seu" Quitito com uma penca de sete filhos amiúdados e uma mãe acamada - doença incurável. Aquele pai, sem bens e profissão, lutava para tentar dar o que comer aos filhos ainda menores. Nem precisava dizer

o quanto de ajuda era ali necessária. À tarde, de prontidão na janela, eis que avistávamos o chapéu sem tampo do pobre senhor, calças amarradas com um cordão, na altura acima do umbigo e as nádegas murchas de tanto apanhar da vida. Corríamos até a cozinha e: "Vozinha, "Seu Quitito!" Ela apanhava, rapidamente, o embrulho que ora era banha, lá do Açougue Oliveira, ora biscoitos e frutas; também roupas e, disputávamos a entrega ao pobre homem. Quem era mais esperto, apanhava o pacote e descia correndo as escadas, para pegá-lo na esquina. Quando recebia a oferta, ele esboçava um sorriso tão doce – assim de mel – e os olhos brilhavam gratidão. Sem graça, quando era minha vez, eu abaixava os olhos e meu coração partia ao ver seus pés no chão, retalhados, trincados pelo pó – consequência de seu trabalho de "fazer de tudo".

Duas décadas e meia depois, cada qual seguindo a sua vida, casamento, trabalho, filhos. Vi-me tentando fazer um trabalho filantrópico, armando uma barraca na Festa da Pecuária. Enquanto labutávamos em tudo limpar e deixar a contento, apareceu-me o chefe da limpeza do Parque e se aproximou solícito: "Vou lhes mandar um ajudante de limpeza". Sorri agradecida. Minutos depois, eu abaixada, ajuntando uns cacos de vidro quebrado, vi-me rodeada pelo "tal" ajudante prometido, com uma pá para recolher o lixo. Olhei de lado e deparei-me com uns pés semi-nus, mal protegidos por uma carcaça de botinas, dedos retalhados por pó e suor. Fui-me levantando e eis a surpresa: ali, diante de mim, inacreditável, estava "Seu" Quitito. Os lábios mais finos, a boca côncava pela falta de dentes e o mesmo sorriso manso, agora de algodão. Sorri, um sorriso mesclado de surpresa e tristeza de ver aquele homem tão acabado!... Tanto tempo, tantas mudanças, tanto progresso e... A mesma via crucis para esse filho de Deus! Volvi os olhos aos seus pés e constatei: não lhe deram nem vez, nem dignidade e... nem sequer... uma MEIA-SOLA!...

Ao Patrono:
Senador Hermenegildo Lopes de Morais

Conforme a escritora Zilda Diniz Fontes relata em seu livro **"Morrinhos: De Capela a Cidade dos Pomares"**, Hermenegildo Lopes de Morais Filho, não nasceu em Morrinhos e sim em Santa Rita do Paranaíba, no dia 6 de outubro de 1870. Veio, porém, muito criança para Morrinhos, onde estudou as primeiras letras, depois do que teve de deslocar-se para o Estado de São Paulo. Ali fez o curso preparatório e o de Direito, recebendo grau de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais no ano de 1891.

Retornou, então, a Morrinhos e começou a exercer a profissão. Pela influência de seu pai na política do Estado, seria de esperar, naturalmente, que o filho ingressasse também nela. Não demorou, pois, e o jovem advogado viu-se eleito Deputado Federal (1894), cargo para o qual se reelegeu em diversas legislaturas, tendo feito parte da Comissão do Código Civil. Continuando sua trajetória política, foi eleito Senador da República em 1909 e ao depois presidente do Estado, mas não chegou a ocupar o Palácio Conde dos Arcos em virtude de mudança brusca nos destinos políticos de Goiás.

Foi graças aos ingentes esforços empreendidos no Parlamento Nacional, desde 1895, que se construiu a ponte

Afonso Pena, sobre o rio Paranaíba, cuja inauguração se realizou no dia 15 de novembro de 1909. Senador Hermenegildo conseguiu o prolongamento da linha telefônica de Santa Rita do Paranaíba (Itumbiara) até as cidades de Rio Verde e Jataí; a criação do Posto Experimental de Monta, que funcionou por longos anos em Morrinhos.

Uma das grandes preocupações de Hermenegildo Lopes de Morais era a educação em sua terra e, quando viu que não lhe seria mais possível para isso, em virtude da proximidade da morte, pediu à esposa que empregasse parte dos seus bens na fundação de escolas em Morrinhos.

No dia 6 de dezembro de 1925, sem terminar o seu segundo mandato de Senador da República, faleceu no Rio de Janeiro Dr. Hermenegildo Lopes de Morais Filho. Seu nome batizou as escolas secundárias fundadas pela esposa e a rua que principia na praça Cel. Hermenegildo, seu pai, batizada pelo povo de Praça do Coreto.

Biografia do Acadêmico: Darcy Chaves Júnior Cadeira nº. 04

Darcy Chaves Júnior; nascido em 21/06/1958; natural de Morrinhos, filho de Darcy Chaves e Dolores Troncoso Chaves. Casado com Ana Maria Romano Barbosa Chaves. Filhos: Juliana Romano Troncoso Chaves, João Paulo Romano Troncoso Chaves, Túlio Romano Troncoso Chaves.

Engenheiro Civil, Graduado Pela Escola de Engenharia da Universidade Federal de Goiás em 1982.

Morou em Morrinhos até 1973, indo para Goiânia cursar o 1º ano do segundo grau, onde estudou no Liceu de Goiânia (Humanas), Escola Técnica Federal (Ensino Técnico em estradas incompleto), Colégio Universitário (COLU) (Exatas e Biológicas), Colégio Carlos Chagas (3º ano do segundo grau).

Em Morrinhos, estudou no Jardim da Infância Celestino Filho, Colégio José Cândido (alfabetização com a Professora Jacinã Cecílio Troncoso), Colégio Estadual Xavier de Almeida (CEXA), Ginásio Senador Hermenegildo de Moraes.

Desde a mais terna idade interessava muito por tudo que existia e como tudo funcionava.

Sua inquietude mais antiga que recorda, era perguntar a si mesmo: Se aqui tudo pode apalpar, tudo tem fim; o que existe depois das estrelas, não tem mais nada, não tem mais nada, não se pode apalpar, não vai acabar nunca. Essa explicação não encontrava. Como no dito popular "essa conta não fechava".

Depois de muito tempo encontrou a explicação com muita humildade, ao compreender que quando Deus nos criou nos deu uma inteligência limitada para que alcançasse certo grau avançado de conhecimentos suficientes para nos encontrar em nós mesmos, aprendesse respeitar e colaborar com a humanidade e aprendesse a encontrar os caminhos que nos leva até Ele.

Atualmente exercesse a profissão de Engenheiro Civil e é estudante de Logosofia.

Homenagem a Chico Mendes

Floresta mansa leve. Soberana!
Para os homens.

Não importa, continua leve.
Harmônica!
Para os homens.

Não importa, continua Floresta.
Nascida da essência do nada
Para o prazer do tudo.
Demonstração simples da razão
De viver.

Não tenho armas que matam
Pelas suas razões
Engulo pessoas que se tornam
Mártires.

Qual é a razão da minha força?
A simples questão de viver
Não de sobreviver.
Fixem sobre mim. Vivam como eu e
Simplesmente serão Floresta.

Darcy Chaves Júnior.
Revista Sesquicentenário de Morrinhos.

A Casca

Torrente cristalina, benzida e perfeita.
Vida ungida pela permissão do Divino.
Floresce com alegria, leveza e pureza.
Sonhos envolventes, delirantes e empolgantes;
Trilham mentes amigas, unidas e parentes.
Cantos..., Cores..., Cheiros..., Gestos..., Toques...,
Amizade..., Laços Perfeitos;
FELICIDADE.
Almas singelas de mentes jovens,
Embebidas de vida,
Que se deixam tragar pela intolerância do tempo,
Que traz consigo a sensação da supremacia,
Com todas suas camadas sedimentadas das
Imperfeições humanas.
Da pequenez do descarte, da incompetência de ser vivente;
Do cansaço acomodado e contaminador, unificado e acovardado;
Nasce: soberana, rugosa, malcheirosa, dessentimentalizada,

A Casca

Herança malfadada, com tendência de genetificação, a ser
Combatida, lavada, raspada, se não por nós, pelo menos
Por aqueles jovens que agora já sabem que ela existe.

Darcy Chaves Júnior.

Árvore

Gota que cai, pinga e espalha.
Pureza que alimenta aquela que não tem coração.
Serva, submissa, sem reação aparente.
Mãe maltratada pelo filho egoísta.
Brisa suave frescor da manhã,
- Qualidades a mim dada, por ti desprezada.
Não posso falar para ti convencer,
Mas, basta andar sobre um sol causticante
E embaixo de mim repousar.
A ti, darei aquilo que o homem não pode inventar,
Ele fará tudo para tentar imitar,
Mas perceberá ..., tardiamente,
Que seu último descendente,
A mim juntará e repousará
Para sempre....
E o Sol reinará....

Darcy Chaves Júnior.

Mãe Terra

Afaste quilômetros da Terra,
Sente-se numa nuvem e olhe para baixo, logo após, olhe para o alto.
O conjunto acima ficará para sempre, é infinito, foi criado para ser infinito.
O conjunto abaixo também foi feito para ser duradouro,
Quase infinito, mas está morrendo, precocemente.

O que justifica passar sobre a mata, sobre o rio, sobre a juriti;
Defecar sobre os pés!

Cérebro de carrões..., de famintos...,
De Senado Federal..., de invasões...,
De Bolsa de Valores..., de analfabetos...,
De comunicação consumista..., de sobreviventes...,
Cérebro de mentes eclipsadas.

Que delícia cravar as unhas no seio da mãe que nos alimenta,
E olhar o sangue levar os resíduos das unhas para as galerias;
E apodrecer e feder.

Se tiver irmão gêmeo, que delícia danificar irreversivelmente sua teta.
É hora de parar...., de pensar....; ainda tem saída.

Faça com que sua água corra limpa aos seus pés,
Que os peixes nela reproduzam e que as aves voem sobre sua cabeça.
Deixe seu coração explodir e jorrar o sangue da decisão, do que querer,
Sobre eles e sobre aqueles que estão ao seu redor, irradiando a esperança, realizando a harmonia que a natureza, que nos envolve, que nos abraça quer nos dar.

Não sejamos cretinos.

Sejamos mais um elemento de equilíbrio, para que aquele que estiver lá na nuvem,
Comece a perceber que amamos, cuidamos e respeitamos nossa
Mãe Terra.

Darcy Chaves Júnior.

À Patrona:
Maria Amabini de Morais

Maria Amabini de Morais, conhecida como dona Fiíca, nasceu no dia 27 de outubro de 1875, na cidade de Santana do Paranaíba (MT), porém ninguém foi mais morrinhense do que ela. Casou-se com o deputado federal Hermenegildo Lopes de Morais, aos seus 26 anos e, com ele, acompanhou as atividades políticas e sociais do seu ilustre marido. Após a morte do Senador, Maria Amabini fez cumprir toda a vontade do esposo, procurou trabalhar em favor da educação em Morrinhos. Trouxe as Irmãs Franciscanas para a fundação de um Colégio religioso. Depois, as Madres Agostinianas e os Padres Estigmatinos, sempre visando à educação do nosso povo. Fundou as escolas: Normal Dr. Hermenegildo e o Ginásio Senador.

Também beneficiou a comunidade com o Lar Dona Francisca Nazaré de Morais – casa de assistência a meninas – e fundada com a participação do seu cunhado, o Cel. Chiquinho.

Ela deve ser ainda lembrada pela pequena reforma agrária que praticou com as suas próprias fazendas Bom Jardim, Vera Cruz, Serra, Barreiro do João e José e Contendas.

Construiu também os Cines Hollywood e São José e fez doações de terras para os estabelecimentos fundados por ela. Ela é considerada "A Mulher Símbolo de Morrinhos".

Biografia da Acadêmica: Ellen Carneiro Vale Cadeira nº. 06

Ellen Carneiro Vale, nasceu em Morrinhos, Estado de Goiás, onde vive até hoje. É filha de José Carneiro de Castro Filho e Etelvina Jesuíno de Souza Carneiro. É casada e mãe de 8 filhos. Artista plástica e poetisa. Membro da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (AFLAG), desde o ano de 1971, pelo setor artístico literário. Membro da Academia Morrinhense de Letras (AML), desde sua fundação.

Dualidade

Estranha saudade...
Donde vem a tangibilidade
Do meu ser, existindo?
Sonoridade longínqua a ecoar das vagas
No universo estelar do "nada",
Tufões imponderáveis do "querer ser".

Átomo consciente,
Pelo inexistente em mim:
-Tu.
Catástrofe...
Tu não estavas em mim quando existi,
Busquei-te milênios
No desmaiar do dia
Em que existi, distante, sem ti.
No borbulhar das águas em cascatas e,
No voo de pássaros, bem longe,
A denunciar-te.
Minhas mãos buscam as tuas incessante,
A implorar-te presença em mim.
Existes em cada passo meu,
Porém,
Vislumbro-te a passagem,
Apenas,
Nas pedras do caminho...

Ellen Carneiro Vale

Eu e Persona

Como mulher sou várias, em duas apenas.
Qualidades tenho muitas. Boas ou não.
Sou "Eu" e sou "Persona".
Quando sou **Eu** quem fala só falo bem de mim.
Me vigio o tempo todo, não erro nem deixo ninguém errar.

Eu com meu **Eu**, tenho meta;
Sou suave, meiga, pura, simples, igual a todo mundo.
Calma, feminina. Toda mulher!
Me admiram como **Eu** sou.
Ao contrário é **Persona**, altiva, cheia de vontade,
Águia leva tudo na raça. Se dá o respeito.
Mulher!
Cada um com seu direito,
Por isso é respeitada.
Não aceita conversa quando o direito é dela.
Se ferem o **Eu**, bofetada é o troco que ela dá.
As duas na balança se equilibram, Ela e Eu, uma só.
Qualidade com quantidade se igualam no peso,
Sem nem oscilar.
Muitas vezes trocamos as falas, conforme a ocasião.
Irmãs, temos a mesma feição.
Cada uma tem sua identidade.
Voz branda, ponderada e águia em ação.
Temos a mesma voz, aliadas, já que somos.
Quando pensam que sou **Eu**, é **Persona** com a espada.
Dia a dia é um problema.
Uma sábia, nada diz.
A outra é escudo, topa qualquer briga.
É no nível da balança, que tudo tem de ficar.
Ninguém sabe qual das duas tem razão.
Pensando bem, **Eu** jogo com flechas.
Persona enfrenta à espada.
Moramos na mesma casa. Temos uma só vida.

Nossos glóbulos se misturam,
Na correnteza do sangue.
Uns seguem brancos, outros vermelhos.
Quando **Eu** estou comigo fico branca, quando é **Persona** se Inflama.
Não importa a cor nas veias,
Se é ela quem manda.
Quando vai embora, passear, fico só.
Calada, sem assunto,
Minha casa sem viço.
Quando volta, tudo se renova, vira festa.
Vice e versa é o que **ela** diz, também sente a minha falta.
Se aconselha comigo e sou **Eu** quem dá as cartas.
Eu digo, deixa pra lá. Quero paz.
Persona arrojada, fala não.
Meio a meio.
Aqui ninguém entra, ninguém manda.
Cada um com o que tem.
Dela, ninguém tira nem toma.

Admiro a coragem e tudo que ela faz.
Energia que ela tem.

Inspirada,
Não me deixa ficar na mão.
Incentiva e me dá ânimo.
Vai comigo aonde eu vou.
Lado a lado, como soma.
Antigamente, coitada de mim,
Ela nem existia, era sombra.

A vida, nem sabia levar.
Agora está comigo.
É meu braço direito,
Comigo vai ficar!

Ellen Carneiro Vale

Sussurros Vendavais

Vendaval medonho, treva,
Açoita bravio a tétrica mansão dos poetas
Circuitos violentos, terríveis, labaredas riscam espaços,
Portas e janelas arrancadas,
Jogadas à distância - ao vento.

Relâmpagos varam o infinito
Na imensidão do tempo
Gritam vozes em todos os silêncios - canais da inspiração.

Fúria elétrica - sinais no ar;
Escancarada e gigante a noite dos poetas.
Águas a rolar, desbravar consciências
A deflagrar o sangue
A dor corroída dos anseios,
Tristeza, melancolia, abismo...
Lágrimas crestam
Descem molhando os campos
Da pureza juvenil, dos sonhos massacrados,
Das viagens impossíveis,

Das fomes não saciadas,
Pelos caminhos não percorridos.
Incontidos desejos nos olhares pueris
Enxergando a liberdade no crepúsculo fecundado
- bem longe -
Nas esteiras prateadas à espera do porvir.
Surda agonia, agitando, qual bandeira,
O sonho, a fantasia,
Sol vermelho, imenso
Queimando os horizontes,
Fogo vivo no olhar.

Na reviravolta do vento
Toda lavra consumida no estro, agonia ou dor,
É flor que desabrocha - sêmen da construção -
Estrela luminosa,
Farol Aceso Na Mão!

Ellen Carneiro Vale.

Vida e Obra do Dr. Raul Nunes da Silva

Wander Oliveira Melo.

Ao Patrono

A Arcádia a qual tenho a honra de fazer parte agora tem como patrono da cadeira nº 7 o Engenheiro Dr. Raul Nunes da Silva, filho do Cel. Pedro Nunes da Silva e de D. Maria Carolina da Silveira Nunes, enteada do Cel. Hermenegildo Lopes de Moraes. Raul Nunes da Silva, aos 7 anos de idade fez o curso primário em Morrinhos e a seguir fez o ginasial em Uberaba, no Ginásio Diocesano Sagrado Coração de Jesus e os preparatórios em Jacareí (SP) e, posteriormente, fez o curso de engenharia na Escola de Engenharia de Ouro Preto (MG). Passou grande parte de sua vida em Campos do Jordão em busca de melhor clima, para ver se conseguia vencer o mal da tuberculose, que infelizmente não conseguiu, vindo tempos depois a falecer dessa terrível doença.

De volta à cidade de Morrinhos, em definitivo, exerceu aqui múltiplas atividades: foi comerciante, representante do Banco do Brasil, do Banco Hipotecário de Minas Gerais. Representante da revenda Ford. Vendia o famoso fordinho de "bigode". Foi o primeiro representante da Ford em Goiás

Raul Nunes foi comerciante, representante do Bancário, foi excelente político. Vice Intendente (1923-1927). Intendente (1927-1930). (intendente era o nome que se dava ao cargo de prefeito). Além disso, foi um dos valorosos chefes da Coligação Libertadora.

Na época da revolução de 1930, Raul Nunes era então intendente e após o fim da revolução, os intendentes passaram a serem prefeitos e os presidentes de Estado, Governadores. Então, Raul Nunes foi o último intendente e o primeiro prefeito de Morrinhos.

Raul Nunes tinha espírito lúcido, de inteligência privilegiada, não se contentava com o simples viver. Comprazia-se em longas leituras e muitas vezes em escrever também, mas se escondia sob um pseudônimo.

Fosse verso ou prosa, o nome de Raul Nunes da Silva se convertia em duas iniciais ou Zaratustra, com o qual assinava suas produções publicadas nos jornais de Uberaba: A Tribuna e Jornal do Comércio.

São poemas de sua autoria:

- Pontas de Fogo;
- Luz... Mais Luz;
- Ideia;
- Lampeão;
- Mané, Thecel, Phares;
- Manhã de Amor;
- Macte Animo.

Dentre esses poemas dois deixam bem evidentes a preocupação que Raul Nunes tinha com a questão social, são eles: o poema Ideia e o poema "Luz... mas Luz".

Raul Nunes, era um homem metódico, cultivava hábitos de idoneidade inquestionável. Não era apenas um homem de letra, mas um visionário que via na política a possibilidade de trazer melhorias à cidade que amava tanto. Como político fez muito para Morrinhos.

A fundação do Partido Libertador, que veio salvar a dignidade do povo goiano teve seu apoio decisivo e leal. A Coligação Libertadora deve-lhe muito de sua vitória. Pois Raul Nunes não mediu esforços para atender os anseios do povo goiano.

Raul Nunes, um dos maiores valores da terra morrinhense, tem hoje seu nome imortalizado na Política, nas Letras, motivo de orgulho para os morrinhenses.

Raul Nunes era um homem de espírito lúcido, larga visão, construiu a primeira caixa d'agua da cidade, procedeu ao encanamento de água potável nas residências (numa época que nem mesmo Goiás não usufruía de tal benefício). Desativou os regos d'água que abastecia a população através de bicas de aroeiras as quais cortavam as ruas do Açude, do Comércio, Dom Pedro II, Minas Gerais, São Paulo e Av. Cel. Pedro Nunes da Silva e ia desaguar no córrego Maria Lucinda na sua corrida para os lados do Matadouro Municipal.

Só no trecho compreendido entre a farmácia Central e o Jóquei Clube, desciam quatro regos d'água (inclusive as cisternas foram desativadas também); desenvolveu arrojado projeto de modernização da Cidade com abaulamento das ruas antigas, abertura de novas e amplas avenidas, sarjeteamento das ruas e calçamento dos passeios públicos.

Raul Nunes da Silva foi quem fundou, no inicio da década de trinta, um dos primeiros cinemas de Morrinhos. Cinema Mudo. Cinema Hollywood. Cinema e teatro. Funcionava na

Rua Barão do Rio Branco, ao lado do prédio do Cine Teatro Hollywood, local onde funcionou depois, por muitos anos, a loja A Cruzmaltina, do Sr. Lucicílio Frauzino. Cinema depois vendido à Maria Amabini de Moraes que o transformou no grande e luxuoso Cine Teatro Hollywood inaugurado em 26 de março de 1949.

Raul Nunes foi também um dos primeiros habitantes da cidade de Morrinhos a adquirir um rádio e o primeiro a ter um aparelho de radiotelegrafia, inteirando-se de tudo que acontecia no mundo. Foi também um dos primeiros a adquirir um veículo motorizado.

Assim foi Raul Nunes da Silva, um dos maiores valores políticos e humanos de nossa terra.

À Memória de Emanuel de Souza

Wander Oliveira Melo.

Ao Antecessor

Emanuel de Souza nasceu em Morrinhos em 16 de setembro de 1951, filho de Paulo de Souza e Joaquina Martins de Souza. Quando da fundação da Academia Morrinhense de Letras teve a honra de ser o primeiro a ocupar por alguns anos a cadeira de número sete que tem como patrono o Dr. Raul Nunes da Silva.

Para falar de Emanuel de Souza, tomo emprestadas as palavras de Coelho Vaz (Presidente da UBE – GO e Membro da Academia Goiana de Letras) que o descreveu poeticamente. Emanuel em vida foi poeta e cirurgião dentista, era um homem íntegro, que dividia sua vida além da profissão, com a arte do fazer poético. Pessoa calma e tranquila, tinha suas horas livres dedicadas à poesia.

Autor apenas do livro **Construtor de Sonhos**, onde seus poemas são simples, bem elaborados e com mensagens carregadas de amor, romantismo, saudade, maturidade necessária e de intensa preocupação ao aprimorar seu trabalho literário, tornando-o, desta forma, uma obra poética livre, lírica e bela, somado com sua linguagem suave, vigorosa que enriquece sua poesia, encontrando sinais de um simbolismo puro e exuberante, que desperta a inspiração nascente que humaniza e faz renascer a cada instante, sonhos em forma de poesias.

Para Ada Curado (Membro da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás), Emanuel de Souza foi criador de uma proposta artística desligada da erudição, pois que, em todo o seu discurso ritmado, com simplicidade, verve e lirismo, num estilo todo pessoal, ele estabelece uma relação comedida entre a substância dos temas e seu desenvolvimento. Com desembaraço, sem tropeços, sofisticação ou outros rebuscamentos dando vazão ao sentimento que nutre por pessoas que lhe são caras e também à sua inspiração, vai ele serenamente, comedidamente, compondo, demostrando a sua capacidade de armar a arte. Assim foi a vida de Emanuel de Souza.

Biografia do Acadêmico: Wander Oliveira Melo
Cadeira nº. 07

Wander Oliveira Melo nasceu em Morrinhos, Estado de Goiás. Filho de Amilton Valdo de Melo e Maria Tereza de Oliveira Melo. Alfabetizado no Colégio Estadual Sylvio de Mello, terminou o ensino fundamental no Ginásio Senador Hermenegildo de Morais e concluiu o ensino médio no ano de 1996 no Colégio Estadual Coronel Pedro Nunes, formando-se em Técnico em Contabilidade.

Em 2002, graduou-se no curso de História pela Universidade Estadual de Goiás. No ano de 2005, formou-se no curso Técnico em Sistema de Informação, pelo Instituto Federal Goiano. No ano de 2011, graduou-se no curso de Direito, pela FAFICH - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas de Goiatuba – Goiás.

Wander Oliveira Melo é escritor, historiador e poeta. É membro da Academia Morrinhense de Letras. É autor das seguintes peças teatrais: Hospício Brasil e Memórias de Canudos; é coautor do texto: Análise do Código Linguístico da Disciplina de Língua Portuguesa; é coautor da monografia: Morrinhos: Economia e Política (1870 – 1930). É autor da monografia Lei Orgânica da Assistência Social e sua Aplicabilidade; é Coautor do livro "Morrinhos: Economia e Política (1870 – 1970)"; é autor dos seguintes livros: "Poemas e Reflexões Contemporâneos" e "Vinte Contos da Cachoeira".

Poemas

Frutos de Goiás

Cidade de Goiás,
Que lembranças nos traz
Do descobrimento das minas ao povoamento,
Anhanguera, desbravador do tempo.

Velho rio!
Rio Vermelho
Transforma-se em formigueiro
Arraial de Sant'Ana
Que o progresso emana.
Nasce Vila Boa
Desce o rio como canoa.

Cidade de Goiás,
Seus frutos vêm semear
Flores a desabrochar.
Cora Coralina, poetisa a eternizar.

Wander Oliveira Melo.
Do livro: Poemas e Reflexões Contemporâneos.

Sementes de Nossas Origens

Desbravando o sertão de Goiás, em busca de paz,
Os irmãos Corrêa Bueno uma promessa fazem,
Se felizes na nova morada,
Nossa Senhora do Carmo seria homenageada.
A capela de Nossa Senhora veio a realizar,
O arraial ao seu redor veio a formar,
Vários nomes na história podem-se narrar:
De Nossa Senhora do Monte do Carmo
A Nossa Senhora do Carmo dos Morrinhos
O arraial deu lugar,
Vila Bela do Paranaíba veio chamar.
Por resolução surge uma nova denominação,
Nossa Senhora do Carmo de Morrinhos.
Sofre outra nomeação,
Vila Bela de Nossa Senhora do Carmo de Morrinhos
Foi à nova denominação.
Coronel Hermenegildo visando à prosperidade
Transformou a vila em cidade.
Cidade de Morrinhos, cidade dos Pomares.
Conhecida por muitos como a bela Atenas de Goiás.

Wander Oliveira Melo.
Do livro: Poemas e Reflexões Contemporâneos.

Artigo

A Importância da Cultura em Nossa Sociedade

Wander Oliveira Melo.

Cada sociedade tem como herança cultural os seus costumes e tradições. Esses costumes e tradições é que chamamos de 'cultura'. Nesse leque cultural, abrange várias formas artísticas, produzidas a partir da inteligência humana. O termo cultura está intimamente ligado às crenças, à arte, à religião, aos mitos, e aos valores de uma sociedade; e todos esses hábitos e aptidões são adquiridos pelo homem não somente em família, como também inspirados pelo meio em que vive.

A Importância da cultura em nosso Estado está em manter e incentivar as artes através da literatura, da música, das artes plásticas e dramaturgia, bem como dos Festivais: Fica, Canto da Primavera e Tempo. Agregadas a esses festivais, temos as manifestações populares que contam com apresentação de festas típicas e manifestações associadas ao desenvolvimento cultural do Estado tais como: as Cavalhadas, Congada e Catira. Nesse mesmo segmento, temos as grandiosas festas religiosas, dentre as quais podemos citar: Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, Festa de Nossa Senhora da Abadia de Muquém, na cidade de Niquelândia, Festa de Nossa Senhora do Rosário em Catalão, Festa do Divino Pai Eterno em Trindade e as Folias de Reis tradicionais em várias cidades de Goiás.

A Importância da Cultura para Morrinhos, dentre tantas outras cidades do Estado de Goiás, é também de preservar e divulgar seus costumes e tradições através das seguintes festas: Exposição Agropecuária e Industrial de Morrinhos, Festa de

Nossa Senhora do Carmo, Festa Folclórica do Né, Festa do Tomate e da Festa de Artes incluída nela o dia do Morrinhense Ausente. Somando com essas festividades, a cidade é agraciada, com a Banda de Música 'Lira Musical Santa Cecília' e a 'Orquestra de Violeiros Chico Flor'. A cidade ainda dispõe do Teatro Juquinha Diniz, o qual é palco de grandes apresentações teatrais bem como palestras e seminários.

Com o intuito de manter viva a história cultural, a Sociedade Dramática e Literária de Morrinhos vem contribui para o enriquecimento, preservação e divulgação da cultura, através de peças teatrais e da 'Ser Arte' – seresta dançante.

Com o mesmo pensamento, a Academia Morrinhense de Letras conta, hoje com 25 cadeiras as quais duas estão vagas e as outras vinte e três estão ocupadas por membros vitalícios, dentre eles cronistas, escritores, historiadores, poetas. A Academia desenvolve vários projetos relevantes à cultura da sociedade. Dentre eles, destaca-se o projeto "MEMÓRIA VIVA" que tem como finalidade registrar, através de palestras, trechos da história oral de ilustres vultos morrinhenses cumprindo assim o papel ao qual a academia foi fundada que é de resgatar, registrar e preservar a cultura local bem como o patrimônio histórico.

Buscando preservar as tradições e costumes, a Prefeitura Municipal, no mês de agosto de 2011, inaugurou defronte à Praça da Igreja Matriz, a Casa de Cultura Professora Célia Terezinha. Essa Casa de Cultura foi construída há mais de um século e retrata bem a arquitetura da época, como pilares de sustentação em madeira, tijolos grandes e telhas de barro, além de pedras e cerca de madeira. Hoje a Casa de Cultura é sede da Superintendência Municipal de Cultura e ministra

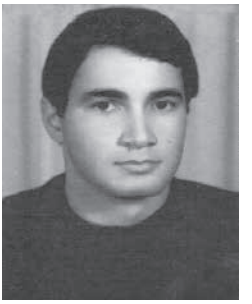
diversas oficinas permanentes para trabalhar a parte artística do município em todos os segmentos, da música ao artesanato, estando apta a receber exposições de artistas locais e convidados além de saraus para os amantes da música.

A importância cultural para Morrinhos está vinculada à preservação do meio ambiente, o que fez um grupo de fazendeiros percorrer as cidades da região levando a mensagem da preservação ambiental. São os cavaleiros da CEMO (Cavalgada Ecológica de Morrinhos), a qual teve como presidente um dos principais nomes da música sertaneja nacional, filho de Morrinhos, o saudoso Antônio Rosa Ribeiro (o cantor Falcão – da dupla Felipe e Falcão). Esse trabalho é feito em parceria com o grupo de muladeiros, da Comitiva Esperança – Clube da Mula de Morrinhos.

Não podendo deixar de enfocar a cultura das fiandeiras, atividade histórica e artesanal de tecer o algodão, a qual nos dias atuais está resumida em momentos de lazer de umas poucas senhoras nos grupos de Conviver. E, por fim, elucidar as tradicionais festas juninas e os terços de Santo Antônio, São João e São Pedro que outrora alegravam as noites frias de junho com suas rezas, fogueiras e músicas típicas.

WANDER OLIVEIRA MELO. Escritor, Historiador, Poeta e Membro da Academia Morrinhense de Letras.

Biografia do Patrono
José Modesto Oriente



José Modesto Oriente nasceu em Morrinhos, Goiás, no dia 19 de março de 1945. Filho de Itamar Oriente, funcionário público, e de Ester Barbosa Oriente, educadora. Fez o curso primário em Morrinhos, e o ginasial no colégio Lyceu de Goiânia e o curso clássico no colégio Pedro Gomes. Casou-se com Hilda Magnólia Otero Oriente e tiveram quatro filhos.

Foi funcionário da fundação de esportes do Estado pelo período de dois anos. Mas seu espírito empreendedor fez com que buscasse vencer nos negócios particulares; deixou a fundação e iniciou um trabalho de Gráfica junto com seu inseparável irmão Taylor; mais tarde a gráfica tornou-se editora, a Editora Oriente.

José Modesto Oriente era também um filantropo na literatura goiana, ele estendia as mãos a todos quanto o procuravam para editar um livro – fosse um autor consagrado ou desconhecido, não importava. E assim registrou sua grande importância no espaço cultural goiano.

José veio a falecer prematuramente, mas em função de sua grande obra, permanece até hoje na memória do povo goiano.

José Modesto Oriente, seu belíssimo trabalho, além dos bons frutos colhidos em vida, rendeu-lhe várias homenagens póstumas, como: nome de ruas, centro cultural e em especial a cadeira 08 (oito) da AML (Academia Morrinhense de Letras), cadeira da qual é patrono e que, inicialmente, foi ocupada por Esther Oriente, sua mãe e hoje, honrosamente, é ocupada pelo acadêmico Antônio Ávila.

Biografia da Antecessora Esther Barbosa Oriente

À Historiadora Esther Barbosa Oriente, mãe de José Oriente. Pedagoga, artista plástica, biógrafa e escritora talentosa, mulher guerreira, que soube lutar com muita bravura em defesa de seus ideais.

Em muito contribuiu para a preservação do Projeto Rondon, projeto criado pelo Governo Federal a fim de proporcionar maior desenvolvimento às zonas mais afastadas e menos assistidas do país.

Entre outros trabalhos, no ano de 1977, publicou o livro "Biografia de Nelly Alves de Almeida", editado pela Editora Oriente. Em 1981, publicou o livro "Dona Gercina Mãe dos Pobres", editado também pela Editora Oriente. Em 2004, o livro "Projeto Rondon – Integrar para Não Entregar" e, em 2008, publicou o livro "D. Pedro II – Imperador da Cultura", ambos pela editora Kelps.

Esther Oriente nos deixou belíssimos trabalhos, ficando seu nome imortalizado em nossa história e também nesta academia.

Biografia do Acadêmico: Antônio de Oliveira Ávila Júnior – Cadeira nº. 08

Antônio de Oliveira Ávila Júnior, nascido em 06 de março de 1980, na cidade de Morrinhos, estado de Goiás. É o segundo dos três filhos de Antônio de Oliveira Ávila e Maria Rosa Pires de Oliveira. Alfabetizado na Escola Municipal Rui Barbosa, terminou o ensino fundamental na Escola Ginásio Senador Hermenegildo de Morais e concluiu o ensino médio no ano de 1998, no Colégio Estadual Sylvio de Mello.

Em 2002, formou-se no curso de Sistema de Informação, pelo Instituto Federal Goiano, aprimorando-se em cursos de Informática Educacional. No ano de 2006, graduou-se no curso de Letras pela Universidade Estadual de Goiás. Em 2010, especializou-se em Linguística Aplicada, pela Universidade Apogeu de Brasília – DF.

Profissionalmente, após cinco anos trabalhando na Companhia Thermas do Rio Quente, em 2004 ingressou no funcionalismo público, trabalhando na Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, atualmente, está na função de gerência da Agência de Correios Cidade dos Pomares em Morrinhos – GO.

Na literatura, editou seu primeiro livro no ano de 2009 – Redação: teoria e prática, pela editora Kelps, o qual terá sua terceira edição neste ano de 2015, já como editor independente; este será impresso na gráfica Morrinhos.

Em 2010, publicou o livro Glossário da Nova Ortografia; em 2013, no gênero de causos, foi coautor da antologia Correios 350 Anos, publicado pela editora WCR.

Como funcionário dos Correios e escritor, foi coautor do projeto 'Escreva-me uma carta', realizado na escola Eudóxio de Figueiredo no ano de 2012. Também nesta linha de conhecimento, escreveu o livro 'Morrinhos – Nossa História em Selos', que deverá ser editado ainda neste ano de 2015.

Foi empossado na Academia Morrinhense de Letras no ano de 2014, sendo ocupante da cadeira número 08, tendo como patrono José Modesto Oriente e antecessora Esther Oriente, imortais dos quais falou-se anteriormente.

Site: www.antonioavila.com.br
E-mail: antonioavilaml@yahoo.com.br

A seguir, veremos poemas do acadêmico Antônio Ávila, poemas estes que falam de duas belas praças de Morrinhos, a Praça do Coreto e a Praça da Fonte Luminosa. Aproveitando o ensejo, dos poemas vamos conhecer um pouco desses pontos históricos de nossa linda cidade de Morrinhos.

Praça do Coreto

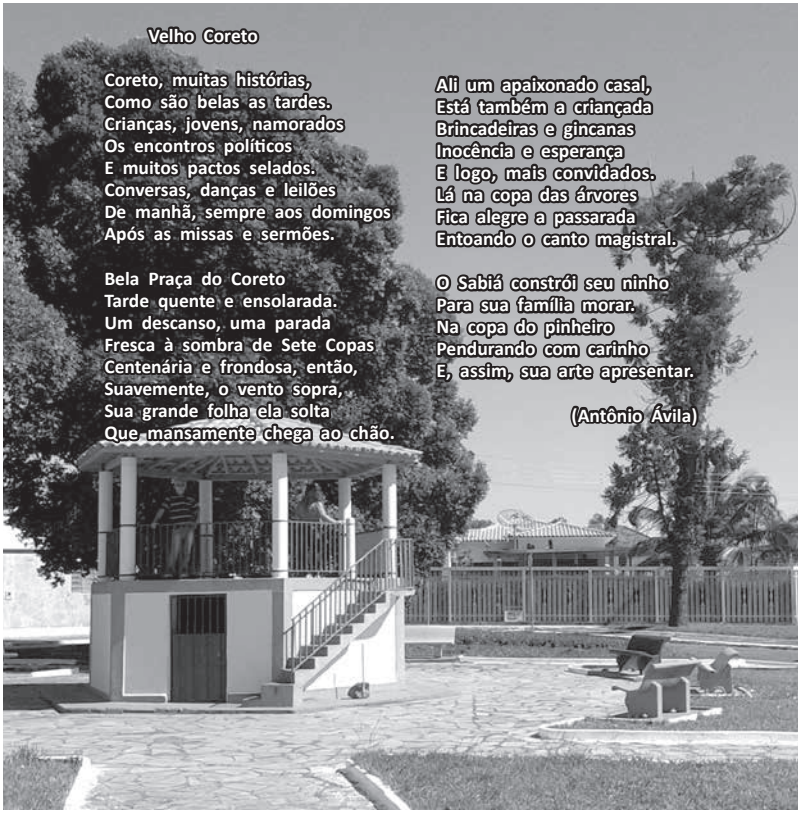
A praça Cel. Hermenegildo Lopes de Moraes, conhecida como a do Coreto, foi a primeira praça fundada em Morrinhos. Aos domingos, após a Missa das 9 horas, na Igreja Matriz, a maioria das pessoas se reunia para ouvir o som da Banda Santa Cecília. Eram enviados recadinhos aos casais ao vivo. Tinham leilões e todos se divertiam.

Na Praça do Coreto, debaixo das copas de árvores frondosas, muitos se conheceram, namoraram e foram pedidos em casamento. Ainda hoje, é um ótimo local para um passeio em família.

Surpreendentemente esta imagem que vemos, não é o Coreto em sua forma original. Através de registros do ano de 1925, sabe-se que o coreto era um modelo diferente, mas que foi perdido com os anos, inclusive deixando de existir.

Em 1967, no governo de Joviano Antônio Fernandes, foi localizado o alicerce do antigo coreto e no mesmo local construído o modelo atual, semelhante ao primeiro.

A Praça do Coreto em sua mansidão é um local tranquilo e aconchegante; às vezes esquecido, mas sempre merecedor de muitas homenagens.



Praça da Fonte Luminosa

Conhecida como Praça da Fonte, a Praça Raul Nunes foi inaugurada em 1968, pelo então prefeito Joviano Antônio Fernandes, para o lazer da comunidade morrinhense.

Lugar em que adolescentes e adultos divertiam-se ouvindo músicas, conversando com amigos e apreciando a beleza da fonte de águas coloridas, que jorravam deixando o local mais romântico e encantador.

Ainda hoje, a praça da fonte é muito visitada nos finais de semana; quem conhece sabe o quanto é bom apreciar a brisa produzida pelos jatos d'água.

Segundo informações, a praça ocupou o espaço físico onde antes era um cemitério. A visão empreendedora do administrador da época fez com que fossem transferidas para o cemitério São Miguel várias ossadas ali encontradas dando lugar ao romântico monumento.

Minha Rosa é Você

Em um botão que desabrochou
A rosa floriu,
No coração que palpitou
Um sentimento surgiu.

O que era dia anoiteceu,
E outro dia amanheceu,
Mais uma rosa floriu.

Dia após dias
Noite após noites,
Rosas e mais rosas
E as batidas do coração...

À roseira a seiva alimenta
Ao coração o entardecer,
O sentimento só aumenta
A cada florescer.

Sua beleza me encanta
Minha seiva é sua beleza,
Sua presença me alegra
Afastando toda tristeza.

Na manhã, do céu cai o orvalho.
Suas gotas regam a flor,
De sua boca surge o mel
Que rega o meu amor.

(Antônio Ávila)

Você e o Amor

Às vezes paro e penso...,
E fico a questionar (?)
Sobre o encanto de sua voz
E o brilho do seu olhar.

Como é bom sentir o seu perfume
A sua presença e o seu calor,
Com sua magia me encanta
Você é minha linda flor.

A vida sem essência,
Poesia e emoção...
E um viver por viver
Sem a menor vibração.
É como passos nas trevas
Sem rumo e sem direção.

A vida sem amor,
Bondade e gratidão...
Torna-se muito amarga e fria,
É como tempo perdido
Sem sentido
Sem razão.

(Antônio Ávila)

Porta-retrato

No porta-retrato você somente.
Eu faço longa minha respiração,
Meu esforço em vão, de em você não pensar.
Em meus olhos, surge o claro desejo,
Vontade de em você me refugiar,
Então elevo-lhe o meu pensamento.

É muito bom sentir esse momento.
Desenhar seu rosto na minha mente
Para sua perfeita boca apreciar.
Impregnado na imaginação
Aquele doce sabor de seu beijo,
Como eu quero seu néctar coletar.

Seu nome vem à minha mente povoar.
É tão difícil esse meu lamento,
As lágrimas despontam nesse ensejo,
De poder contemplá-la simplesmente.
Assim traduz a muda indagação,
Quem dera seu rosto poder afagar.

Que bom seu retrato poder olhar,
Pra sua beleza vir minha arte inspirar.
E nessa saudade, flui a emoção,
Você no coração... Meu alimento.
Preciso, delineio-a na mente
Não demora sua linda face eu vejo.

Introspectivo nesse lampejo,
Nossos momentos posso relembrar.
Eu contemplo e lamento tristemente
Sua face eu não poder palmilhar.
O retrato apreciar é meu sustento,
Meu combustível da imaginação.

A bela e inesquecível feição,
Um dia revê-la eu muito almejo.
Em seu retrato nosso amor invento
Forte é o querer, de você recordar
Retrato... A relíquia de a amar
Minha fonte de desejo eminente.

Simplesmente... Perco a respiração,
Quero pensar... E sentir o desejo,
E em você refugiar... Meu pensamento.

(Antônio Ávila)

Taylor Oriente

Eurico Barbosa dos Santos

O ciclo de palestras que a Academia Morrinhense de Letras programou, no qual cada um dos seus membros focaliza a vida e a obra do respectivo patrono, tem se mostrado de grande valia para que vários vultos da História de Morrinhos sejam conhecidos e lembrados, principalmente pelas atuais e pelas futuras gerações conterrâneas; eis que todos os pronunciamentos acadêmicos serão, assim todos esperamos, reunidos em livro ou livros.

A primeira figura perfilada foi a da educadora Maria Barbosa Reis, em bem elaborado trabalho da acadêmica Graziela Reis, neta da homenageada.

Em fevereiro, Alaor Barbosa fez elucidativo resumo biográfico e lúcida análise da personalidade de Guilherme Xavier de Almeida, um dos nomes mais representativos da intelectualidade goiana, sobretudo de Morrinhos.

Em março, a professora Nilza Diniz Silva, em sessão memorável, retratou historicamente a pessoa de José Mendes Diniz, seu pai, espírito progressista e essencialmente laborioso cujas iniciativas e realizações em favor da comunidade a que, vindo de Franca, São Paulo, se integrara na segunda década do século 20, têm o cunho da perenidade.

Hoje é a vez de ser retratado, naturalmente com o caráter sucinto que a duração não exaustiva de uma sessão acadêmica recomenda, o patrono da cadeira nº. 6, Taylor Oriente.

Faço-o com imensa satisfação. Tive o prazer de pertencer ao seu círculo de amigos. Em 1958, tendo eu voltado a residir em Morrinhos para aqui instalar banca de advocacia, Taylor Oriente, juntamente com Genésio Vieira de Barros, ambos com apenas 17 anos de idade, promoveram no Cine Teatro Hollywood, inteiramente lotado, uma conferência minha, que proferi de improviso por mais de uma hora, sobre o tema *Homens Que Fizeram o Brasil*, inspirada na obra com este título de Luís Valdvogel. O acontecimento valeu tornar-me conhecido de grande parte da comunidade, principalmente de mais de uma centena de representantes da mocidade estudantil. Fiquei extremamente agradecido aos dois jovens organizadores da conferência, tendo nascido daí uma duradoura amizade com eles.

Logo no início do ano seguinte, Taylor Oriente mudou-se para Goiânia, a fim de continuar os estudos, pois terminara o curso ginasial (hoje 1º grau). Ele nasceu aqui em Morrinhos no dia 11 de outubro de 1941. Filho do coletor federal Itamar Oriente, íntegro e sempre elegante cidadão natural de Caldas Novas; e de Ester Barbosa Oriente, graciosa professora e filha da notável educadora Maria Barbosa Reis. Taylor, antes de ingressar no segundo ano primário, vendo-se diante de um jornal e não sabendo ainda ler, perguntou ao pai o que eram aqueles sinais dispostos em *grandes folhas de papel. Itamar lhe respondeu: São letras que significam uma porção de coisas. Isto é um jornal. Quando você der conta de ler o que está escrito aqui, aí, eu compro a bicicleta para você.*

Taylor, que na infância ganhara o apelido de Teim - que o acompanharia para sempre - tomou-se de curiosidade e interesse por jornal, saber o modo como era feito. Como em Morrinhos se editava o semanário *O Liberal*, dirigido por Pedro Celestino da Silva Filho e José Antônio da Costa, um dia adentrou a velha oficina gráfica onde era editado e teve, então, uma noção bastante de como se faz, em linhas gerais, um impresso tipográfico. Mas permaneceu ignorando como se fazia um jornal.

Sua vocação para o jornalismo se afirmava por dois fatos: a facilidade para a redação em trabalhos escolares e o gosto pela literatura. Em registro que deixou sob o título *Autobiografia e por que estudo jornalismo* (registro do qual estou a aproveitar muitas informações e expressões do próprio Taylor), relata que desde o primário teve suas composiçõezinhas sobre *O Milho, Minha Casa, A Sala de Aula, Uma Fazenda*, destacados pelas professoras entre as principais. Passou a constituir, escreveu ele, *um traço de fundamental importância em meu caráter o fato de eu possuir o que as minhas professoras ressaltavam como 'um estilo original de narrar'. Estimulado pelos elogios e realmente me sentindo, na abordagem de qualquer tema, feliz em escrever, sempre encarei os assuntos literários como os que mais me davam prazer em aula, ou como exercício em casa.* No *Ginásio Senador* Hermenegildo de Moraes saiu publicado seu primeiro trabalho. Promovido pela própria professora de português, Zilda Diniz Fontes, tratava-se de redação que Taylor fizera sobre suas preferências e traços fundamentais do seu caráter, divulgada no jornalzinho *Avante*. Coincidiu que, na mesma ocasião, a professora Zilda havia dado como tema para a 1ª. Série (Taylor era da 2ª.) algo curioso e que dava margem a humor: *Escolha um colega e diga o que pensa dele.* Conta Teim que *a melhor*

redação foi de um rapaz que traçara sua caricatura, focalizando os traços mais característicos e cômicos. Saíram publicados dois trabalhos juntos: 'O Taylor visto por si e pelos outros'.

Acho interessante reproduzir esse trabalho intitulado *O Taylor visto por si e pelos seus colegas,* resultado de um exercício escolar determinado pela saudosa professora Zilda Diniz e estampado no tal jornalzinho *Avante*, em 1956.

Taylor escreveu: *Eu, gramaticalmente falando, é um pronome pessoal. Todo mundo sabe disso. Mas deve saber também o que quer dizer esse 'pessoal'.*

Naturalmente de pessoas, é claro. Mas pessoas de quem? Eu, só pode ser de minha pessoa. Pois bem, ei-la em seus detalhes: Taylor Oriente. 15 anos de idade, 1,60 de altura. Natural de Morrinhos. Nascido em 11 de outubro de 1941. Sou estudante, preguiçoso, jogador de futebol e ruim de bola, magro, torcedor do Flamengo. Sou calmo e não gosto de briguinhas tipo Far West tampouco de filmes do mesmo gênero. Aprecio muito o cinema, principalmente filmes históricos, musicais e emocionantes, mas não como Mãos Sangrentas. Alimento-me muito bem, como quase tudo e bastante; sinal de que sou magro mesmo é de ruim. Mas sou muito querido pelos meus pais, irmãos, colegas, amigos, mestres, parentes, enfim, todo mundo.

O colega, de outra série, que escreveu sobre ele, de nome Odenir, o fez desta maneira:

Ele possui 1,60 de altura, tem a cútis morena, olhos castanhos e nariz saliente. Está tentando fazer a segunda série ginasial. Tem grande inteligência, mas diz que não estuda as lições, porque as acha difíceis. Se for assim, é porque não presta atenção durante as aulas, não tem bom comportamento e por isso todos os professores lhe chamam a atenção. É metido a galante, mas os mestres sempre lhe pegam em flagrante e lhe dão

a nota merecida. Acha que tapeia fazendo sabatina com outra turma para obter melhores notas e mesmo assim é condenado a fazer outra prova.

Apesar de seu andado de galã e de seu olhar de pisca-pisca, não conquista nenhuma notinha boa que passa pela sala.

Olha, amigo, se você não estudar, o 'traque' entra em ação.

O próprio depoimento de Taylor confirma:

Em se tratando de uma atividade que nem sequer requeria eu detestava estudar, passei a amar escrever.

Nas férias depois do ano letivo em que foi promovido da segunda para terceira série, descobriu algo extraordinário e que, segundo sua expressão, vinha muito a calhar com suas preferências - a *literatura*. Começou a ler livros indistintamente. Aderiu à literatura, que passou a preencher todas as suas horas de folga. Leu desordenadamente tudo que tinha pela frente, desenfreado e sem método, e continuou a fazê-lo assim até fins de 1961, a partir de quando se fez um leitor mais racional, de preferências definidas. Sem perder tempo com temas extravagantes ou inúteis; e assimilando com discernimento suas leituras. Mas ele se conforma com o resultado das leituras que fizer desordenadamente. Registra que elas tiveram o mérito de o alertar para todas as manifestações de vida que há no universo. Raciocina assim: *adquiri uma cultura própria para um jornalista.* E acrescenta: *Por sua vez o atual curso de jornalismo que frequento encadeia e disciplina meus conhecimentos, aclarando pontos vagos, definindo melhor o mundo a meus olhos.*

Ao passar a residir em Goiânia, com a ideia fixa de trabalhar em jornal, como repórter e redator, Teim tinha modesto currículo de trabalho desempenhado em Morrinhos: três meses em farmácias, quatro meses em loja, dois meses em

um banco, três anos em coletoria federal, certamente ao lado do pai. Estudando no curso científico no Lyceu de Goiânia, andava atrás de emprego. Levado e apresentado por um amigo do seu pai, foi a todos os jornais goianienses. Conseguiu uma vaga de corretor de anúncios em *O Popular.* Mas tendo publicado um trabalho noutro jornal, a respeito do escritor Mário de Andrade – um dos precursores do Modernismo na literatura brasileira – o redator-chefe de *O Popular* viu nele o potencial de um bom redator. Estagiou alguns dias e logo passou a escrever matérias para a primeira página daquele bem feito diário.

Taylor Oriente firmou-se no jornalismo. E ganhou grande popularidade com uma entrevista com o presidente Juscelino Kubistchek, ao lado de quem apareceu em foto de primeira página. Concluído o curso científico fez o curso de jornalismo**.** Mais tarde**,** na década de 70, tornou-se professor dessa cadeira na Universidade Federal de Goiás. O reitor dessa universidade, escritor Jerônimo Geraldo de Queiroz, escreveu sobre Taylor jornalista: *Jornalista qualificado que era, Taylor lia, relia, aparava, alinhava textos obscuros, incoerentes, frios, amorfos, com aquela sorridente humildade que a todos nos cativava. Sabendo ouvir, adivinhar, intuir - para, a seguir, optar, sugerir, convencer, persuadir, move a se concordar com ele.*

Em 1968, ao lado do seu irmão José Modesto Oriente, incorporou o seu nome e o seu talento a um dos maiores empreendimentos que alavancaram a vida cultural do nosso Estado. Os dois constituíram a Editora Oriente, a maior empresa do ramo editorial de todos os tempos em terra goiana. Por ela foram editados cerca de 350 títulos de livros de praticamente todos os autores goianos e alguns não goianos. Em apenas 13 anos, a Editora Oriente produziu mais livros do que o se produzira em mais de cem anos. A presença de Taylor e José

Modesto Oriente na história cultural de Goiás é maiúscula, grandiosa, escrita em letras do mais alto relevo.

A esse propósito eis este texto da escritora Nely Alves de Almeida, que pertenceu à Academia Goiana de Letras e é indiscutivelmente um dos grandes nomes da literatura goiana:

A Editora Oriente tem uma grande história. Ela é uma página importante da cultura em Goiás. Quando se referir a trabalho eficiente na área editorial goiana, ela tem que ser lembrada com destaque e seus proprietários louvados com justiça. Seu nome precisa ser levado às escolas, aos alunos, ao conhecimento de todos, enfim, como realidade e dedicação em uma área tão importante e tão digna. Zezinho e Taylor foram heróis, caminhando sozinhos e enchendo as estantes goianas de novos e inúmeros títulos de nossos autores. Um dia, porém, a Editora Oriente fechou as suas portas, mas não deixou de existir na memória do povo. Sempre será notícia nas horas oportunas, porque se tornou um marco histórico, intelectual e cultural em nosso Estado.

Paulo Bertran, grande historiador e professor, fez esta síntese lapidar:

A obra dos irmãos Oriente foi a Editora. Dizia-me o Taylor terem passado dos trezentos livros editados ao longo de dez anos de altos e baixos. Isso representa, no meu cálculo, o dobro, quiçá o triplo do que se publicou em livros em Goiás desde 1850 até 1960, um século. E até o próximo fim do século, quando muito, vai ser a marca estabelecida pela Oriente.

Alaor Barbosa, seu conterrâneo, contemporâneo (a diferença de idade entre eles é de apenas 1 ano), e cuja amizade com Teim estendeu-se de Morrinhos para Goiânia e

alguns anos de Rio de Janeiro, escreveu para a obra intitulada *Estrela Editorial dos Irmãos Taylor e José Oriente* esplêndido depoimento, que perfila de modo brilhante e completo a pessoa de Taylor Oriente. Transcrevo aqui parte do que Alaor depõe sobre a Editora Oriente:

*Fundou uma revista – 'Expressão', que ficou no primeiro número. Logo, estabeleceu parceria, no trabalho de uma gráfica, na Rua 5, em frente à casa dos seus pais. A gráfica evoluiu. De cartões de visita passou, aos poucos, a fazer livros. Surgiu a Editora Oriente, a partir de 1968. O meu '**Confissões de Goiás'** foi um dos primeiros, em 1968. Nunca se publicou tanto livro em Goiás como naquele período de 68 a 81. Mais de trezentos. Os livros, porém, não saíam de Goiás, não eram distribuídos por entre as livrarias do País. (mais de uma vez sugeri ao Taylor: vá a São Paulo e contrate uma boa distribuidora de livros. Ele me ouvia em silêncio. Às vezes, prometia ir, mas, infelizmente, por não ser empresário, nunca foi). Apesar, contudo de sua centena de livros encalhados por falta de distribuição, que não se fazia nem mesmo em Goiânia, misteriosamente acabavam se esgotando. Foi um serviço importantíssimo, fecundante, catalisador, revolucionário mesmo o que Taylor e Zezinho prestaram a Goiás (e ao Brasil, pois Goiás é Brasil, não é mesmo?) durante os heroicos anos da Editora Oriente, depois, Gráfica do Livro Goiano. Livros de autores novos, de autores consagrados, de autores de grande valor e de autores com menos ou com escassíssimo valor. De tudo, Taylor e Zezinho publicaram, com inexcedível boa vontade, com tocante humildade, com exemplar dedicação.*

Creio válidos outros reconhecimentos do imenso significado da Editora Oriente. Este, por exemplo, do escritor Adovaldo Fernandes Sampaio:

Eu sempre disse que a cultura existe apesar de, e não por causa de. Mas no caso dos irmãos Oriente, é preciso conhecer

que houve, na história cultural de Goiás, um instante em que a cultura existiu por causa de. Por causa de dois quixotes que acreditavam no que faziam e gostavam do que faziam, lutando pela realização de mais coisas, em vários níveis, para melhor entender as pessoas - autores e leitores.

Nunca houve, em lugar algum, em época nenhuma, uma história como a da Editora Oriente, dos irmãos Oriente. Até os últimos instantes, Taylor acreditava no retorno da Editora Oriente, com uma rígida seleção do que ela já havia publicado e o lançamento de novos temas. E um dos primeiros lançamentos dessa nova fase da Oriente seria seu *new fleuve*, que o consagraria em definitivo. Excelente jornalista, dono de um estilo límpido e fluente, ele queria provar que era também e sobretudo um narrador.

Neste ponto, isto é, a respeito dessa referência de Adovaldo ao *new fleuve de Taylor*, que *o consagraria em definitivo*, quero esclarecer aos que me estão a ouvir que o patrono da cadeira que ocupo nesta Academia Morrinhense de Letras dedicava-se à produção de um grande romance, que ele pretendia e até anunciava inovador em linguagem e até em temática. Todos os seus amigos íntimos sabiam dessa sua produção. Paulo Bertran, que conviveu com ele próxima e intensamente, fala desse romance, até hoje não publicado, dirigindo-se a Taylor *[...] teu livro Smeragdus - a última obra-prima da Guerra-Fria - genialíssima nas suas construções verbais – sua metalinguagem, suas construções linguísticas*. Nesta oportunidade quero deixar assinalado que espero e desejo que essa obra de Taylor venha a ser publicada. Sua mãe, dona Ester, deu-me esperanças quanto a isto.

Termino o enfoque do fenômeno Editora Oriente com outros dois registros, embora muito mais eu pudesse fazer. O

de Miguel Jorge, o escritor tão conhecido e admirado: *A par do sofrimento, muito natural, que era o de dar à luz um livro, acompanhar o seu nascimento, desde as escolhas dos tipos à estética da composição e da capa, havia o prazer de se misturar com os funcionários da Editora, dialogar com eles, porque aquela casa era uma casa aberta para os seus autores. E depois do livro pronto, tudo acabava em festa, com churrasco e cerveja.*

Taylor, o filósofo intelectualista, deixou muitas histórias e um romance inédito. José, com sua lucidez e sensibilidade, nos deixou a metáfora dos sonhos, que como uma planta floresce num mundo subterrâneo e esquivo. O tempo corre distante, e eles permanecem: personagens vivos em nossas lembranças, na lembrança de várias gerações. Imagens da vida cultural e da história literária de Goiás. Nossos livros aí estão, com o bonito selo da Oriente. E a lembrança deles, pessoas singulares, permanece, cada vez mais forte. Figuras bonitas, humanas, que despertaram em nós um sentimento de felicidade!.

O segundo dos dois últimos registros é do consagrado escritor Antônio José de Moura:

A Editora Oriente foi, não um milagre propriamente dito, mas uma realidade inesperada e, em princípio, insuspeitável. Igualou, com seu surto e atuação, nosso Estado aos grandes centros editoriais do País. A cada semana novos títulos, a descoberta de novos autores e variados setores de interesses em edições cada vez mais perfeitas tecnicamente. E o jovem editor não se deixava empolgar pelos resultados, sonhando sempre melhor, mais, em maior proporção.

Essa grande iniciativa, essa poderosa realidade que nos orgulhava a todos, na falta quase concomitante dos dois irmãos, veio a se frustrar. Fica como página da história - o que, aliás, é a principal razão da sua permanência.

Taylor Oriente foi uma grande inteligência a pensar grande. Ajudou a fundar um Curso de Jornalismo Universitário, do qual, como já visto, foi professor. Passa três anos a estudar em Paris, na Universidade de Paris III, no Instituto de Estudos da América Latina, escrevendo uma tese sobre Ocupação Periférica e Centro Continental da América do Sul. Sobre o tema, confessou ele, em discurso perante a Academia Feminina de Letras, que a partir de 1973 *duas questões passaram a inquietar-me. Em primeiro lugar, a definição do Espaço Cultural do Brasil Central. Dando prosseguimento às minhas pesquisas, passei a me interessar pelo universo botânico da Amazônia sul-americana, pelas vastidões semidesérticas do Chaco, e pela barreira que a Cordilheira dos Andes impõe entre o Oceano Pacífico e o resto do continente sul-americano.*

Daí surgiu o projeto de uma viagem de estudo pelas Américas do Sul e Andina - viagem que não fiz naquela época porque fui para Paris, mas acabo de realizar, recentemente, de volta de Paris, quando percorri 15.000 quilômetros de Venezuela, Colômbia, Equador e Peru.

Essa foi uma das inquietações satisfeitas por Taylor. A outra relacionou-se com ele próprio e ele a satisfez também. Foi de natureza profissional. Ele era especialista em textos e editoramentos, mas lhe *faltava o domínio no tratamento gráfico da informação, na construção de gráficos e mapas, para efeito de divulgação de dados em geral*. Partiu para Paris a fim de realizar um curso de Semiologia Gráfica, seguindo ele *inédito no mundo, que resumia teoria e técnica relacionadas com a simplificação de gráficos e mapas*. Na capital da França pôde também aprofundar-se em jornalismo e comunicação.

Taylor Oriente foi uma das melhores criaturas humanas que pude melhor conhecer. A vida tem me proporcionado as

mais variadas oportunidades de conhecimento do ser humano. O jornalismo. A advocacia. A vida pública, os políticos, os gestores da administração, a intelectualidade. São seis décadas de convívio com o ser humano em todas as suas facetas. Pude verificar a hipocrisia, a mendacidade, a perfídia, a ignomínia, a deslealdade, a impostura em grandes e pequenos personagens da vida. Como pude testemunhar lealdade, bondade, filantropia, generosidade, desprendimento, verdade, bom caráter em grande número de pessoas. Pedro Ludovico Teixeira, depois que o conheci pessoalmente, evidenciou-se-me invariavelmente um cultor intransigente da verdade. Venerando de Freitas Borges, um professor que passou por quase todos os postos importantes da vida pública, e o médico Hélio Seixo de Brito, também homem público durante vários decênios, provaram-se paradigmas de honestidade. José Mendes Diniz foi um homem padrão - de dignidade e de idealismo. Guilherme Xavier de Almeida era generoso e íntegro. Ursulino Leão, Nelly Alves de Almeida e Belkiss Spénciere de Mendonça são protótipos de grandeza moral e intelectual. Cito apenas esses nomes, porque esta conferência é pequena para as citações merecidas. Mas não posso deixar de mencionar que o nosso homenageado de hoje, Taylor Oriente, foi uma das mais exemplares figuras humanas que tive a oportunidade de conhecer. Sua bondade era inexcedível.

Por ocasião do sepultamento de Taylor, em 19 de julho de 1989, Gabriel Nascente escreveu e declamou um poema de tributo sentimental e emocional ao amigo. O poema tem o título *O cometa subiu* e eu quero encerrar esta homenagem a Taylor com os versos do poeta:

Quebrei paisagens com o pranto das emoções
Quando a voz de tua morte me chegou pela goela abaixo
Ó Deus, que choro estúpido arrombou meus olhos!

O vazio de teu rosto na parede
Ficou zurzindo em minha alma.
E ainda vejo o teu cândido sorriso brincalhão
Viajando de carona numa frágil armação de óculos

O amigo das cebolas, das azeitonas,
Tu deixaste o meu sangue agoniado,
As ruas enlutadas - noites em vertigens
Nos umbrais da saudade!

Mas por aqui,
E por todos os cantos da vida,
Eu vou à frente do teu rocim de sonhos
Esparramando o lume do teu nome
Eras o voo do rouxinol
Infância filosófica que derramará aroma
No sangue dos dias.

Simples como um pedreiro
A edificar mundos
Com pedras de poesia

Viagens. Coquetéis. Paris.
Rodadas sobre odisseias metafísicas
Estética. Política. Filosofia.
O prato predileto de nossos encontros
No beiral dos brindes escumosos.

Agora, e por todas as esquinas
Homenagens se acendem.
E tu, irmão do meu tenaz sofrimento,
Voaste para o trono das estrelas
Levando no bojo de tuas virtudes
O pranto interminável desta lembrança
(Que não chorou ainda, mas que, com certeza,
Vai ter que buscar a força cristalina dos peixes
Para que eu possa me compactuar com o silêncio
Salgado das lágrimas).

Por ti, neste poema,
Levarei um punhado de manhãs
Para a varanda dos teus olhos
Olhos de menino-poeta-boêmio:

Sublime criatura à esquerda
Do afeto universal.
Naquela noite
Iríamos quebrar todos os copos da cidade
Para brindarmos o milagre da vida
Num abraço de inocência.

Agora.
Uma palavra só rasga a minha boca: adeus!
Meu peito arrombado de saudades ficou sozinho,
Chorando no meio da rua. Os cães, as árvores e os postes
Vão dormir o sono da viuvez.

E eu já não vejo mais
O estilo inglês do teu vulto enchendo de júbilos
A razão miraculosa do viver.

Adeus,
Meu altar de bondade!
Por ti todas as portas foram pintadas
De fulgor esmeraldino. As laranjas ficaram
Cheias de inocência
E as manhãs voaram com suas luzes serenas.

Adeus,
Meu solitário cometa.

Biografia do Acadêmico: Eurico Barbosa dos Santos Cadeira nº. 09

Eurico Barbosa dos Santos é formado em Direito pela UFG, 1957. É Advogado e Jornalista. Nasceu em 03 de março de 1933, em Morrinhos, GO. Filho de Aristides Ferreira Barbosa e Elisa Maria de Oliveira. É casado com Jaci Araújo Barbosa, com a qual teve os seguintes filhos: Aristides, Elisa, Eurico Filho, Jacilena e Jacyone.

Vida Política e Parlamentar

- Vereador à Câmara Municipal de Morrinhos, 1959-1963.
- Deputado Estadual, UDN-PSP, 5.ª Legislatura, 1963-1967.

- Deputado Estadual, MDB, 6.ª Legislatura, 1967-1971. Teve o mandato cassado e os direitos políticos suspensos por 10 anos, por ato do Presidente da República, em 13 de março de 1969. Diário Oficial 14/03/1969 p. 2212.
- Deputado Estadual, PMDB, 10.ª Legislatura, 1983-1987. Presidente da Assembleia Legislativa, 1985-1987.
- Deputado Estadual, PMDB, 11.ª Legislatura, 1987-1991. Renunciou ao mandato em 28 de março de 1990 para assumir o cargo de conselheiro do Tribunal de Contas do Estado.
- Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado, desde março de 1990. Presidente do Tribunal de Contas, 1999.

Outras Informações:

- Membro da Academia Goiana de Letras. Eleito presidente da AGL, em 2001.
- Membro da Academia Morrinhense de Letras.
- Fundador da Associação dos Cronistas Desportivos do Estado de Goiás.

Publicações:

- "Confissões de Generais, A Intervenção Militar na Política Brasileira".
- "Pedro Ludovico: a Mudança Revolucionária".
- "História e Lembranças".
- "A Noite de 15 Anos".
- "Rui Barbosa e o Ideal do Tribunal de Contas".

O Herói do Século XX

Eurico Barbosa dos Santos.

No dia 28 de julho de 1998 escrevi para este diário artigo cujo foco foi Nelson Mandela. Intitulei-o *O herói do século*. Esse escrito figura entre as crônicas de *A noite de 15 anos*, livro publicado em 1999. No primeiro semestre de 2013 reeditei minhas crônicas em volume que reúne exclusivamente produções do gênero crônicas. E a esse volume dei-lhe o título *O herói do século e outras crônicas*. Foi mais uma forma de homenagear o grande líder sul-africano cujas exéquias há vários dias constituem manifestações de toda a comunidade sul-africana, manifestações de caráter festivo porque lá a morte não é objeto de tristeza e lamentações, mas sim de alegrias e celebrações.

Primeiro tópico da crônica:

"Reparem na figura refletora da personalidade de Nelson Mandela: nenhum gesto espetaculoso, nenhuma teatralidade, nenhuma encenação populista, nenhuma atitude dissimuladora. O líder sul-africano, com a simplicidade dos verdadeiramente grandes, a sobriedade dos autênticos, personifica dignidade. Recepcionando-o na semana passada (primeiro presidente da África do Sul a visitar o Brasil), o presidente Fernando Henrique definiu-o "herói do século". Herói tipicamente carlyliano: *Os heróis* – titulo brasileiro da sua obra clássica – de Thomas Carlyle surgem de cem em cem anos".

E continuo:

Herói e estadista.

A primeira notável insurreição de Mandela foi contra a tutela do chefe da tribo dos Tembas. O pai, Henry Gadla Mandela, confiara àquele chefe, quando o filho tinha apenas 12 anos, aquela função. Aos 23 anos, Nelson Mandela, vendo e sentindo que o tutor quer lhe impor até o casamento e fazê-lo seu sucessor na chefia da tribo, decide fugir e enfrentar a vida em Johannesburgo. Na capital do seu país, o emprego que consegue é o de vigia: montar guarda na entrada do núcleo destinado aos mineiros negros das 10 horas da noite às 6 horas da manhã!

É breve essa experiência de vigia noturno. Indo morar em modesto apartamento no distrito negro de Alexandra, Mandela conhece Walter Sisulu, proprietário de pequena imobiliária. Conta-lhe os problemas com o chefe da tribo e o seu projeto de voltar aos estudos de Direito. Sisulu sensibiliza-se, impressiona-se com o jovem companheiro de cor e de ideais. Empresta-lhe soma suficiente para que complete o curso de Direito por correspondência. Mandela casa-se com uma jovem enfermeira – Evely Ntoko Masi. Trabalha, estuda e arca com as responsabilidades familiares. Mas acha meios de desempenhar atividades políticas. Ingressa no Congresso Nacional Africano – organização fundada em 1912 para lutar contra o **apartheid**, o brutal regime segregacionista imposto pelos brancos europeus que dominam a África do Sul sobre a grande maioria negra. Em 1943, jovens militantes dessa organização, entre os quais Nelson Mandela, Walter Sisulu, Oliver Tambo e Anton Lembed, reagem contra a excessiva moderação do CNA e

formam a Liga da Juventude do Congresso Nacional africano. Planejam protestos de massa, mobilização contra o regime. Estavam convencidos de que "somente a experiência adquirida na luta contra os opressores poderia apagar os sentimentos de inferioridade que os negros haviam desenvolvido após tantos anos de submissão".

A luta revolucionária de Mandela prossegue em crescendo: em março de 1944 é eleito secretário geral do Congresso Nacional Africano; em 1950 presidente da Liga da Juventude; em 1952 coordena a formidável Campanha do Desafio; em 1955 sua organização divulga a Carta da Liberdade; em 1956 ele e 156 companheiros são presos por traição; em 1960 acontece terrível massacre que desperta grande reação internacional contra o regime branco sul-africano (o chamado massacre de Sharperville, em que 65 negros são mortos em 30 segundos de metralhamento); em 6 de agosto de 1962 é outra vez preso pela polícia do seu país. E a 6 de junho de 1964 é ele, Nelson Mandela, condenado à prisão perpétua e conduzido para a ilha de Roben, a fim de cumprimento da pena. No julgamento, Mandela faz a própria defesa. Não se dobra. Ao contrário: seu desassombro é impressionante. Admite que tentara derrubar o governo de minoria branca. Mas assegura que suas ações "eram o resultado de uma calma e ponderada avaliação da situação política surgida após muitos anos de tirania".

Passa 27 anos na prisão. 27 anos! Que experiência forjadora de sabedoria e demonstrativa de caráter férreo, indestrutível! Enquanto preso, a figura heroica de Mandela inspira a luta que irá desmoronar o apartheid, é chama incandescedora dos ideais de 26 milhões de negros dominados

por 5 milhões de brancos. No nefando regime, esses 26 milhões de negros têm apenas 13% da área territorial da África do Sul; 87% são ocupadas pelos brancos (os africânderes: holandeses e ingleses).

A liberdade para Mandela torna-se invencível bandeira de luta do povo negro.

A ditadura propõe liberdade condicional para Mandela. Este a rejeita. Em 1989 Mandela ganha a concessão que lhe permite passar o 71º aniversário ao lado de familiares – mas na prisão.

A 2 de fevereiro de 1990, o governo de Frederick di Klerk, de tendências liberais e que sucedera ao totalitário Peter Botha, faz um anúncio da iminente libertação de Mandela, a qual acontece 9 dias depois (11 de fevereiro). Depois de 27 anos de cárcere "Mandela mostrou-se, para a surpresa de muitos, uma figura inesperadamente forte, serena e até mesmo elegante, num terno e gravata impecáveis". (Em *Os grandes líderes*, de Thomas Butson).

Liberto, Mandela negocia com sabedoria. Granjeia admiração cada vez maior, simpatia e confiança de todos.

Em 1993 ganha o Prêmio Nobel da Paz.

Torna-se presidente da República da África do Sul em 1994, impondo-se como estadista extraordinário.

A Cadeira 10:
Posse e Escritos Deixados Debaixo da Porta.

A Emoção

Subi as escadas deste antigo fórum, nesta sala em que muitos destinos foram ultimados, com total introspecção. Como quem sobe no mais alto ponto da vida, e tendo dentre vós a menor idade somada. Nesta sala em que muitos julgamentos aconteceram, vidas foram decididas e a Lei, como forma literária, foi obedecida. Contam-se diversos tribunais de júri aqui acontecidos com o total apresso à oratória, e por que não dizer à Literatura, à análise do discurso, ao teatro.

Ao Patrono

A liturgia de posse de um acadêmico consiste em sublevar seu patrono, sua cadeira. E isso para mim é tarefa fácil. Coronel Fernando Barbosa tem uma lista importante de serviços prestados a esta plaga. Músico de sensibilidade,

clarinetista de facetas *Bachianas*, exímio orador, de muita influência. Conta-se, no folclore da cidade, que Coronel Fernando não costumava bater às portas para adentrar os gabinetes das autoridades. De certa feita, acompanhado por uma comitiva ao Palácio da Liberdade, na capital Belo Horizonte, o Coronel foi entrando gabinete adentro, compadre que era do então Presidente de Minas Gerais, hoje chamado de Governador, o seu compadre Melo Viana. Vejam só a audácia do Coronel!

Fato engraçado, é que o mesmo Coronel tinha uma filha, normalista que depois de formada, quis aqui iniciar um Grupo Escolar, e foi também em Minas que todo o recurso foi conseguido, mobília e verba para se erguer a construção do Grupo Escolar Coronel Pedro Nunes. Com controvérsias ou não, Maria Barbosa Reis, a Dona Maria Diretora, primeira professora desta cidade é um ícone: pouco lembrada, ou nunca lembrada nas fachadas laureadas pela ignorância de nossos prédios públicos, a meu ver, um aplauso à *bestilência* e *rutilância* do mal agradecido povo desta terra.

A Herança

Sem imaginar que isto um dia fosse acontecer, tornei-me herdeiro do meu patrono "Coroné Fernando". Herdeiro do maior patrimônio dele. E digo com tanta propriedade, e peço licença, a vós todos que me ouvem, para me reportar a esta herança, imaterial, saudosa, que se encontra na cidade de Belo Horizonte. Local que dedico daqui de Goiás minhas preces diárias e minha amizade sincera. Daquelas

que apertam o peito. Como gostaria de ver aqui na plateia Belzinha, Gláucia, Túlio, Orion com respectivos familiares, do clã de Belzinha, Giancarlo, Taíla, e meus afilhados Florence e Guilherme, acompanhados do Heitor, razão pela qual o riso deles ficou mais bonito, que hoje enche também meu coração do amor de tio postiço. Muitas foram as provas de amizade de lá para cá e daqui para lá. Será que mereço esta digna herança de meu patrono? Concordo que não, mas dele me tornei cativo, herdeiro.

O Antecessor

A magia da Academia é a mesma: seja nas primeiras arcádias, seja nas academias inglesa ou francesa, esta última, nosso espelho.

Porém, para esta magia perdurar, algo de nefasto tira o brilho da concorrência para a eleição. Para que a ufania de um acadêmico aconteça, faz-se necessária a morte de outro. Para nosso riso há-se de ter o pranto. E aqui hoje, vivo os dois sentimentos, pois minha ação ao prantear meu antecessor nesta cadeira iguala-se na intensidade de minha alegria. Em sua buliçosa trajetória de vida, o mineiro Fernandino Barbosa, nesta terra, continua crepitando o rastilho de fogo polêmico, uma pólvora próxima da fagulha, a brasa da discórdia, como bem disse Osvaldo Orico em um de seus textos.

Na verdade, a profusão de coisas personificadas em Fernandino Barbosa tem para mim um caráter muito

melancólico. De muita saudade. De muita tristeza, de muito querer... Remonto nossa última conversa. Falávamos sobre Clarice Lispector. Eu, um neófito estudante do curso de Letras, amante da literatura modernista; ele, um ermitão em suas leituras místicas que, diga-se de passagem, também aprecio. Nesta feita, ele me dizia que o melhor de Lispector era a obra Perto do Coração Selvagem, e eu apaixonado pela elegia e pelos oprimidos dizia ser A Hora da Estrela, não o convenci, nem ele a mim. Mas concensuamos que A Menor Mulher do Mundo deveria ser o ponto de encontro de nossa conversa. Encerrei o assunto com uma parte muito afetiva de Rodrigo S.M., narrador da história de Macabéa, que assim disse:

> "...e acreditava em anjos e porque ela acreditava, eles existiam."

Fernandino, também, acreditava piamente em anjos, elfos, duendes, bruxas, e todos quantos fossem os seres místicos que habitassem o Universo. Penso que seus textos publicados no inesquecível O Liberal eram uma prova viva de que Fernandino podia ser o habitante de dois mundos, e para mim, ele é. Está lá e aqui. Principalmente hoje, em minha memória.

Escritor de todos os gêneros me mostrou uma novela que estava a juntar economias para publicar. Um fenômeno perdido com o seu desaparecimento. Ao lado de sua Terezinha, foi um esposo extremado, amigo de quem era amigo, caridoso, bom pai... Não tolheu o sonho dos filhos, que voaram, voaram muito.

Agradeço-lhe cada orientação. Cada bronca. Cada dia vivido ao lado dele. Graças ao meu antecessor Fernandino, pude ser encaminhado para o curso que mudou minha vida, e hoje é o arrimo de meu lar. E como dizíamos frateres e sorores rosacruzes "Per benedictionem Rosae Crucis".

Biografia do Acadêmico: José Henrique Rodrigues Machado – Cadeira nº. 10

José Henrique Rodrigues Machado é formado em Letras – Língua Portuguesa/ Inglesa e respectivas Literaturas (2006/2009). Especialista em Direito pela Universidade Federal de Goiás (2012). Cursa especialização em Planejamento e Perícia Ambiental na Universidade Estadual de Goiás, Campus Morrinhos. Atualmente é professor de Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa, Língua Inglesa e Laboratório de Comunicação Oral e Escrita de Língua Inglesa, na Universidade Estadual de Goiás, Campus Morrinhos. Foi professor de Língua Inglesa, Redação e Língua Portuguesa do Centro Educacional de Morrinhos, de 2007 a 2014. Professor de Língua Portuguesa no Colégio Estadual Sylvio de Melo e no Colégio Estadual Xavier de Almeida, de 2009 a 2012, e de Línguas Inglesa e Portuguesa no Colégio Estadual Coronel Pedro Nunes. Tem experiência na área de Letras. Escreveu em diversos periódicos. É membro do Rotary Club de Morrinhos, e seu presidente 2013/2014. Membro da Ordem RosaCruz, do Conselho Municipal de Cidadania, da Folia de Reis na Comunidade da Marcelânia, há 18 anos; foi catequista da Diocese de Itumbiara e sócio da Sociedade Dramática e Literária de Morrinhos. No ano de 2011/2012 foi Team Leader do Programa de Intercâmbio de Grupos de Estudo nos Estados Unidos da América, no

estado de Nova Jersey. Diretor do COTEC -Programa Bolsa Futuro, Pólo Morrinhos. Chefe de Cerimonial do Gabinete Civil da Prefeitura de Morrinhos. Participa ativamente das entidades a que é vinculado, recebendo delas homenagens e postulados que sejam citados: Comenda do Mérito Antônio Correia Bueno, sendo seu primeiro Chefe de Cerimonial, conferido pela Prefeitura Municipal de Morrinhos; Título de Companheiro Paul Harris concedido pela Rotary Foundation, do Rotary International; Prêmio Cinco Avenidas de Serviços do Rotary International; Citação Meritória e Menção Presidencial do Rotary International no ano de sua presidência, pelo cumprimento de metas (2013/2014).

Carne de Sol Não é Filé

José Henrique Rodrigues Machado.

Hoje, ao que se nos parece, está todo mundo de mal com a vida. Por qualquer "me dá cá aquela palha", a pessoa se insurge, briga, xinga, discute, ameaça e muitas vezes vai a vias de fato. Seria a influência nociva da televisão e suas novelas? Ou a televisão e seus noticiários? É impossível ligar-se a televisão para assistir ao que vai pelo mundo sem deparar com um sem número de mazelas produzidas pelo povo, por alguém. É o bêbado que matou na estrada; o viciado que cometeu um rapto; o bandido que trocou tiros com a polícia e mais uma série de "coisas desagradáveis" que entram em nossas casas, sem ao menos pedir permissão, e o pior, só ensina o que há de ruim, principalmente, os tais canais que se envolvem em novelas.

Ou, quem sabe, a gente está errada e pode debitar tudo isso nas questões familiares, no aumento contínuo do custo de vida, ou se o problema está relacionado ao trabalho de cada um; a verdade, é que todos nós estamos vivendo um clima de agitação, revolta e incompreensão. Sem culpas.

E, não é só o homem do povo, não. Algumas autoridades se veem no direito de desaguar sua ira, seu ódio, seu desespero, suas maledicências em cima do povão, com constantes aumentos de impostos, mentiras, falcatruas e muitas coisas ridículas mais.

Nosso caso de hoje tem muito a ver com o que de pior tem acontecido no seio do povo brasileiro: a ira, o ódio, a raiva.

O José Ribeiro e Rosa formam um casal sempre conservador e amigo das coisas certas. Gente que vive do suor de seu trabalho.

Tendo seu salário atrasado, em uma empresa que rola por aí, por mais de dois meses, ele conseguiu comprar fiado, uma manta de carne de sol em um de nossos açougues, alegando, exatamente isso: que o salário estava atrasado, mas que a empresa pagaria dentro de cinco dias.

Chegou em casa eufórico como se aquela manta de carne seca, de dois quilos, fosse um troféu, uma medalha de ouro conseguida em uma Olimpíada.

Tentando esconder sua raiva por estar com o salário atrasado e com a baixa estima por ter de pedir fiado, José se dirigiu a casa e pediu a esposa com carinho:

– Capricha nesta carne de sol pra nós, bem!

– Por acaso eu não faço as coisas direito? Se não está satisfeito com o que eu faço, vá pedir à sua mãe para fazer!

Faço do meu jeito. Se quiser, bem, se não quiser, amém. Foi uma resposta bastante apimentada que o José recebeu, mesmo por que havia pedido com carinho.

Logo que começou a cortar a carne, observou que ela estava dura demais e até comentou com a vizinha, por cima do muro quebrado:

– Rosália, o Zé foi comprar carne e sabe o que venderam pra ele? Deve ser baixeiro de algum animal.

O José que tomava uma boa 51, o resto que sobrou de uma garrafa e que guardara desde algum tempo, apenas deu uma olhadela e nada disse, mas resmungou qualquer coisa que ninguém entendeu.

A Rosa cozinhou a carne daquele jeito mesmo. O resultado é que, na verdade, ninguém conseguiu mastigar aquela coisa dura. Mais dura do que sola. Os dentes podiam arrebentar todos, mas a carne nem triscava, nem mexia.

– Ô Rosa, como é que você fez esta carne de sol que não dá pra gente comer?

– Eu não fiz de jeito nenhum. Da próxima vez que você quiser carne macia, compre um filé minhon, quem sabe assim a gente consegue comer sem arrancar os dentes?

– Mas eu pedi, com carinho, pra você caprichar na carne e você fez ela de qualquer jeito.

– Já disse e repito, se você quiser comer coisa melhor, leva pra sua mãe fazer pra você.

Nessa altura do campeonato, o que você acha que o José Ribeiro fez com a Rosa: deu-lhe um par de beijos na boca ou um par de bolachas na orelha?

Um Velho Coronel

José Henrique Rodrigues Machado.

Podem contar-se nos dedos os que fizeram tanto por sua cidade quanto o Coronel Fernando Barbosa. Mas não conheço quem haja feito mais do que ele. Quando digo sua cidade refiro-me a Morrinhos, em que o coronel, aliás não nasceu, mas que viveu quase toda uma longa vida. As gerações jovens, que gostam de dizer que sabem das coisas, mas não procuram saber quase nada, poderiam estar pensando que os serviços do coronel tenham sido prestados no comando de algum regimento, com vitórias gloriosas e batalhas cruentes, uma coisa assim. Não, ao que me consta, o posto e a patente do personagem a este vieram como títulos meramente honoríficos, que a finada Guarda Nacional então prestava aos cidadãos de melhor merecimento, a conferir-lhes assim aquele "status" que lhes faltava por falta de anel e o pergaminho de um doutorado.

Bem, mas se o coronel Fernando Barbosa não pertence às forças armadas, o leitor estará se perguntando com que serviços se apresenta à posteridade, e à cronista, para que este último se demore justificação do seu valor.

Quando veio o coronel para Goiás, deixando Minas Gerais em que nascera, talvez nem fora eu nascido. Em Morrinhos, terra que elegera como sua e para onde trouxe toda a sua família para praticamente viver pelo resto dos seus dias, encontrou, no começo dos anos vinte do século passado, um clima do maior atraso mental, que ninguém aliás sentia e notava porque era o mesmo em que viviam todas as comunidades do interior goiano naquele tempo. Havia, na pequenina Cidade dos Pomares, apenas duas três escolas particulares de primeiras

letras, que mal ensinavam a leitura e as contas. E não se poderia esperar que pudesse o governo do Estado, ou o do município, criar algum grupo escolar para o sem número das crianças pobres que iam crescer analfabetos. Nessas horas, entra o primeiro serviço a Morrinhos, prestado pelo coronel. Em 1924, por influência pessoal sua, pelas amizades e o apreço singulares com que o contemplavam as mais eminentes personalidades mineiras, o que sucedeu em Morrinhos? O governo mineiro! É bem verdade que o estabelecimento foi criado por uma lei municipal, a pedida à vereança pelo intendente Dr. Pedro Nunes Filho. Mas os professores vieram de Minas, pagos pelo governo de Minas, que inclusive mandaria para Morrinhos, durante muito tempo, desde os móveis escolares até artigos de consumo como o giz e o papel!

A revolução de 30 encontrou o coronel ao lado dos revoltosos. Antes delas, fizera em Morrinhos com Dr. Raul Nunes e o Sr. Domingos Landó, a campanha eleitoral de Getúlio contra Júlio Prestes. Vitoriosa a revolução, ganhou o coronel nova expressão política em que seu meio e em seu tempo. E saberia valer-se dela com a melhor inteligência.

Em 1931, seu prestígio pessoal com o interventor Pedro Ludovico era tão grande que esse governante e todo o seu secretariado, transferiu simbolicamente a capital do Estado para Morrinhos, especialmente para assinar ali o decreto de criação de uma escola normal, a primeira oficial a existir no interior goiano. Nessa escola em que lecionaram José Cândido, Eudóxio de Figueiredo, Eudóxio Rosa de Viterbo Fraga, os intelectuais da terra, se formaram quase todos quantos, ainda hoje, desempenham os papéis mais importantes da vida social da antiga Vila Bela, e ali, em tempos os mais gratos de vida, me eduquei com as lições e os exemplos daqueles mestres.

Menos de quatro anos depois, o prestígio do coronel Fernando Barbosa daria à educação em Morrinhos maior dimensão, quando fundou ele na cidade uma escola técnica de comércio, com reconhecimento federal, quando nenhuma outra existia no Estado! E, se tantos serviços não bastassem, ainda levaria para Morrinhos a primeira tipografia, com que a bem mais de trinta anos, editava um semanário bem feito.

Os ventos da política, que por breve tempo o favoreceram, permitindo-lhe realizar tanta coisa passariam cedo a ser-lhe adversos: uma surpreendente aproximação das forças oposicionistas de Morrinhos no sentido do interventor Pedro Ludovico estipulava a condição de que ao coronel Fernando se recusasse para todo o sempre, qualquer prestígio daí por diante. E assim se cumpriu.

Mas, a sobrevivência de tantas obras plantadas era incômoda. E, por isso, pereceu logo depois a escola de comércio, vendida para uma instituição educacional de Goiânia; a escola normal fechou suas portas; e o jornal não mais circulou.

Nem o rigor de tantos e tão amargos golpes faria o coronel desamar sua cidade. Posso testemunhar um fato final, revelador de tamanha afeição: quando já pronto o projeto da rodovia asfaltada Goiânia/São Paulo, o traçado passaria a quase vinte quilômetros de Morrinhos, assim condenada à estagnação e ao esquecimento. Todos os empenhos políticos no sentido de se desviar o trajeto haviam malogrado. Menos o do coronel Fernando que, já engenheiro responsável pelo projeto era filho de um velho amigo dos tempos de Minas; e tanto com ele pelejou a ponto de desviar-se afinal o curso da rodovia, que hoje passa praticamente nos subúrbios da cidade.

Para os que não conheceram em vida o coronel, direi apenas que ele não conseguia tanta coisa porque impusesse

autoritariamente sua vontade: era apenas um homenzinho simplesmente obstinado que sabia o que queria, e que pedia com insistência, mas com humildade, vencendo ora pelo cansaço, ora pela amizade.

Em Pequi, sua cidade natal, há um grupo escolar com o nome do coronel, e uma das praças se vê uma estátua dessa admirável figura humana. Mas Morrinhos, terra que lhes guarda os despojos, e que dele recebeu serviços bem mais assinalados que os por ele prestados ao lugar de seu nascimento, ainda lhe deve mais eloquentes sinais de gratidão!

De Quem é Esta Cueca?

Fernandino Barbosa.

Quando a gente diz aqui que certas coisas só acontecem em Morrinhos, muitas pessoas riem e acham que exageramos em nossos comentários.

Nossa cidade não seria a mesma se esses tipos de fatos não ocorressem. O melhor é que há muitos e muitos anos que esses fatos acontecem, sempre merecendo a máxima atenção do que os contam.

Aqui tem gente de todo jeito. Têm aqueles que assumem o que fazem; têm os caladinhos; têm os que fazem e jogam a culpa nos outros. Têm aqueles que fazem toda hora e temos aqueles que nunca fizeram.

Um nobre senhor, chamado *Pedrim*, passando na Marcelânia parou para tomar uma cervejinha, devido ao calor abafado de um sábado, quando *Pedrim* disse ao compadre:

– Compadre, ao invés de pescar, vamos para o CTC em Caldas Novas?

Deu no que deu, na época, a esposa do *Pedrim* e a comadre descobriram e os dois passaram um bom pedaço. Pois é! Existem outras dele que à medida que o tempo for passando a gente vai contando. Um dia desses vou contar a história do "Achôôôôô!"

No início dos anos 90, quando começou a febre do computador, todas as pessoas comprando máquinas novas, eu também fiz a aquisição de uma, em 24 prestações.

O professor considerado o melhor, na época, era o Pereira e lá me matriculei para aprender um pouco do que fosse Windows, Word, etc., para facilitar meu trabalho jornalístico. Minha turma começava às 7h da matina. E, no meu primeiro dia, descobri que quem se matriculara, também, foi o nosso *Pedrim* e a Ana, uma amiga de longa data. Na "sala de aula", as três mesas de trabalho, pela ordem do rumo da porta eram: eu, a Ana e ele. Eu sentava um pouco mais longe.

O *Pedrim* tinha um fusca esverdeado, escuro e todos os dias passava em minha casa para fazer-lhe companhia. Lá íamos nós, conversando, rindo até que a aula tivesse seu início.

A mulher do zeloso professor Pereira, de quando em quando, chegava à porta e perguntava: "Tudo bem por aí?"

Em um domingo à noite, o *Pedrim* chega em casa e, meio às pressas tira as calças para vestir seu pijama e deitar antes que a esposa que dormia, acordasse.

No dia seguinte, foi vestir as calças ficou surpreso porque não viu a cueca. Pegou outra, vestiu, botou as calças por cima e lá fomos nós para a casa do Pereira, estudar computação. Ele residia no Jardim América.

Ocorre que, naquela correria, a cueca ficou presa na perna das calças e, à medida que o tempo foi passando e com o movimento, de ficar sentado, a cueca foi descendo, descendo e caiu aos pés dele e no que o *Pedrim* notou, deu um chute de leve na cueca e ela foi parar debaixo da mesa da Ana que, entretida, não prestou a devida atenção ao fato.

Naquele exato momento, em que aquela cueca azul se afrouxava aos pés da Ana, eis que surge à porta da sala, a esposa do Pereira.

Com o cabo de vassoura, ela pegou a cueca, levou-a ao ar e perguntou:

– De quem é esta cueca? Ô Pereira, como você me explica isso?

Explicar o quê? Naquele momento o Pereira era o mais inocente dos mortais. Sabia de nada.

O *Pedrim*, por sua vez, calado estava calado ficou com a cara mais séria do planeta.

Histórico da Patrona
Maria Barbosa Reis

Em 1918, veio a cavalo de Pequi – Minas Gerais para Goiás MARIA BARBOSA REIS, com o pai Cel. Fernando Barbosa e a mãe Maria do Carmo. De família muito humilde, sua mãe era costureira. Junto com seu marido, João Reis, farmacêutico em Pontalina, que na época era um Distrito de Morrinhos, montaram uma farmácia homeopática, pois em Morrinhos e região eram raros médicos e farmacêuticos.

Na luta pela sobrevivência, ainda sobrava tempo e ânimo para alegrar os goianos, pois montaram uma banda musical, e todos os dias iam tocar numa casa de amigo do Distrito ou nas fazendas das redondezas. Foi um tempo de muitas dificuldades, mas muita união e alegria. O nome de seu pai Cel. Fernando Barbosa foi dado a um colégio de Pontalina para homenageá-lo. E também á um Grupo Escolar na cidade de Pequi-MG.

Desde criança, Maria Barbosa Reis sonhava em ser professora e conhecer o estado de Goiás. Fez o curso primário em Pequi-MG no Grupo escolar Cel. Fernando Barbosa, conseguindo o prêmio de 1º lugar. O Curso preparatório fez em Belo Horizonte, ocasião em que o governador de Minas Gerais naquele tempo, era o Dr. Benedito Valadares Ribeiro ofereceu a

ela o curso de Medicina. Mas, como seu ideal era ser professora, agradeceu e não aceitou. Fez o exame de admissão na Escola de 1º grau Delfim Moreira, na cidade de Sabará, obtendo o 1º lugar entre 30 alunos. Nesta mesma escola, fez o curso normal e para suprir a falta de uma professora, foi convidada pelo Diretor José Alves Nogueira para lecionar como monitora.

Assumiu compromisso com o Dr. Pedro Nunes da Silva, então intendente em Morrinhos para inaugurar o grupo Escolar Cel. Pedro Nunes como foi chamado. Naquela época foi um dos primeiros Grupo de interior do estado de Goiás. Foi então nomeada professora e diretora em Morrinhos em 12/05/1924. Foi quando teve seu filho João Reis Júnior, que também foi grande homem em Morrinhos, pelo seu caráter nato.

Como diretora, dirigiu o Grupo escolar Cel. Pedro Nunes durante 35 anos. O dom de escrever continuava intenso, que parecia hereditário. Pois Maria Barbosa Reis é irmã da Escritora Esther Barbosa Oriente e mãe da também escritora Maria Reis Canedo. Que além de outros livros, escreveram respectivamente Dona Gercina, A Mãe dos Pobres e Educação Nutricional.

Morrinhos era chamada de Cidade dos Pomares. Em 1934 foi nomeada secretária da Legião Brasileira de Assistência, pelo juiz de direito Dr. Mário Ferreira. Defendeu tese, apresentando um livro no 8º Congresso Nacional de Educação, representando com diretora o Grupo Escolar Cel. Pedro Nunes. Foi homenageada na Festa de Artes de Morrinhos pelo Sr. Olinto Neves. Minas é sua terra natal e Morrinhos Goiás é a cidade onde passou maior parte de sua vida. Em Morrinhos, diz ter conhecido o amor e em Morrinhos com o esposo João Reis, que era além de farmacêutico, músico e alfaiate. Deste lindo encontro nasceram 10 filhos. Mesmo cuidando do marido, dos filhos, não desistiu de sua profissão, pois

lecionou na Escola Normal, depois por longos anos. Também foi professora na escola Normal Dr. Hermenegildo de Morais e também na Escola de Comércio em Morrinhos. Conciliava o trabalho escolar fora com as tarefas do lar e ainda fazia trabalhos manuais ou artísticos. Seu último trabalho deixado foi o livro publicado pela Editora Oriente, em 1979, intitulado "Meio Século de Magistério".

Maria Barbosa Reis fez parte da história Educacional de Goiás, na qual colaborou muito para o desenvolvimento cultural de Morrinhos. Lutou muito para levar a todos de Morrinhos e municípios vizinhos o alfabeto e os primeiros cursos fundamentais. Faleceu em 12 de abril de 1982, deixando vários ensinamentos de dinamismo, vontade de viver, de lutar para valorizar e aperfeiçoar o lado humano educacional, social e cultural.

O Ser Pode Ser Imortal

Após o desenlace do corpo físico, o vazio que foi preenchido pelo que fica para ler e mostrar é o que se faz. E, principalmente, o útil do que se fez. Para transbordar e ensinar, cada geração no seu íntimo e sensível poderá, ter o privilégio de ler e ouvir o ruído positivo de quem foi Maria Barbosa Reis. No seu livro publicado, onde narrou sua existência terrena, Meio Século de Magistério nos faz valorizar a saudade que ficou de um ser humano, amigo, bondoso, dedicado ao âmbito educacional e aos carentes no momento e, sobretudo, IMORTAL.

Somente a verdade dos fatos sobressai, no direito de cada um, num processo natural de livre voar e pousar no arquivo

da memória, do pensamento e o espírito, como um adesivo colante e para sempre Maria Barbosa Reis, em que desde o inicio de sua jornada mundana, era dedicada a seus filhos, netos, genros, noras e, principalmente, aos que lhes parecia estranhos. O prazer de ajudar o desenvolvimento de todos, se mostrava vaidoso, quando no domingo podia reunir em sua simples casa em Goiânia no Setor Sul, para almoçar o franguinho, era tudo planejado pela nossa Maria Diretora imortal. Para oferecer momentos agradáveis para todos de bondade, união, sabedoria e ajuda a todos que tiveram o prazer de conhecê-la e de almoçar. Insistente em dizer "só mais um pouquinho disso ou daquilo... Sua presença recheava o ambiente de sereno, de vida, de paz e de amor... Era vaidosa, mas iluminada, parecia que sabia previamente o limite desse expor. Jovem, bonita de olhos azuis, bem claros e do céu. Permaneceu até seu último instante de vida confiante. Em que posso lembrar que no dia que partiu, pela manhã havia ido a um salão colorir as unhas, para não se entregar. Mas naturalmente se foi... desapareceu...

Mas deixando fluir no ambiente, um infinito código de ensinamentos. No âmbito educacional foi primeira, pois veio de Minas Gerais para Morrinhos, acompanhando o esposo João Reis. Até hoje me lembro de meu pai, também João Reis Júnior elogiar os trabalhos de sua mãe em prol dos mais pobres. Dona Maria Diretora não se acomodou, cuidou do esposo doente, do filho paralítico por acidente aos 21 anos, cuidado tão perfeito, que confundia com Maria, mãe do Filho de Deus... Cuidava dos outros filhos, em que a situação financeira que passavam no início era deficitária. Quando vieram para Morrinhos, não a revoltou e muito menos a privou de querer transmitir para os morrinhenses natos e morrinhenses por opção, o alfabeto e as primeiras linhas do

saber. Principalmente nas zonas rurais, onde improvisava aulas, sem carteiras, sem mesa e sem quadro negro.

Não existia transporte coletivo, mas ali ia a Dona Maria professora, pessoalmente ensinar. A sua fome de ensinar era tamanha que em muitos lugares primitivos, próximos de Morrinhos, improvisava aulas para jovens e idosos, que soava no ar, alegre e gratificante para todos. Guerreira na doença e na saúde, senhora de si, independente em pensamentos e procedimentos, mas sempre com intuito de proteger a família e os mais fracos e para planejar para simples acontecer... Religiosa do Catolicismo, persistente nos seus objetivos. Adorava caminhar e visitar os parentes, UM SER ESPONTÂNEO, IMORTAL NO INFINITO.

O pedido inicial positivo, a contestação para o bem, às provas do jardim que ficaram e o julgamento do mérito, nunca condenaria Maria Barbosa Reis, pois o saldo do bem supera muitas vezes os seus defeitos invisíveis. Pois até o presente momento, absolvida naturalmente, vive e bate o sininho alegre nos corações dos que a conheceram e desfrutaram de seu eterno amor aos familiares, aos mais próximos, e aos que pediam a sua ajuda. De sua nata bondade interior

> E para consolar cada leitor: o poema RENASCER
> Filhos dos filhos, netos dos Avós, Filhos dos Netos, netos dos netos.
> Com eles, há conflitos, há divergências, há saudades! Há sentimentos...
> Calma nas doenças, força para lutar, paciência para ouvir.
> Evoluir para compreender.
> Crescer e RENASCER...
> Para conviver, o diálogo é o principal convite...

Não há palavras para escrever, a personagem imortal ausente mais presente, a prova testemunhal e jurisprudência maior, é este momento, onde interrompemos outros momentos e o futuro, para mais uma vez passar no vídeo humano de nosso ser, o corredor florido e perfumado de sentimentos bons e aplausos para Maria Barbosa Reis, O SER IMORTAL...

1º (primeiro) patrono da Academia Morrinhense de Letras, escrito e apresentado no Colégio Coronel Pedro Nunes, pela Acadêmica Cadeira 11 Graziela de Souza Reis. E que atualmente todo o texto deste integra o livro de Graziela: "O Poder Livre e Humano publicado em 2007".

Biografia da Acadêmica: Graziela de Souza Reis Cadeira nº. 11

Dra. GRAZIELA DE SOUZA REIS, advogada atuante em Morrinhos. É escritora e membro que ajudou a fundar a AML- Academia Morrinhense de Letras. Filha de João Reis Júnior e Dolôres de Souza Reis. Neta de João Reis, ex-prefeito de Morrinhos e bisneta do Coronel Fernando Barbosa também ex-prefeito de Morrinhos e foi homenageado com o nome da Avenida da entrada de Morrinhos, Av. Coronel Fernando Barbosa. O Coronel é pai também do escritor e jornalista Fernandino Barbosa. Graziela é também sobrinha de Ester Oriente e Maria Reis Canedo, ambas escritoras. A primeira, mãe de Zé Oriente

e Taylor que foram proprietários da Gráfica e Editora Oriente, já tendo publicado vários livros de terceiros.

Graziela atua junto com seu esposo, o historiador e Corretor de Imóveis João Faria de Lima, há mais de 22 anos, no Escritório Reis e Lima no Centro de Morrinhos. Graziela é também formada em Administração de Empresas pela PUC e em Transações Imobiliárias.

Graziela já publicou 4 livros: "Advogados do Céu, "Família Ideal – Sonho e Poesia," "O Poder Livre e Humano" e "Caderno de Versos". Todos podem ser encontrados na Biblioteca Municipal de Morrinhos. Ou pelo fone 64- 3416-1800. Possui vários quadros em pintura de temas artísticos e compôs a letra da música Voar, e publicou o CD Voar.

É diretora jurídica do CCPA-ONG 3 e filiada ao Partido Verde justamente por se identificar com os objetivos e projetos de defender o meio ambiente, como tentativa de melhorar o convívio do homem com o homem e dos animais, preservando a natureza e o verde do planeta. Principalmente melhorar o convívio social em nosso município. Fez o primeiro Teatro Verde Morrinhos e o 1º Concurso de Poemas Espaço Ameler com prêmios até o 10º lugar.

Graziela fundou também a 1ª Corte de Conciliação e Justiça Arbitral de Morrinhos com o objetivo de Conciliar para diminuir os conflitos sociais. Autora também do Projeto que virou lei 2831/11 que criou a "Semana do Meio Ambiente em Morrinhos", a ser lembrada em todo mês de maio. Candidatou também pelo PV.

Criou o Programa de Rádio "ESPAÇO AMELER", que foi ao ar durante um ano, todo sábado às 9 horas da manhã pelo canal 98.7 e pelo site da rádio Boas Novas FM, com temas literários, jurídicos e populares. Em que, em todo sábado, teve

um convidado especial, informando dicas de livros, escritores, filmes e informativos em geral, quando eram lidos artigos, ao vivo, para informação dos ouvintes. E, atualmente, criou o Grupo virtual no Facebook também Espaço Ameler, para incentivar o público a gostar de ler, escrever, informar, publicar e compartilhar.

"Crie também sua própria história". E Dra. Graziela e sua equipe o acompanhará como um Advogado do Céu. Aguardando você para tomar um café, defender você na luta pelos seus direitos de cidadão e direitos de bens disponíveis e indisponíveis. E em sonhos de versos e inversos de papel.

VERSOS DE PAPEL é seu 4º livro publicado em que ela incluiu você...

Fórmula 1 do Brasil

Graziela de Souza Reis*.

Uma dificuldade, depois uma emoção!
Estamos em uma corrida da fórmula 1
Mesmo que tenhamos que entrar no Box,
Não desistiremos de ver e sentir...
A emoção da bandeira de chegada!

Ânimo pra continuar...
A corrida ainda não acabou!
Mesmo que outros carros nos ultrapassem
O Champanhe ainda não foi estourado!

Nesta mesma corrida, participam os chefes de família,
Os computadores vestidos como executivas gravatas,
E os quase não vestidos!
Tempo corrido, cheio de falta de tempo!
Para não faltar no bolso vazio – o dinheiro...

*Do livro "Família Ideal, sonho e poesia" – Graziela Reis – 1994.

O Poder Virtual

Graziela de Souza Reis*

Parabéns computador!
Mas você é simplesmente um complemento.
E sempre está sob meu domínio...
De tempo, de espaço,
Sou o editor de seu texto
Preto e branco ou colorido!

O lado bom de comunicar, enviar e-mails para os amigos,
De consultar-nos diversos sites, de nos informar,
Compartilhar! De aumentar nossa cultura e atualizar,
Onde o sexo, a idade, a cor da pele, o estado civil,
Judicial ou Extrajudicial, de fato ou de direito,
Não importam!
Pois o amigo virtual, pessoal ou ao vivo,
É claro, continua sempre presente em nossos arquivos,
Com ou sem controles virtuais!

*Do livro "O Poder Livre e Humano" – Graziela Reis – 2007.

Os Machões que me Perdoem!

Graziela de Souza Reis*

Só homens competentes, gostam de mulheres inteligentes,
No céu, também tem sistema virtual...
Mas sem fio (Wi Fi)...
Como anjos, que com as mãos se conectam naturalmente,
Num fio ou filme humano!
Onde homenageiam todas as
Advogadas atuantes...

*Do livro "Advogados do Céu" – Graziela Reis – 2009.

Meio Ambiente, Humor e Você

Graziela de Souza Reis*

No meu caderno de versos, não esqueci de você,
Vide o verso ou vire no verso...
Todos nós temos um pouco de verso, um pouco de louco,
Um pouco de inverso.

Vamos plantar seres conscientes, cuidar das nossas nascentes...
Amor com humor...
Amar a natureza, nosso amigo e os animais...
E pra você que leu,
Agora que é consciente,
Cuide também do nosso meio ambiente!

*Do livro "Versos de Papel" – Graziela Reis – 2013.

Um Grito de Gol

Graziela de Souza Reis.

Jovens marcam a história do Brasil, quando saem às ruas, unidos em protesto para um país melhor.

Em pleno período de Copa das Confederações, onde neste dia o Brasil jogava. Estudantes universitários, o povo que acompanhou foram para as ruas das principais cidades e capitais brasileiras, num protesto inédito, digno, democrático, popular, por mais educação, mais saúde, mais médicos, mais hospitais... contra abusos de poderes, corrupções de administradores políticos, contra a PEC-37 , contra o aumento abusivo no preço de transporte escolar.

O Brasil acordou, com apoio internacional, grupos foram formando e aumentando, cruzando as principais cidades, rodovias do país... Um grito de não aguentamos mais...

Um grito de Gol...

Brasileiros chegaram ao limite de engolir políticos e situações que beneficiam apenas grupos privilegiados...

Os caras pintadas voltaram, agora com narizes vermelhos de palhaços. Emocionou o povo, fizeram o povo pensar, criticar, analisar... gritar... e infelizmente a destruir.

Sem limites, sem fronteiras.

Mas criando o limite, as fronteiras do pedido de desenvolvimento coletivo, de projetos que beneficiam a todos os cidadãos, pois afinal é um princípio constitucional... E fez conhecer mais os reais direitos constitucionais... fez várias pessoas ler e interpretar o Artigo 5º da Constituição de 88 que completou 25 anos...

Não só o executivo, mas também o poder legislativo e judiciário precisam de melhor atendimento público, os impostos vencem e são pagos pelo povo.

Aquele 20 de junho de 2013, dia histórico que criou mais uma página na história do Brasil, num grito de Gol, num só eco, ficará também em Versos de Papel...

Breve Biografia de Humberto Jacinto Pereira

Prof. º Humberto Jacinto Pereira Cadeira n.º 12

Nascido em Morrinhos em 14 de fevereiro de 1942, sendo filho de Olivier Jacinto Pereira e Maria Luzia Pereira. Fez todos os estudos da educação básica em Morrinhos (Grupo Escolar Coronel Pedro Nunes e Colégio Estadual Xavier de Almeida) e graduou-se como Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Uberlândia em 1979. Dedicou-se, praticamente, toda sua vida profissional ao exercício do magistério no Colégio Estadual Xavier de Almeida.

No Colégio Estadual Xavier de Almeida, além de professor de Matemática e História no Ensino Fundamental lecionou Contabilidade e Custos, Direito e Legislação, Mecanografia e Processamento de Dados no curso profissionalizante Técnico em Contabilidade (Ensino Médio); e História e Filosofia no Ensino Médio. Neste estabelecimento de ensino, exerceu funções de Coordenador de turno, Vice-Diretor (1981-1984) e, também, Diretor (1997/1998). Teve grande destaque como professor instrutor da famosa fanfarra CEXA, conduzindo-a com grande maestria; por décadas, ela sempre teve um grande

destaque nos desfiles de 07 de setembro realizado todos os anos em Morrinhos e também apresentando em cidades circunvizinhas.

Foi também um grande instrumentista, compositor e cantor. Católico praticante, animava as missas pela manhã ou à noite, sempre acompanhado de sua inseparável esposa, Maria Antonina (Tuninha) na Igreja do Cristo Redentor e, também, nas festividades especiais da Paróquia de Nossa Senhora do Carmo.

Faleceu de forma inesperada e trágica, juntamente com sua esposa Maria Antonina, decorrente de um acidente automobilístico nas proximidades da cidade de Goiatuba - GO, deixando três filhos e netos.

Biografia do Acadêmico: Hamilton Afonso de Oliveira – Cadeira nº. 12

Nasceu na cidade de Morrinhos-GO em 31 de outubro de 1971, estudou toda a educação básica nas seguintes escolas: Escola Municipal Maria Amabini de Moraes, Ginásio Senador Hermenegildo de Moraes e Colégio Coronel Pedro Nunes.

Graduou-se em História em 1994, na Faculdade de Educação Ciências e Letras de Morrinhos (FECLEM, atualmente Universidade Estadual de Goiás – CÂMPUS/Morrinhos); tornou-se Mestre

em História das Sociedades Agrárias pela Universidade Federal de Goiás, em 2001, com dissertação defendida intitulada "Uma abordagem histórica do turismo: o caso Caldas Novas-GO, 1970-1990"; doutorou-se em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, em 2006, com tese defendida intitulada: "A construção da riqueza no sul de Goiás, 1835-1910".

Trabalhou como docente na Faculdade de Caldas Novas e na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas de Goiatuba, atuando como professor nos cursos de Turismo, Letras, Pedagogia, Geografia, Gestão Ambiental e Direito. Atualmente é professor efetivo da Universidade Estadual de Goiás / Câmpus - Morrinhos - GO, no curso de História e no Programa de Mestrado Ambiente e Sociedade (PPGAS), onde exerce a função, também, de Vice Coordenador.

Tem experiência de pesquisa em História Regional do Brasil (Império e República), com ênfase na área de História Econômica e Social em que aborda temas relacionados ao desenvolvimento regional como: riqueza material, consumo, turismo, escravidão, migração, demografia e cultura material.

Atuou com professor na educação básica (Ensino Fundamental e Médio) de 1995 a 2011 nos colégios: Estadual Sylvio de Mello e Estadual Xavier de Almeida. É, também, membro do Conselho de Representantes da região Centro-Oeste na Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica (ABPHE) e da Academia Morrinhense de Letras.

Obras publicadas:

Livros:

- Diferentes olhares sobre o turismo na região das águas quentes (organizador e coautor);
- Território, cidades e cultura no cerrado (coautor);
- Histórias de Goiás: memória e poder (coautor);
- Uma corte europeia nos trópicos e outros ensaios (Coautor)

Artigos publicados em revistas científicas:

- A marcha das migrações: a ocupação e a colonização da região sul de Goiás, 1800-1850 – História Revista/ UFG. Goiânia, vol. 13, n.1 p. 1-19, jan./jun/ 2008.

Possui, também, uma série de artigos e resumos publicados em diversos anais de eventos produzidos nos últimos 15 anos. Sendo que, alguns, podem ser acessados pelo internet e sites de buscas.

A Origem e a Formação da Cidade de Morrinhos - GO 1800 - 1855

Hamilton Afonso de Oliveira

Professor do Curso de História e do Programa de Mestrado Ambiente e Sociedade da Universidade Estadual de Goiás – CÂMPUS/Morrinhos - GO.

Localizada no sul do Estado de Goiás, a cidade de Morrinhos tem sua origem histórica nos fins do século XVIII, com a crise da mineração, centenas de famílias de mineiros originários, principalmente, de Minas Gerais das localidades de São Francisco das Chagas, Sacramento, Piuhuim, Bagagem, Passos, Brejo Alegre, Campos Belos, Dores de Uberaba, Varginha, Formiga, Pitangui, Campanha, Tamanduá e Araxá.[1] Os registros de batismo.

Mostram que mais de 56% dos noivos e noivas que se casaram na Capela de Nossa Senhora do Carmo dos Morrinhos, que abarcava grande parte da atual região sul de Goiás eram oriundas de Minas Gerais. O povoamento e a ocupação de Morrinhos ocorreram no mesmo contexto histórico da ocupação e povoamento do Triângulo Mineiro, que até 1816 também fazia parte do território da Província de Goiás se deram em um mesmo processo histórico. A intensificação da ocupação do Triângulo Mineiro ocorreu por volta do início do século XIX, quando em 1809, o governador da Província de Goiás, Marquês de São João da Palma, mandou organizar algumas bandeiras de exploração e reconhecimento daquele sertão ainda pouco conhecido. O governador nomeou para a empreitada, segundo o memorialista Borges Sampaio,

[1] Conforme se constata nos registros de casamentos realizados na Capela de Nossa Senhora do Carmo dos Morrinhos entre os anos de 1836 a 1854.

"o Sargento-Mor Antônio Eustáquio da Silva e Oliveira, regente dos sertões da Farinha Podre, que juntamente com outros geralistas empreendeu três bandeiras àquele sertão". (SAMPAIO, 1971, p.123)

Neste período, muitas cartas de sesmarias foram concedidas no território da Farinha Podre (atual Triângulo Mineiro) pelos Governadores da Província de Goiás, até 1816, época em que a região foi anexada à Província de Minas Gerais. Em 1840 já existiam no sertão da Farinha Podre, segundo Sampaio (1971), as paróquias de Uberaba, Carmo de Morrinhos e Dores do Campo do Formoso; também os curatos de Monte Alegre, Tijuco, Patrocínio, Araxá e Desemboque são anteriores a 1807. Desde então, intensa migração continuou a afluir para a região, formando sítios, fazendas, arraiais, freguesias, vilas e cidades. Uberaba multiplicou suas relações agrícolas e comerciais, sobretudo, a criação de gado e tornou-se a principal rota dos caminhos vicinais que levavam ao Rio de Janeiro, São Paulo e Santos.

> 35% de Goiás e apenas 3% de São Paulo. Especificamente, 73% dos noivos eram mineiros, enquanto que 54% das noivas já nasceram e haviam sido batizadas em Goiás, sobretudo, no Arraial de Morrinhos (OLIVEIRA, 2006, p. 50).

De acordo com as pesquisas de Laird W. Bergad (2004), grande parte destas regiões mineiras já estavam passando por expressivas transformações sociais e econômicas com uma atividade produtiva mais diversificada relacionada à criação de

gado, agricultura, manufatura têxtil e mineração. As atividades produtivas eram voltadas para o abastecimento do mercado interno, especialmente, para o Rio de Janeiro e São Paulo.

FOTO 01 – Vista parcial de entrada da cidade da saída de Caldas Novas pelo Morro da Saudade - década de 1930
Fonte: Fotos digitalizadas do acervo do Museu Antônio Correa Bueno.

A ocupação da região sul de Goiás ocorreu, praticamente na época que não havia uma legislação fundiária o que pode ter contribuído para incentivar, também, os fluxos migratórios em direção ao sertão. Segundo Silva (2004), mesmo, antes do fim do sistema sesmarial (1822) o Estado português, já admitia não conseguir controlar a situação fundiária do Brasil, fazendo reconhecer sua incapacidade de fazer valer qualquer ordem legal, ao institucionalizar a lei da Boa Razão, implantada em 18 de agosto de 1769, o que acabou por legitimar o apossamento como costume passou a ter aceitação jurídica. No entanto, o

posseiro para ter sua propriedade reconhecida era necessário que cumprisse os três requisitos básicos: a racionalidade, o cultivo e a antiguidade. Nos registros paroquiais, os posseiros procuravam assegurar que se apossaram da terra de forma pacífica e que as terras encontravam-se cultivadas sendo a sua ocupação antiga.

As famílias pioneiras de entrantes ocupavam as terras por meio da posse, desmatavam parte do cerrado, construíam as sedes das fazendas, roças e pastagens e dedicavam-se exclusivamente à criação de gado e a agricultura voltada para o abastecimento familiar e local. Na década de 1830, nas proximidades onde atualmente encontra-se o Lago Parque das Araras e o Córrego Maria Lucinda, já havia um pequeno arraial constituído com o nome de Arraial de Nossa Senhora do Carmo dos Morrinhos. Naquela época, não havia distinção entre a vida urbana e rural, entre os modos de viver dos poucos moradores do arraial dos que viviam nas fazendas. A vida era simples e seguia o ritmo e o tempo da natureza e o som das poucas ruas (rua de cima e rua de baixo do Largo da Matriz) empoeiradas era o relinchar e o tropel dos muares e cavalos e o ranger dos carros de bois.

No entanto, somente em 26 de julho de 1845 com a doação do terreno para o patrimônio de Nossa Senhora do Carmo, por Gaspar Martins da Veiga e sua esposa Joaquina Maria de Jesus, é que foi constituída a elevação do arraial à freguesia de Nossa Senhora do Carmo dos Morrinhos. Área doada para o foro da paróquia era de aproximadamente 600 alqueires e compreendia, praticamente, a atual área urbana da cidade de Morrinhos.

TABELA 1 – As famílias pioneiras e seus respectivos domicílios rurais em Morrinhos - GO, 1840 - 1870.

FAMÍLIAS	FAZENDAS/DOMICÍLIO
Sousa Rosa	Araras e Almas
Oliveira	Bananeiras
Correa Bueno	Barreiro e Chapadão
Mattos, Araújo, Lourenço e Lima	Bela Cruz ou Vera Cruz
Mendes Moura	Boa Vista/ Sta. Ritta do Pontal
Sousa e Lima	Boa Vista/ Sta. Ritta do Paranaíba
Martins Pereira	Bom Jardim
Duarte e Sousa	Buriti
Guimarães	Chapadão
Dias, Silva e Castilho	Córrego Fundo
Rodrigues da Silva e Ferreira Meirelles	Pombas
Coelho de Siqueira	Caldas Novas
Castilho	Formiga
Vieira de Sousa e Ignácio Borges	Grotão e Mimoso
Araújo e Duarte e Sousa	Mimoso
Vieira, Araújo e Sousa	Monjolinho
Carvalho e dos Santos	Morro Alto
José de Araújo e Amador Araújo	Olho d'Água, Cerradão e Água Quente
Rodrigues da Silva	Papuã e Macaúba/ Caldas Novas
Martins Parreira e Araújo	Paraíso e Lajeado
Barbosa de Amorim	Pipoca
Ribeiro da Silva, Martins Assumpção e Sousa	Retiro e Vargem
José do Carmo, Sousa e Vieira	Retiro, Mimoso, São Domingos e Lajeado
Pereira de Mattos e Rosa	Sta. Bárbara e Campinas
Barros, Pereira Vargas, Valladão e Correa Bueno	Serra ou Trás dos Montes
Luís de Sousa	Sta. Rosa
Sousa Vieira e Vicente do Carmo	Tijuqueiro
Borges Pacheco	Três Barras/Sta. Ritta do Pontal
Souza Vieira	Vinagre

Fonte: OLIVEIRA, Hamilton Afonso. A construção da riqueza no sul de Goiás, 1835-1910. Tese de Doutorado. Franca-SP:UNESP, 2006. p.46 Disponível no site: http://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/hamiltonafonso.pdf

Estas famílias pioneiras viajavam com familiares e alguns escravos e, também, com várias famílias de agregados – podendo ser parentes ou não – em razão da ausência de equipamentos modernos para o preparo do solo; os trabalhos de cultivo e preparação das pastagens, bem como, construção das benfeitorias de uma propriedade requeriam um esforço coletivo mútuo. Portanto, era necessária, uma quantidade expressiva de mão-de-obra, mesmo para o cultivo e criação de animais para atender às necessidades de consumo das famílias. A enxada, a foice e o machado constituíam-se nas principais ferramentas de trabalho e a técnica do preparo e cultivo do solo era a tradicional, baseada na roçagem e o uso do fogo para o preparo da terra para o cultivo.

Quase tudo que era necessário era extraído diretamente da natureza; as casas dos proprietários eram erguidas sob uma estrutura de madeira, assoalhadas, geralmente, de pau-a-pique ou adobe, barreadas, caiadas e cobertas por telhas ou folhas de buriti. As poucas áreas eram cercadas de lascas de aroeira ou madeira branca, valos e batumes e córregos ou rios. As principais construções restringiam-se à área da sede da propriedade onde se encontravam os currais, o mangueiro para a criação de porcos, o rego d'água com monjolo, paiol, engenhoca e moinho. O quintal, por sua vez, era formado com uma grande variedade de arvoredos frutíferos.

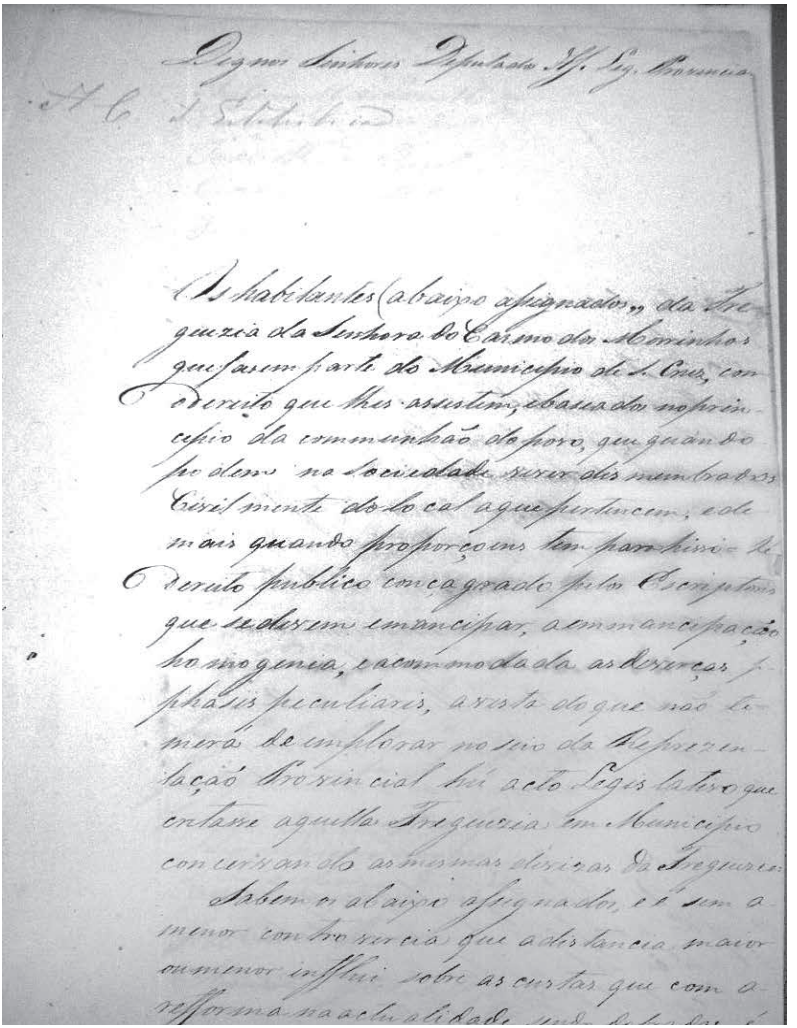
Havia toda uma preocupação e cuidado na construção das casas, de uma maneira, que não exigiam movimento de terras. Por isso, dava-se preferência para a construção das casas nas proximidades dos cursos d´água, aproveitando-se, também, o declive do solo. A iluminação era a base do uso de candeeiros de barro ou de metal umedecidos em algodão torcido com banha de porco ou azeite de mamona.

FOTO 2 – Moradia típica dos lavradores agregados de Goiás

Fonte: OLIVEIRA, Hamilton Afonso. A construção da riqueza no sul de Goiás, 1835-1910. Tese de Doutorado. Franca-SP:UNESP, 2006. p.48 Disponível no site: http://www.franca.unesp.br/Home/Posgraduacao/hamiltonafonso.pdf

As habitações dos escravos, lavradores agregados e pequenos proprietários eram predominantemente de pau-a-pique e barro, coberta de palhas de palmeira, de capim, raramente de telhas. O mobiliário, também, era muito escasso, restringindo-se a bancos e mesas toscas de madeira e alguns utensílios básicos de cozinha e poucas peças de roupas e de cama. Dormia-se no chão, ou sobre girais fixos de madeira roliça presa ao solo, forradas, com colchão de palha ou capim.

FOTO 03 – Documento de solicitação da emancipação política de Morrinhos – 1855



Dignos Senhores Deputados Ass. Leg. Provincia

A. C. I. Estabelecimento

Os habitantes (abaixo assignados) da Freguezia do Senhor do Carmo do Morrinhos que fazem parte do Municipio de S. Cruz, com o direito que lhes assistem, e baseado no principio da communhão do povo, que quando podem na sociedade servir dos membros Civil mente do local a que pertencem; e de mais quando proporções tem para hirão de O direito publico concagrado pelos Escriptores que se deserem emancipar, a emancipação homogenia, e acommodada as diferenças phasis peculiares, a vista do que não temerão de emplorar no seio da Representação Provincial hũ acto Legislativo que contame aquella Freguezia em Municipio concorrendo as mesmas clarezas da Freguezia

Sabem os abaixo assignados, e sem o menor controverseia que a distancia maior ou menor influi sobre as custas que com a reforma na actualidade

Derivado do circulo percuro, ora uma que não
perando em muito, vem em a bono da punção
dar uso Freguezia dos Olhos = das confins
da Freguezia da Villa de S. Cruz para mais
de trinta leguas, e para Bomfim cincoenta
para mais de seis mil habitantes proprietarios ricos, lavradores, negociantes e officiaes mecanicos, uma Capella para mais de cincoenta moradas de Casas cobertas de Telha, alem de estar dado principio e seguimento da construcção de huma outra Capella com a invocação de Capella da Senhora do Rozario =

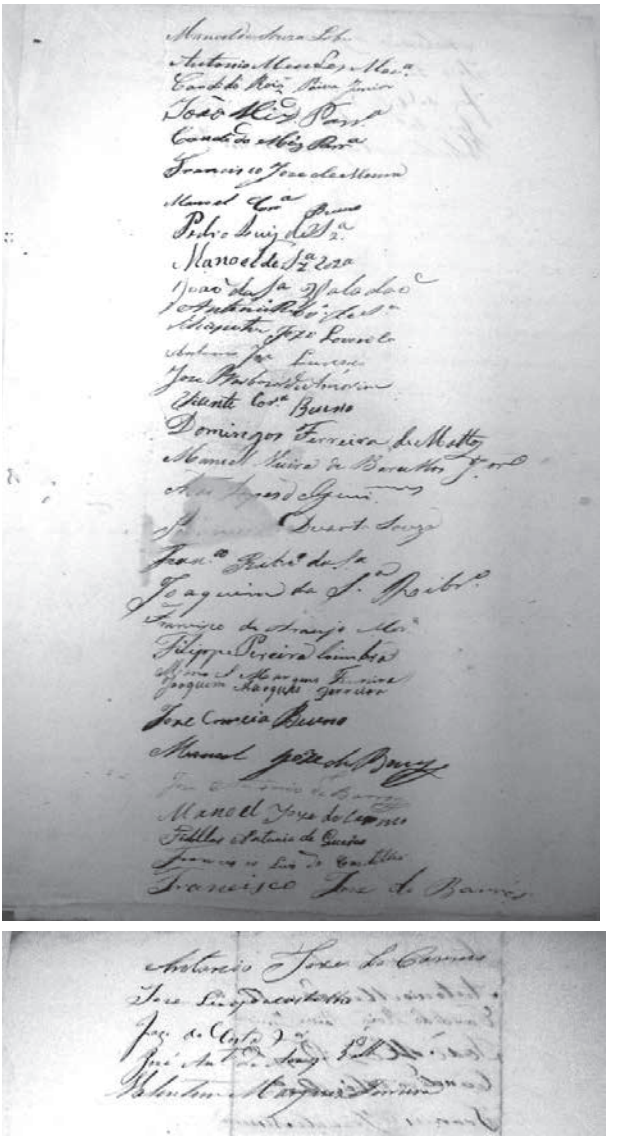
A despeza para os empregos não é como se deve desejar não esta contudo em menos circunstancias de algumas Villas da Provincia

A abitantes por termos especiais obrigão a edificar huma Casa de Camara e Cadeia sobre a planta a commodada a localidade no prazo de dous annos

C. R. M.ce

Luiz Gonzaga de Almeida

João Antonio Gomes Pinto



Fonte: Arquivo Histórico do Estado de Goiás

No ano de 1855, a Freguesia de N. S. do Carmo dos Morrinhos contava com cerca de 6 mil habitantes. O povoado era composto por mais de 50 casas cobertas de telhas e, as terras da região já se encontravam praticamente todas ocupadas com número expressivo de proprietários com fazendas bem estruturadas. Devido a esta expressividade, os principais representantes da comunidade local, mobilizaram-se e reivindicaram junto à Assembleia Provincial de Goiás a elevação da freguesia à condição de Vila.

A luta da emancipação política pelos primeiros "morrinhenses" começou em 1854 através, de um abaixo-assinado (Foto 3), composto por 39 assinaturas de representantes das principais famílias pioneiras do processo de ocupação e fundação de Morrinhos. Dentre estes, destaque para o coronel Luiz Gonzaga de Meneses, João Antônio de Araújo Vale, Vicente Correa Bueno, José Correa Bueno, Domingos Ferreira de Mattos, Felippe Pereira Coimbra, Manoel José de Barros, Francisco José de Barros, José Antônio de Barros, Manuel José do Carmo, Antônio José do Carmo, Francisco Luiz de Castilho, José Luiz de Castilho, Cândido Mendes Parreira, José Barbosa de Amorim, Antônio Ribeiro de Sousa, José Antônio de Araújo Vale, Valentim Marques Ferreira (primeiro professor nomeado de primeira letra de Morrinhos) e outros.

Fato consumado com a resolução n.º 2, de 15 de dezembro de 1855, a freguesia de Nossa Senhora do Carmo de Morrinhos foi elevada à condição de vila, com a denominação de Vila Bela do Paranaíba. Condição que foi revogada em 1859 e, somente foi restabelecida, em 1871, pela Lei n.º 63 de 19 de novembro, com a denominação Vila Bela de Nossa Senhora do Carmo de Morrinhos. Por fim, em 28 de agosto de 1882, a vila foi elevada

à categoria de cidade com a denominação de Morrinhos. Os limites de Morrinhos "estendiam-se até ao vale do rio Paranaíba, marco divisório com o território mineiro. Sua superfície sofreu um acréscimo de 2.400km^2 com a incorporação territorial da Freguesia de Caldas Novas em 1880" (FRANÇA, 1975, p.89).

Referências

BERGAD, Laird W. *Escravidão e história econômica: demografia de Minas Gerais, 1720-1888*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

FRANÇA, Maria de Sousa. *Povoamento no Sul de Goiás: estudo da dinâmica da ocupação espacial*. Dissertação de Mestrado apresentado no Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Goiás em convênio com a Universidade de São Paulo: Goiânia, UFG, 1975.

OLIVEIRA, Hamilton Afonso. A construção da riqueza no sul de Goiás, 1835-1910. Tese de Doutorado. Franca-SP:UNESP, 2006. p.48 Disponível no site: http://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/hamiltonafonso.pdf

SAMPAIO, Borges. Uberaba: história, fatos e homens. Academia de Letras do Triângulo Mineiro: Uberaba, 1971.

SILVA, Maria Aparecida Daniel da. *Raízes do Latifúndio em Goiás*. Goiânia: Ed. da UCG, 2004.

Ao Patrono
José Xavier de Almeida Júnior

José Xavier de Almeida Júnior, nascido aos 20 de outubro de 1902. Médico, fazendeiro, capitalista, poeta, ensaísta, professor. Veio ao mundo no Palácio Conde dos Arcos, na antiga capital de Goiás, quando seu pai, José Xavier de Almeida era Presidente do Estado (1901-1905), idealizador (1898) e fundador (1903) da Academia de Direito de Goiás, até hoje considerado um dos melhores governantes de Goiás em toda a sua história política, quando implantou no Estado uma administração avançada, além do seu tempo, aumentando sua arrecadação, melhorando os serviços prestados pelo Estado, com uma melhor distribuição de renda, que valorizava o cidadão, a cultura e o ensino da terra de Anhanguera. Xavier Júnior cursou o primário em Morrinhos, Petrópolis e Juiz de Fora (1908-1913). O secundário, no Ginásio Diocesano de Uberaba (1914-1919). Reservista de segunda categoria pelo tiro de Guerra do Ginásio Diocesano de Uberaba (1919). Fez o curso de Medicina na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, atual Universidade

do Rio de Janeiro (1921-1926). Tese de Doutoramento na mesma Universidade, intitulada "Contribuição ao Estudo da Cesariana Segmentar Transperitoneal de Kronig, Estatística (1927)". Exerceu a clínica médica em Morrinhos (1927-1930). Delegado Regional de Higiene em Morrinhos (1929-1930). Secretário de Estado de Viação e Obras Públicas (1929-1930). Fez Parte do corpo médico de Caldas Novas (1931-1934). De Anápolis (1934-1952). Médico da Estrada de Ferro de Goiás (1936-1952). Professor de Português e Francês na Escola Normal de Morrinhos (1931), no Ginásio Gama e no Colégio São Francisco de Anápolis (1936-1952). Cofundador da Academia Goiana de Letras (1939). Ocupava a cadeira nº 13, cujo patrono é Joaquim Bonifácio de Siqueira. Edita o Livro de Poemas – *A canção do Planalto* (1942). Casa-se com Domitila dos Santos Fleury Curado (16/05/1942). Preside a Academia Goiana de Letras (1953-1955); (1955-1957). Publica o livro de Ensaios Críticos – *Leituras e Lembranças* (1971). Toma parte no Primeiro Encontro dos Acadêmicos de Letras do Brasil em Goiás (1972). Eleito pela Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, sucessor de Joaquim Bonifácio de Siqueira e Léo Lynce, como o Príncipe dos Poetas Goianos (1972). José Xavier de Almeida Júnior deixou quatro filhos: José Xavier de Almeida Neto (1943); Horácio Fleury de Almeida (1946); Ana Amélia Fleury de Almeida (1949) e Ana Domitila Fleury de Almeida (1954). Xavier Júnior morreu no dia 8 de abril de 1979, e foi sepultado em Goiânia.

Biografia do Acadêmico: José Afonso Barbosa
Cadeira nº. 14

José Afonso Barbosa nasceu aos 3 de outubro de 1949, na fazenda do Gongo, no município de Morrinhos, Estado de Goiás. Seu pai, Gerson Ferreira Barbosa (13/01/1929-06/01/2004), natural da fazenda do Barreiro, no município de Morrinhos, era vaqueiro e agricultor. Neto, pelo lado paterno, de migrantes mineiros, de Delfinópolis, antigo Espírito Santo da Forquilha, no pé da serra da Canastra. Seus avôs, Lourenço Afonso e Laura Barbosa Afonso eram netos de portugueses. Pelo lado materno, Gerson era neto de Beraldino Inocêncio de Oliveira e Maximiana Maria de Jesus. Ele natural da região de Uberlândia. Ela, da região de Patrocínio pertencente à família São José. A mãe, Maria Marques Palmeira, nascida em 1º de setembro de 1930, na fazenda Santa Rosa, agricultora, fiandeira, costureira e tecedeira, era bisneta, pelo lado paterno, de Francisco Gonçalves da Silva e Marcelina Romualda de Jesus, da região de Patrocínio, Minas Gerais. Pelo lado materno, de Felisberto Luiz do Amaral e Cândida Carolina de Paiva, latifundiários no município de Patrocínio, Minas Gerais, no último cinquentenário do século XIX. José Afonso Barbosa viveu na zona rural até os dezesseis anos de idade. Sempre de fazenda em fazenda, de município em município. Cumpriu todas as tarefas que cabe ao homem do campo. Aos sete anos de idade já era candeeiro de carro de boi. E já acompanhava o pai no transporte de gado nas estradas boiadeiras. Andava o dia todo no lombo de burro e muitas

vezes dormiam, ele e o pai, nos cercados que havia na beira das estradas, sob o peso da fome e o frio, sobre enxergas e baixeiros, fedendo a suor de cavalo e urina de vaca, com o corpo todo alquebrado, principalmente a bunda e as barrigas das pernas. Aprendeu as primeiras letras do alfabeto aos quinze anos de idade na zona rural. Aos dezesseis mudou-se para a cidade de Morrinhos. Fez o primeiro ano do ensino primário para adultos em 1967, no Colégio das Irmãs Agostinianas, à noite, ele e o irmão João Afonso Barbosa. Há um episódio interessante: ele e o irmão iam à escola usando botinas amarelas e a vestimenta, calça e camisa eram feitas em tecido de chita, de tom sobre tom, nas cores marrons, onde sobressaia o marrom escuro. Isso todos os dias. A roupa só era usada para ir à escola. Roupas que sua mãe, dona Zica fazia com cuidado e esmero. Isso era motivo de chacota para os alunos, que ficavam abusando dos "caipiras". Certo dia a professora Irene Najar anunciou à classe que a partir de tal data, os alunos teriam que ir de uniformes, uma nova exigência da diretoria. Uma colega que sentava ao lado de João Afonso Barbosa lhe disse: — vocês não precisam de uniformes. Vocês já vêm uniformizados todos os dias, né? E caiu na gargalhada. No que foi seguida por vários alunos. A professora os repreendeu. Um ano antes, quando eles moravam ainda no entorno do povoado do Rancho Alegre, geralmente eles vinham cantar de dupla no programa de auditório aos domingos do famoso locutor Chico Flor, na Rádio Morrinhos AM, e no trajeto da rodoviária até o prédio da Rádio passando pela Rua Barão do Rio Branco, onde havia vários bares, sendo o principal deles o Bar Presidente, o povo quase os matava de tanta galhofa: — Lá vão os chapéus atolados! — Ei, vocês vão cantar na Rádio Entupida de Morrinhos? E riam escancaradamente.

Essa brincadeira de jogar boi n'água os deixava vermelhos de vergonha. Mas, enfim, a vida corria seu curso normal. Nada como um dia atrás do outro... Estudou o terceiro ano primário na Escola Estadual Mariquita Costa. O quarto ano, inconcluso, no Colégio Coronel Pedro Nunes da Silva, com a professora Vasthi Elias. Foi boia fria, calçador de rua, vigilante bancário, comerciante no ramo de armarinhos, fazendeiro, vendedor, representante comercial, e funcionário público municipal. Exerceu vários cargos de confiança nos governos de Joaquim Guilherme Barbosa de Souza e Rogério Carlos Troncoso Chaves. Sempre na área cultural. *"Procurei alcançar a grandeza da alma. Não me contentei com a mediocridade sugerida pelo destino. Determinado, domei o animal xucro que vivia dentro de mim. Lutei incansavelmente para atingir minha meta. Não foi fácil vencer as trevas da ignorância. Só com muito esforço consegui vislumbrar a sabedoria. Contudo, ela parecia inatingível. Mas não esmoreci. Busquei-à noite e dia. Foi dura a queda de braços. A sorte parecia desprezar-me, rir da minha cara. Mas não me dei por vencido. Esforcei-me mais ainda, desesperadamente. Devorei uma montanha de livros. Alumiei, com a lanterna da alma, as curvas do destino. Hoje, como em noite de lua clara, navego no oceano do saber, maravilhado com a informação que brota de cada letra, de cada palavra, de cada frase, de cada verso, de cada livro..."* Formado em história, pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) turma 2003-2006. Já publicou vários livros, Corcel do Tempo, editora do CERNE, poesia (1982). Amor Eterno, editora KELPS, poesia (1995). Lua Azul, editora KELPS, poesia (1996). Nostalgia, editora KELPS, poesia (1998). Passeio no Parque, editora KELPS, fábula infantil (2001). O Milagre da Oração, editora KELPS, Autoajuda (2002). Triângulo da História, editora KELPS, História de Morrinhos e região (2011). Dilúvio,

Poesia. EDITORA KELPS (2012). Rancho Fundo, romance. EDITORA KELPS (2014). É membro da UBE-GO. Membro fundador da Academia Morrinhense de Letras e seu primeiro presidente (2004-2007). (2007-2009). Detentor da Comenda Antônio Corrêa Bueno/2008. "Embaixador Cultural da Cidade de Morrinhos", decreto municipal nº 1133, de 16 de dezembro de 2011. Atualmente se dedica mais à pesquisa Histórica.

O Coronel e seu Poderio

José Afonso Barbosa

Hermenegildo Lopes de Moraes gozava de enorme prestígio no Estado de Goiás. Sua estrela estava em constante ascensão. Seu poderio crescia como nunca. Ele era a lei. Mandava e desmandava. Mandava no sul do Estado e principalmente mandava no município de Morrinhos, seu curral eleitoral. Morrinhos representava uma imensidão de terras e povoados… Era tanta terra que mais parecia um país. A área do município ia do rio Corumbá ao rio dos Bois e descia até o rio Paranaíba. Seu meio genro Pacífico Alves de Amorim (7/03/1851-3/12/1949), goiano, de Corumbá, filho natural de José Fleury Alves de Amorim e Anna Teixeira da Roxa, era um de seus fieis administradores. Pacífico Alves de Amorim fez os estudos iniciais na escola primária de sua cidade natal. Aos vinte e quatro anos de idade veio para Morrinhos e casou-se com Anna Theodora da Silveira. Primeiro Tabelião do Público, Judicial e Notas e Escrivão de Órfãos do Termo de Vila Bela dos Morrinhos (20/10/1875). Depois, rico fazendeiro de Pouso Alto. Delegado de Polícia e juiz municipal de Pouso Alto. Gerente comercial das lojas de Hermenegildo Lopes de

Moraes naquela cidade. Tenente-coronel da Guarda Nacional (1886). Chefe político do município de Pouso Alto, sendo seu Intendente Municipal (1913-1917), (1917-1919). Senador, na décima primeira legislatura do Congresso Legislativo goiano (1929-1930).

Era hábito de Hermenegildo Lopes de Moraes engalanar-se todo com seu terno branco e sair para seu passeio matinal. Isso, diariamente. Se um transeunte do povo caminhasse em sentido oposto ao dele na calçada da rua, não podia em hipótese alguma dar de testa com ele. Tinha, ao aproximar-se dele, que descer da calçada, esperá-lo passar para só depois tomar o passeio da rua e retomar de volta seu destino. Se algum desavisado não cumprisse esse ritual, ao encontrar-se com ele, era severamente advertido pelo coronel por aquele descuido, exigindo, do desavisado, que aquilo não se repetisse mais, levando-se em conta sua importância de homem público e sua força econômica (Hermenegildo Lopes de Moraes que quase alcançara o título de Barão de Vera Cruz, não fosse a queda prematura da monarquia brasileira).

Seu pupilo, escudeiro e amigo, tenente-coronel Pedro Nunes da Silva, havia sido Intendente Municipal de Morrinhos (1893-1896). Fez um bom trabalho à frente da chefia do município e já tinha seu nome lembrado até mesmo para o cargo de vice-presidente do Estado de Goiás.

Hermenegildo Lopes de Moraes morre, em Morrinhos, em 15 de maio de 1905, – aos quinze dias do mês de maio de mil novecentos e cinco décimo sétimo da República dos Estados Unidos do Brasil, nesta cidade de Morrinhos, município do mesmo nome, Estado de Goiás, compareceu em meu escritório o cidadão tenente-coronel Pedro Nunes da Silva e declarou: – "Às doze e meia horas da noite, nesta

cidade de Morrinhos, em seu próprio domicílio, faleceu de hemorragia cerebral o Excelentíssimo Senhor Coronel Hermenegildo Lopes de Moraes, capitalista, com setenta e dois anos de idade, natural de Curralinho, deste Estado, residente nesta cidade, casado com a Excelentíssima Senhora Dona Francisca Carolina de Nazareth, filho legítimo do cidadão André Corsino de Moraes e da Excelentíssima Senhora Dona Maria Lopes de Oliveira, já falecidos; deixou quatro filhos: Excelentíssimo Senhor Doutor Hermenegildo Lopes de Moraes Filho, com trinta e quatro anos de idade, casado, Senhor Francisco Lopes de Moraes, trinta de dois anos de idade, solteiro, naturais de Santa Rita do Paranaíba deste município; Senhor Alfredo Lopes de Moraes, vinte e quatro anos de idade, solteiro, a Excelentíssima Senhora Dona Amélia Augusta de Moraes e Almeida, com vinte e um anos de idade, casada, naturais desta cidade; deixou bens a inventário e deve ser sepultado hoje no cemitério público desta cidade. E para constar lavrei este termo em que comigo assinou o declarante. Eu João Fleury Alves de Siqueira, Oficial do Registro Civil, o escrevi.".

O coronel deixou um império econômico de fazer inveja aos homens mais ricos do País (oitenta e dois mil alqueires de chão, cinquenta mil cabeças de gado vacum, três mil e quinhentos equinos, cem contos de réis em caderneta de poupança, duzentos contos de réis em títulos da dívida pública, lojas comerciais em Morrinhos, Santa Rita do Paranaíba, Caldas Novas e Pouso Alto, uma infinidade de imóveis urbanos e uma montanha de dinheiro em empréstimos a particulares), império este, conseguido de maneira limpa, com trabalho e honestidade. Para chegar aonde chegou o coronel teve que suar. Labutar de sol a sol, para acumular ouro. Se uma gleba

de terra impedia o avanço de seu latifúndio, ele não media esforços para adquiri-la. Muitas vezes pagava o preço acima do de mercado inflacionando-o, para que suas terras dobrassem os espigões, rios e cachoeiras, planaltos e infindáveis veredas de buritis. Seu hobby, nas horas de folga, era o jogo. Ninguém o vencia. Só o praticava, porém, por puro lazer.

Pedro Nunes da Silva o sucede, com destaque, no comércio, nas funções militares e na política local. Seu filho, Hermenegildo Lopes de Moraes Filho, nascido a 6 de outubro de 1870, em Santa Rita do Paranaíba (1824), atual Itumbiara, veio ainda muito criança para Morrinhos e aqui estudou as primeiras letras; depois foi para o Estado de São Paulo. Ali fez o ginasial, os preparatórios e o Curso de Direito, na Faculdade do Largo de São Francisco, colando grau em 7 de novembro 1891. Primeiro filho de Morrinhos a formar em Advocacia, logo após receber o título de bacharel retorna à sua terra e ali exerce a profissão por pouco tempo. Influenciado pelo pai logo entra na política. É eleito deputado federal já em 1894, alcançando grande destaque no Parlamento brasileiro. Faz parte da Comissão do Código Civil, da Câmara dos Deputados. A ponte Afonso Pena, maior meio de comunicação entre Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e outras partes do Brasil, inaugurada em 15 de novembro 1909, foi fruto de seus esforços políticos junto ao Parlamento brasileiro e principalmente fruto de sua grande amizade pessoal junto ao presidente da República Afonso Pena. Antes da ponte Afonso Pena os boiadeiros passavam a maior dificuldade na travessia da boiada no rio Paranaíba, pois a mesma era feita a nado e morria muitas reses durante o seu percurso, gerando com isso enorme prejuízo para os criadores de gado.

No plano estadual continua seu genro Xavier de Almeida, já em final de mandato, dando prosseguimento à sua bela e inovadora trajetória política. Seu segundo filho, Francisco Lopes de Moraes (09/05/1873-20/07/1958), fazendeiro, industrial, super-rico, boa-vida, preferindo sempre o conforto, os prazeres que o dinheiro dá as portas que ele vai abrindo, as lindas mulheres, sempre passeando; de Morrinhos a Araguari no lombo de mula. De Araguari a Uberaba, São Paulo, Rio de Janeiro, de trem. De navio. França, Espanha, Inglaterra, Portugal, Itália, Grécia… Pois bem, coronel Chiquinho, como era conhecido, nessas alturas já avançado em dias, levando a vida na folga, surpreende os familiares e começa também a aparecer na política. Elege-se Conselheiro (1904-1908). Em 1907 preside o Conselho Municipal. Elege-se também deputado a Câmara Estadual, na 5ª Legislatura (1905-1908). Mas não passa de fogo de palha. De novo volta ao ócio, aos encantos que o dinheiro dá e de novo ganha o mundo. Foi viver sua vida de playboy.

Em 1908, deputado federal e com a ajuda de um dos maiores líderes políticos de Goiás e também membro da Câmara dos Deputados, seu cunhado Xavier de Almeida, Hermenegildo Lopes de Moraes Filho é indicado candidato ao cargo de presidente do Estado de Goiás, governo que sucederia Miguel da Rocha Lima, aliado fiel de Xavier de Almeida. Indicado candidato, Hermenegildo Lopes de Moraes Filho é eleito a 2 de março de 1909, cargo que assumiria em 14 de julho de 1909, não fosse à revolução daquele ano chefiada pelos Bulhões-Caiado, que inconformados com a liderança assumida por Xavier de Almeida, se rebelaram contra a eleição de Hermenegildo Lopes de Moraes Filho e tramaram o impedimento de sua posse. Posse que nem era desejada por

Hermenegildo Filho, que preferia ocupar-se com o Congresso Nacional, lugar onde sua presença impunha respeito, por sua sabedoria e liderança, onde fazia parte de várias Comissões (como exemplo citemos a Comissão de Redação das Leis; Comissão de Fazenda, Pensões e Contas Públicas; e Comissão dos 21, encarregados do estudo do Código Civil da Câmara dos Deputados), prestando relevantes serviços à política nacional. Homem de modos finos, que amava o Rio de Janeiro, os saraus, os belos espetáculos teatrais, as grandes viagens pela Europa, Oriente Médio; que via a Capital de Goiás apenas como uma grande fazenda inóspita e inabitável aceitara a incumbência de candidatar-se a presidente do Estado de Goiás apenas para agradar ao seu cunhado Xavier de Almeida, que pretendia continuar dominando a política goiana.

Parabéns, Morrinhos, pelos seus 193 Anos

José Afonso Barbosa

Nossa Senhora do Carmo dos Morrinhos. Vila Bela do Paranaíba. Vila Bela de Morrinhos. Cidade de Morrinhos. No longínquo início de segundo quartel do século (1822), arranchava-se à beira do córrego da Morada, atual Maria Lucinda, a numerosa família Corrêa Bueno, vinda de Patrocínio (MG), mas originária de Santo Antônio do Monte, também Minas Gerais, que vinha em busca de terra fértil e água em abundância, onde pudesse desenvolver a agricultura e a pecuária… Onde pudesse fazer seu pé de meia. Para tão perita gente na arte de lavrar a terra aqui era o paraíso. Bastava levantar cedo, afiar a ferramenta e trabalhar. Trabalhar muito. Semear os frutos e aguardar a colheita. A recompensa era

certa. A terra, como sempre, era generosa e enchia as tulhas, os paióis, os terreiros, os bolsos… Antônio Corrêa Bueno cuidava da terra, mas cuidava também da fé. Como devoto de Nossa Senhora do Carmo meteu mãos à obra e logo construiu uma Igrejinha rústica dedicada à Santa, bem no meio da clareira aberta na mata fechada. Aberta à foice, machado, enxada e enxadão. Já em 1836 era instalada a Capela de Nossa Senhora do Carmo dos Morrinhos e era oficiado o primeiro casamento no Arraial. "Aos oito dias de abril de 1836, nesta Capela de Nossa Senhora do Carmo dos Morrinhos, filiada à Matriz de Santa Cruz de Goiás, em minha presença e das testemunhas abaixo assinadas, receberam em matrimônio, por palavras de presente, Francisco de Paula de Abreu Lima, de idade de dezenove [?] anos, lavrador, filho legítimo de Manoel de Abreu Lima e Ana Maria Gomes da Silva, com Maria Francisca de Jesus, de dezenove [?] anos, filha legítima de Manoel Ferreira Pinto e Ana Joaquina de Jesus, brancos e sem impedimento algum, canônico ou civil. Assinam comigo as testemunhas, o Juiz de Paz José Antônio de Barros e Caetano Corrêa Bueno. O Capelão Misael da Costa Valle".

Logo depois era oficiado o casamento (o segundo) de Maria Joaquina da Conceição, filha de Caetano Corrêa Bueno e Francisca Maria de Jesus, cujo documento está quase que totalmente ilegível.

Nesse mesmo ano, os festejos de Nossa Senhora do Carmo já foram realizados na Capela recém-inaugurada.

Antônio Corrêa Bueno e irmãos meteram a cara no trabalho e construíram um sonho. Lapidou uma joia, uma joia que orgulha os morrinhenses, os goianos… Uma joia que sempre brilhou no cenário da política de Goiás, do Brasil. Que sempre brilhou no campo da cultura, das artes… Da joia que Antônio

Corrêa Bueno nos legou vimos surgir nomes ilustres que muito nos honraram em diversas áreas da atividade humana, coronel Hermenegildo Lopes de Moraes, coronel Pedro Nunes da Silva, coronel João Lopes Zedes, Major Limírio Quinta, José Luiz de Medeiros Júnior, José Xavier de Almeida, Hermenegildo Lopes de Moraes Filho, Alfredo Lopes de Moraes, Raul Nunes da Silva, Pedro Nunes da Silva Filho, José Gumercindo Marquez Otero, Sylvio Gomes de Mello, primeiro médico fixo de Morrinhos, Antenor Nunes da Silva, primeiro médico filho de Morrinhos formado em 1924, João Lopes Zedes Filho, Maria Amabini de Moraes, coronel Fernando Barbosa, Maria Barbosa Reis, Guilherme Xavier de Almeida, Xavier Júnior, José Cândido, José Mendes Diniz, Eurico Barbosa, Naftali Alves de Souza, Helenês Cândido, Genésio de Barros, Rogério Carlos Troncoso Chaves, Joaquim Guilherme Barbosa de Souza, Zilda Diniz Fontes, Nilza Diniz e tantos outros… Tudo isso graças à ação, a força, o desejo, a determinação de um homem que enxergava além do horizonte. Com a perícia de um ourives soube trabalhar com amor e perseverança… Soube como ninguém lapidar uma joia rara e com todo o desprendimento a entregou ao seu povo para que nela e dela tirasse seu sustento, seu bem-estar, sua riqueza… O saber, o conhecimento. Este mesmo povo que tão bem acolhe seu irmão e o aconchega junto aos seus e generosamente doa parte da joia recebida das mãos de Antônio Corrêa Bueno para brilhar no Centro-Oeste do Brasil. Obrigado Morrinhos! Obrigado Antônio Corrêa Bueno!

SALVE 29 DE AGOSTO!

Elis Regina I

Elis Regina
E tu te vais
Tão bela tão menina
Cantar para as estrelas
Envolta em purpurina

Elis Regina
Mel e poesia
Seiva do diário canto
Canto da graça
E do amor divino
Cálcio de nosso
Cotidiano desatino

Elis Regina
Flor-mulher
Pão dos infelizes
Prece do Universo
Que ora diz

— Pai nosso
Receba Elis Regina
Versos de amor e de alegria
Tão tenros tão pequeninos
Mas ao mesmo tempo
Tão infinitos
Capazes de mudar
De um povo seu destino

Acolhe, Senhor
Essa graça de menina
Tão terna tão suave
Tão Elis Regina

José Afonso Barbosa.
Goiânia (GO), 19 de janeiro de 1982.

Elis Regina II

Ouvir Elis
Estudar cada
Verso de Elis
Colher de Elis
A receita do amor
E ser feliz

Seguir
Vivendo a arte de Elis
Extrair o máximo
Da arte de Elis
Sugar a doçura de Elis
E decifrar Elis

Abraçar a música de Elis
Viver os desejos de Elis
Ser o circo
E o teatro de Elis
E difundir a arte
Maior Elis

José Afonso Barbosa.
Goiânia (GO), 19 de janeiro de 1982.

Palestra em Memória do Escritor e Poeta Pedro Celestino da Silva Filho

Que diferença há entre um escritor, um poeta e um político? Com relação a Pedro Celestino, nada, porque foi um político probo e nunca permaneceu atado diante das hipocrisias de sua época, nunca se estagnou no palco da vida e nem se esmoreceu quando se viu diante do triste entardecer deste século. Não cruzou os braços e como escritor usou a escrita como remédio eficaz para não ancorar na insensatez política, e sem desespero e munido de um lídimo bastão, aportar num rico arquipélago recheado de palavras sábias.

A sua palavra tinha um norte: respirar a liberdade e este ar não desvanecer nas tribunas da vida. A sua voz ecoava como a um poema manipulando o silencioso grito das criptas do inconsciente; seus gestos eram pura emoção que se refletiam de dentro da luz, às vezes bárbaros, às vezes inocentes, às vezes incorporados por seres extraterrestres. A escrita o separava dos barulhos do mundo apenas por um delgado fio de paixão. E era exatamente neste fio que estavam as dimensões do seu fluir diante das adversidades que a vida lhe impôs. Como escritor e poeta emergiram-se as forças do aflado divinal; e se obsessivo

ou demoníaco, não interessava. Interessava sim: o clarão de vida que ele captava em seu ser. Se, às vezes, diziam que tinha a ternura de um vulcão ou a violência de uma flor, também não lhe interessava. Interessava em fazer o bem, produzir um trabalho com volúpia em prol de sua cidade e seu Estado, e neste particular, Pedro Celestino era um possuído, um ser alado, leve e sagrado, incapaz de prejudicar alguém mesmo quando o entusiasmo o arrastava e o fazia sair de si... Como poeta, poderia não dizer coisas tão maravilhosas no seu tempo, mas os emissários da divindade falavam por sua boca.

Os escritores poetas são seres assim que morrem por causa de uma só vírgula, filhos do caos e da descrença; mas também ourives do artesão estético, operários da arte, de cujos alforjes emanam a música das palavras. Sim: Gente como Pedro Celestino está no dorso dos cavalos alados do apocalipse deste milênio. Pedro Celestino nada mais era que um joalheiro do sonho, um homem maior que a medida de todas as coisas, um ser que foi o eixo e flecha de toda a evolução do universo. Homem probo que triunfou no apogeu da felicidade. Tanto que, paradoxalmente, o homem das perplexidades deste fim de século, tem tempo para tudo, menos para ser feliz, mas Pedro o foi.

Pedro era possuidor de um arsenal de sapiência e sua voz ecoava no mundo legislativo como inspiração de muitos e cada palavra fazia que todos visitassem os subterrâneos da alma, os abismos da flor, as cimbas originais do sonho, os destroços do reino perdido, porque o infinito começava quando o seu discurso poético chegava aos ouvidos dos pares, seus colegas tribunos. Aí, as engrenagens do intelecto saíam de cena, e entravam então os impulsos miraculosos da sua força cognitiva.

Caros confrades, amigos e amigas: Os ritos impostos à exaustiva tarefa de organizar o presente documentário "in memória" que nada mais é que a soma dos melhores momentos da vida do escritor, do poeta e do político que floresceu ao longo dessas últimas cinco décadas foram por si só árduos, mesmo porque ainda navegamos nas águas do seu aprendizado, mas com certeza gostaríamos de ser seu aprendiz.

Dizia um poeta: "A beleza dos diamantes pode ser lapidada pelos homens". Mas, elucidar os segredos do seu brilho é missão dos deuses, e isto nos escapa dos limites do intelecto. Quem faz gerar o lodo sobre a pedra é o tempo. Somente a ele compete "joeirar tudo". Cabe somente a nós a empreita daquilo que nos obrigou a ir fundo, vigilante, atento, de lanterna em punho; lendo, relendo, e lendo de novo, para se chegar ao substrato cristalizado pelo fenômeno poético que, segundo Eliot, "não é um perder-se na emoção, mas um escapar da emoção".

Fruto de inumeráveis vitórias na política, (recusamos primeiramente a política do grupismo, do assédio, do apadrinhamento) - para depois, e isentos, descobrir, em meio à grande e ascendente gama de Pedro Celestino, a sua inspiração, o talento, a força e o atributo daqueles que trocam a vida por uma simples viagem aos subterrâneos do sonho em busca de fazer o bem para a sua comunidade, sem olhar a quem. Mesmo quando atirado aos redemoinhos da vida, trabalhava com o mais precioso de seus instrumentos da linguagem humana: A sensatez e a sensibilidade.

O Estado de Goiás teve em Pedro Celestino da Silva Filho, professor, jornalista, advogado, formado em 1958, um lídimo representante na Assembleia Legislativa e na Câmara

Federal. Ele nasceu em 27 de outubro de 1915, em Corumbaíba – Goiás, portanto há séculos no exercício da legislatura e poesia. Acredito que ele não fez durante esse tempo um arrastão de suas obras para ataviar desprovidas prateleiras literárias, mas sim, a resultante de uma participação ativa no meio acadêmico, tanto como escritor e poeta, como membro e assim como, no exercício da Presidência da Academia Goiana de Letras, promovendo um estudo sistemático sobre a evolução e a revolução da poesia em Goiás.

Pedro Celestino da Silva Filho era filho de Pedro Celestino da Silva e dona Durvalina Naves da Silva e casado como Zuleika Borges Pereira Celestino e com ela teve três filhos: Pedro Celestino Neto, Paulo de Tarso, que foi um preso político, dado como desaparecido em 1973 e também uma filha, a Gilka Maria.

Prezados confrades, amigos e amigas ora presentes nesta solenidade: O que se pretende com a elaboração desta palestra em Memória do grande baluarte da literatura de Goiás, o saudoso membro desta Academia de Letras, que trouxe durante meio século o gosto pela literatura, divulgando Morrinhos e o Estado de Goiás em outras plagas - contribuindo historicamente com a sobrevivência do canteiro literário goiano e desta cidade, no que concerne às minas da poesia. E, claro, não se trata aqui da demolição ou reconstrução de qualquer mito, mas sim de um novo alvitre em direção aos desafios do tempo.

Nobres confrades: Atravessei noites e dias inquieto, durante quase um mês intensivo de pesquisa sobre a vida de Celestino Filho como era chamado e que é patrono da cadeira nº 15 desta Academia, tanto que me vi obrigado a ler, ler de novo, treler, exaustivas vezes, esta extensa gama de anotações,

localizar fotos antigas, para, a meu modo, perceber em cada um delas, isoladamente, trazer-me um grau de imaginação intelectiva e profundidade, no instante mesmo em que estive possuído pelo impulso da criação.

Na vida política, profissional e administrativa, Pedro Celestino da Silva Filho, foi Juiz Distrital em Morrinhos; Professor do Grupo Escolar Cel. Pedro Nunes, de Morrinhos, e Escola Normal de Morrinhos, de 1932 a 1942. Foi Secretário da Prefeitura Municipal de Morrinhos, Deputado Estadual pelo PSD, legislatura l951/1955, 1955/1959 e 1959/1963; eleito Deputado Federal pelo mesmo PSD, 1963/1967 e depois, filiando-se em 1966 no MDB, foi eleito para o período de 1967-1971. Em 14.03.1969, teve cassado seu mandato e seus direito políticos suspensos por 10 anos, com base no AI-5.

Fora da vida política atuou no jornalismo, dirigindo o jornal "O Liberal", em Morrinhos, e os jornais "Diário da Tarde e "O social" em Goiânia". Foi membro da Academia Goiana de Letras, que a presidiu em 1959. Foi membro fundador também da Academia de Letras de Brasília. Durante o período de 1983/1985 foi Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado de Goiás.

Espero que isto, no final das contas, não seja uma prédica. Mesmo porque, para se ter uma ideia de quão penoso é ler ou resenhar um livro ruim, basta lembrar o que disse o poeta americano W. H. Auden: "Faz mal ao caráter". Na Inglaterra, Oscar Wilde bradava: "A arte é inteiramente inútil". Depois, refluiu deste conceito, dizendo: "Toda má poesia é sincera". Entretanto, "quem foge do mau gosto, cai no gelo", observou Neruda, num manifesto contra a poesia pura.

Não se faz aqui nenhum juízo de valor, nem para o bem nem para o mal, ainda que desta vitrine das letras se tenha extraído um pouco de luz de cada poeta, como se extraiu de Pedro Celestino quando escreveu as obras poéticas intituladas "Rabiscos" em 1942; "Motivos Sertanejos" em l948; e "Rosas Atômicas" em 1977. Escreveu ainda: "Dados Históricos e Geográficos de Morrinhos" em 1941; "O Arroz na Economia Goiana", em 1963; "Prisão Preventiva Compulsória" em 1966; e "Inconstitucionalidade da Sublegenda" em 1968. E tantos outros discursos famosos publicados, como: Seara de ideais em 1959; Cruzada do níquel em 1964; Aos meus amigos em 1956; Ordem Jurídica e Ordem econômica – Segurança Nacional em 1967 e os poemas: Da janela do trem em 1992 e Rosas atômicas em 1974.

Pedro Celestino, como disse anteriormente, nasceu em 27 de outubro de 1915, na cidade de Corumbaíba, neste Estado, filho de Pedro Celestino da Silva e de Durvalina Naves Silva, vindo a falecer em Goiânia, no dia 8 de agosto de 1996.

Fez o curso primário em sua cidade natal e iniciou o curso secundário no Internato São José, dos Irmãos Maristas, na cidade de Mendes, Estado do Rio de Janeiro. Em 1927, transferiu-se para o Seminário de Bonfim, hoje Silvânia, permanecendo ali até 1930. Em 1931, depois de um exame de adaptação, matriculou-se no 3º ano da Escola Normal de Morrinhos, concluindo o curso em 1932, tendo sido orador da turma. Em 1953, fez o Técnico em Contabilidade, na Escola Técnica de Comércio do Ateneu Dom Bosco, em Goiânia, eleito orador da turma. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Goiás, no ano de 1958.

Foi professor no Grupo Escolar Cel. Pedro Nunes e na Escola Normal de Morrinhos, lecionando Português e Francês; Juiz Distrital; escrevente substituto do Cartório do 1º Ofício e Secretário da Prefeitura de Morrinhos.

Em 1949, fundou o jornal *O Liberal,* em Morrinhos. Colaborador dos jornais da cidade de Araguari, *O Albor* e *O Araguari e* do jornal *Estado de Goiás,* editado em Uberlândia e, em 1967, diretor de *O Social,* de Goiânia.

Deputado Estadual à Assembleia Legislativa do Estado de Goiás, ocupando a Presidência e, no ano de 1963, elegeu-se Deputado Federal sendo reeleito em 1967 e, logo em seguida, cassado pelo regime militar.

Dedicou-se à advocacia em Brasília e em Goiânia. Aposentou-se como Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado de Goiás, do qual, ocupou a presidência. Foi Presidente da Academia Goiana de Letras como já tinha frisado.

Como se vê na sua atuação política, no seu trabalho literário, tanto como escritor, poeta e jornalista, todos compuseram com sua voz eloquente a sinfonia dos deuses. É o que conta. Trouxeram para o corpo da palavra o que era sono debaixo da pele - brilho de cripta, musicalidade, alma e poesia.

Novalis anotou que "a poesia é a religião original da humanidade". E Willian Blake, por sua vez, acreditava que "o mundo da imaginação é o mundo da eternidade". Ambos têm razão, porque transcendem espaço e tempo.

Assim, dedilhando o teclado de minhas emoções, restou-me passar aos senhores e senhoras presentes e aos acadêmicos que compõe esta Academia de Letras este pequeno resumo para compor o trabalho EM MEMÓRIA do saudoso escritor e poeta Pedro Celestino da Silva Filho, do qual tive a honra

de assumir a sua cadeira, a de nº 15, de que é patrono, nesta augusta Academia Morrinhense de Letras, cuja memória, sabemos que estará inserida no que há de melhor na literatura goiana e brasileira.

Ao antecessor: José Frauzino Pereira Sobrinho

Segundo a escritora Zilda Diniz Fontes relata em seu livro "**Morrinhos de Capela a cidade dos Pomares",** José Frauzino Pereira Sobrinho, neto do Major Limírio Ribeiro Quinta e filho de Alzira Quinta Pereira e Evaristo Frauzino Pereira, nasceu em 1918, em Morrinhos. Seus estudos primários foram feitos no Grupo Escolar Cel. Pedro Nunes, Curso Normal na Escola Normal de Morrinhos, fundada pelo Prof. José Cândido, Clássico no Liceu de Goiânia. Licenciado em Geografia e História pela Faculdade de Filosofia de Goiás, onde também fez Curso Extraordinário de Cultura Religiosa e Didática Catequética. Na Universidade Federal de Goiás bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais. Tem registro D em Português, M.E.C.

Desempenhou as funções públicas de: Contador, Partidor e Distribuidor do Juízo; Escrivão do Crime, Titular da Promotoria de Justiça de Goiatuba. Promovido para a de Goiandira e depois, por merecimento, para a de Morrinhos. Promotor de Justiça, interino, de Morrinhos, quando bacharelando em Direito. Promovido, novamente por

merecimento, para o cargo de Procurador de Justiça, no qual se aposentou.

No magistério: Professor na Escola Normal Dr. Hermenegildo de Morais e no Ginásio Da. Maria Amabini de Morais, das Madres Agostinianas, desde a fundação ao fechamento. Lecionou nesses dois estabelecimentos: Português, História de Goiás, do Brasil e Geral, Geografia e Cosmografia. Na Escola de Comércio Gaspar Bertoni – Português; Ginásio Senador Hermenegildo de Morais – História; Colégio Estadual Xavier de Almeida – Português, História, Educação Moral e Cívica, O.S.P.B., Direito Usual e Geografia; Colégio Sylvio de Mello – História, O.S.P.B., Língua e Literatura Brasileira.

Amante da poesia, desde muito escreve, mas conserva os poemas quase que exclusivamente para sua própria satisfação. Os primeiros trabalhos aparecem sob a influência dos poetas parnasianos, na sua forma predileta – o soneto. Os trabalhos posteriores aparecem com características modernistas, alguns meio livres, outros totalmente libertos da rigidez clássica. A temática religiosa, denunciadora de sua formação católica, está presente em muitos dos seus poemas. Em seu acervo literário contam-se também discursos e crônicas, estas levadas ao ar através da Rádio Morrinhos. José Frauzino Pereira Sobrinho foi Membro Fundador da Academia Morrinhense de Letras, primeiro a ocupar a Cadeira de número 15, tendo como patrono, Pedro Celestino da Silva Filho.

Biografia do Acadêmico: Vanderlan Domingos de Souza – Cadeira nº. 15

Vanderlan Domingos de Souza, filho de João Vieira de Souza (†) e Carolina Maria dos Santos (†), nascido em Morrinhos, Estado de Goiás, em 03 de fevereiro de 1948. Mudou-se para Goiânia ainda menino, com cinco anos de idade. Ainda jovem, gostava de escrever crônicas e poesias, algumas publicadas em jornais. Militante do movimento comunitário, criou em seu bairro, Setor Pedro Ludovico, nesta Capital, a Associação de Moradores, sendo o seu Presidente, assim como, um dos fundadores do Encontro de Casais da Paróquia Santo Antônio. Criou, também, no setor o jornal "Tribuna Comunitária", em que, além de tornar-se um veículo de defesa de sua comunidade, também publicava seus artigos, crônicas, contos e poesias. Formou-se em Direito e exerceu várias atividades comerciais, dentre elas, Gerente crediário e cobrança; gerente de estoque da Joalheria Omega-Dornier; Chefe de Cadastro do Banco Safra e gerente do Banco Mercantil de São Paulo. Foi Secretário Executivo do Sindicato do Comércio Varejista no Estado de Goiás e do Sindicato das Empresas de Asseio e Conservação no Estado de Goiás. Na área política, foi em 1988, suplente de vereador com 4.801 votos e durante mais de dezoito anos, foi chefe de gabinete e assessor parlamentar de vários Deputados na Assembléia Legislativa do Estado de Goiás. Aposentado naquela Casa de Leis foi, no mesmo ano,

convidado pelo Prof. Nion Albernaz para assumir os cargos de Chefe da Procuradoria da Fazenda Pública Municipal e de Diretor do Contencioso Fiscal da Secretaria Municipal de Finanças, assim como, designado Presidente do Conselho Municipal do Trabalho e de Defesa do Consumidor.

Na administração pública estadual, foi Chefe de gabinete da Metrobus, Assessor jurídico da Secretaria de Infraestrutura, Assessor jurídico da Secretaria do Meio Ambiente, lotado na Advocacia Setorial.

É **Presidente da ONG Visão Ambiental** - Associação de Agentes Ambientalistas em Prol da Preservação e Defesa do Meio Ambiente no Estado de Goiás (***visaoambientalgo.blogspot.com***)**;**

É **Diretor de Divulgação do Instituto Cultural Movimento Santuário da Arte no Estado de Goiás;**

É **Diretor Executivo da UBE** - União Brasileira de Escritores, seção de Goiás.

É **missionário da Paróquia Santa Terezinha do Menino Jesus, do Padre Luiz Augusto**, onde presta relevantes serviços junto à comunidade carente de Goiânia e Aparecida de Goiânia.

Foi agraciado pela Câmara Municipal de Goiânia com o **Diploma de Honra ao Mérito**, área de literatura, ano de 2012, pelas mãos do vereador Djalma Araújo;

Recebeu também, no mesmo ano, o **Certificado de Mérito Ambiental pela ONG Mais Ação**.

No dia 15 de outubro de 2013, no auditório Costa Lima na Assembléia Legislativa do Estado de Goiás, recebeu o **Troféu Santuário da Arte - destaque cultural 2013**, outorgado pelo Instituto Cultural Movimento Santuário da Arte em Goiás. Neste mesmo ano recebeu o Título Honorífico de Cidadão Goianiense.

É **membro da Academia Morrinhense de Letras**, cadeira nº 15, cujo patrono é Celestino Filho. (Pedro Celestino da Silva Filho)

É escritor. Escreveu e lançou os livros: "Paixão em Serra Canastra", "Uma Pedra no Caminho", "O Mistério do Morro do Além" e "Espelho das Águas", "Antes que o sol beije o vão da janela", e "Reprisando as páginas da vida", todos aprovados pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura.

Em 08 de abril de 2002, **atualizou e lançou o Código Tributário do Município de Goiânia.**

É articulista do **Diário da Manhã** e escreve todas às quartas-feiras;

E mensalmente, escreve para a Revista TRÂNSITO/GO e Jornal Nova Visão.

Todos os artigos e crônicas publicadas em jornais e revistas, são postados no BLOG **vanderlandomingos.blogspot.com** que hoje conta com mais de 27.000 visualizações/visitas, além de Goiânia, Goiás e várias regiões do Brasil, também de outros países. No FACEBOOK, mais de mil trezentas pessoas amigas que o compartilham.

Eu amo charges. *"Je suis Charlie"*.

Vanderlan Domingos de Souza

Tempos idos, bem lá atrás, algumas dezenas de anos sei lá, anos que me abstenho de contabilizar, começa a minha história. Nasci numa fazendinha à beira do rio São Domingos dos Olhos D'água, que divide os municípios de Morrinhos e Goiatuba. Rincão semeado por hordas dos campos verdejantes

que acompanhava o rio afora, colonizado ali, lá e acolá por gente vinda de Minas Gerais. A pequena terra adquirida por vovô Reduzino Vieira de Souza, com o passar dos anos, se viu engolida por modificações climáticas e geológicas, gente que vinha de outras regiões e se apoderavam de pedaço de chão como se a natureza divina os embalasse tal como crianças em berços esplêndidos, e, jamais em tempo algum, nunca esses desbravadores procuraram entender porque os seres dimensionais nos deixaram aqui no Planeta Terra, e eles, queiram ou não, são apenas meras sementes, colonizados há milênios com a interferência e observação "Deles", seres de outra dimensão e de nosso Pai Celestial. Pedaço de chão que me fez sonhar em voar e alto, mesmo sabendo que sonhava sonhos impossíveis. Com o olhar voltado para o horizonte, imaginava voar e voei, nem contabilizei quantos voos fiz e, às vezes, ia até o infinito, mesmo sabendo que ele não tinha fim. A escrita me fez voar, criar meus próprios personagens, alguns imortais iguais aos super-heróis dos cinemas; sempre apaixonado por charges, principalmente as satirizadas, as reproduzia sem medo, acoplando-as junto às asas de minha imaginação para percorrer céus e mais céus no afã de repaginar a minha vida. Durante esses voos, entendi que devia sempre dar um passo ou um voo a mais para poder vislumbrar coisas que não gostaria de ver, mas que entendia ser necessárias para o meu discernimento como ser humano, como o terrorismo, a violência, as catástrofes e os desastres naturais provocados pelo homem.

Homens abruptos que nunca entenderam que o Universo fervilha de vida inteligente e o Planeta Terra são apenas mais um dentre os milhares que continuam em fase de evolução

da criação da vida e até porque aqui somos a Gênese, é como se estivéssemos vivendo em um grande laboratório onde se realiza a alquimia da vida. Como entender esse processo evolutivo? Hão de se convir que, paralelamente, temos diversos mundos na imensidão do Universo, nas esferas dimensionais, com as quais convivemos diariamente, lado a lado, na constante troca de energias sutis, sejam elas humanas ou não humanas. Convivemos num ambiente de energias vibracionais monitoradas pelo Grande Arquiteto do Universo que controla habilmente todos nós. Talvez até convivamos com seres alienígenas altamente inteligentes, mas, possivelmente, desprovidos de sentimentos, insensíveis, exploradores galácticos, se bem que, o ser humano está perdendo sua índole, sua moral e ética. A sapiência humana, inteligência e genialidade, hoje, não é, para os humanos, sinônimo de fraternidade, bondade, ou solidariedade, enquanto não for extirpada da face da terra a decadência moral. Em nosso ambiente terrestre, os nossos próprios exemplos atestam a nossa tendência bélica agressiva e isso vem ocorrendo deste os tempos idos, como criminalidade a toda ordem, guerras e assassinatos em grande escala em todo o planeta. Não adianta espernear, pois sabemos que estamos caminhando por atalhos perigosos, o materialismo impera e o verbo conjugado pelo ser humano é o "TER", assim como os políticos de más índoles atuam livremente, em grande escala, em busca de interesses próprios. Tão difícil é fazer esses seres "humanos" cumprir sua parte, fazê-los caminhar para a aceitação da ética tão eficaz e salutar para que possam dar passos importantes para o progresso individual e coletivo.

É notório que o ser humano que já alcançou esses estágios morais e éticos, hoje busca o íntimo relacionamento

com as entidades que habitam nessas densidades, ansiando aprender mais, participando sempre em busca do bem comum, contribuindo com a harmonia do ambiente em que vive e principalmente com o próprio desempenho na escala evolutiva da vida. Não obstante isso, é preciso entender que o planeta Terra atravessa um período de grande turbulência, tanto apocalípticas quanto agressividades incontroláveis que vemos ocorrer diariamente através da mídia; simplesmente matam sem pena ou dó, alguns para vingar, outros apenas para ouvir o gemido do desafeto. A sensibilidade que me acompanha, obriga-me a observar a realidade que nosso planeta tem vivido nas últimas décadas, realidade por sinal extremamente lamentável, pois o ser humano a cada dia que passa destrói mais o seu habitat. Só posso dizer que o planeta Terra está doente! Só posso dizer que a mentalidade humana está deteriorando! O nosso Pai Celestial procura, na medida do possível, mesmo tendo dado ao homem o livre arbítrio, depurar o "lixo" humano, principalmente o energético proveniente dos experimentos científicos que poluem, e o pior deles, o lixo mental que a humanidade ainda retrógada exala na atmosfera invisível, talvez não visto por olhos nus, entretanto, ele existe e é altamente poluente e que interfere diretamente na vibração individual de cada Ser e em desfavor do próprio globo terrestre. Urge e é conveniente que o ser humano, dê passos mais adiante, reflita e cuidem de sua morada; ainda há tempo para despertar a consciência em busca do bem comum, do respeito à natureza, alterando radicalmente o seu comportamento. Talvez esteja falando por falar, escrevendo por escrever, pois infelizmente esse despertar não será para todos. As mentes de muitos estão travadas para as mudanças

e o ser humano adquiriu também muitos vícios em existências múltiplas e que ainda reflete na atual, como a preguiça mental que impede a sua mudança de postura.

Com a devida anuência do caro leitor e querendo dar um passo a mais no ano que já começamos a usufruir, digo que os seres humanos devem buscar, incessantemente, em conjunto ou não, seja no plano espiritual ou não, um programa que estabeleça ajuda ao planeta, mesmo sabendo das enormes dificuldades que vão encontrar para atingir seus propósitos; a interferência tem limites, existem leis que devem ser respeitadas e o livre arbítrio não deve ser violado, pois este foi concedido por Deus, pois se assim não fosse, o ser humano não atingiria o progresso à custa de lições próprias, seria somente por imposição externa. Destarte, o ser humano é dono absoluto de seu destino, entretanto, ainda não percebeu que as mudanças no planeta estão ocorrendo em ritmo acelerado. Para muitos, que não conseguem entender o conteúdo de uma charge, uma sátira inteligente e dar mais de um passo em busca das mudanças ora aventadas, infelizmente, não terá tempo para reagir!

VANDERLAN DOMINGOS DE SOUZA. Advogado, escritor, missionário e ambientalista**.** É Vice-Presidente da União Brasileira dos Escritores; Presidente da ONG Visão Ambiental; Diretor Conselheiro do Instituto Movimento Santuário da Arte; Membro da Academia Morrinhense de Letras; agraciado com Título Honorífico de Cidadão Goianiense. Escreve todas as quartas-feiras. Email: vdelon@hotmail.com **Blog: vanderlandomingos. blogspot.com** Site: www.ongvisaoambiental.org.br

Minutos de Reflexão

Vanderlan Domingos de Souza

Preocupado com o ano que se aproximava, sentei-me à beira daquele rio, sem anzol, sem iscas, sem nada. Nada mesmo! Apenas ele, a natureza e eu. Ele nem era piscoso e há muito não atraía pescadores. Mas era um local aprazível, encantador, sempre me sentia bem quando ia lá. Próprio para meditar ou refletir. Naquele dia, levei comigo apenas o pensamento e este, sem se importunar com os cânticos entoados pelas araras, ia e voltava na velocidade da luz, tão veloz que meus olhos jamais podiam imaginar e aí, restou-me apenas manter meus olhos fixos sobre as águas que recebiam cintilantes raios de sol, e depois, curvar o meu rosto sobre os joelhos e refletir. Em certo momento, ao trazer de volta alguns pensamentos que retornavam de um mundo incógnito comecei a refletir: "Deus é isto. Deus é beleza que se ouve e se manifesta no silêncio". Quanto mais desciam águas pelo leito íngreme, entendia o motivo daqueles minúsculos espelhos d'água se debaterem sobre ele. Tudo ali parecia orquestrado pela natureza que tentava me convencer que eu vivia num mundo desigual. No planeta do absurdo, e o pior que era verdade. Mas o mundo tão belo e rico que se estampava diante de meus olhos era bastante clarividente, infelizmente, ele mostrava seus contrastes longe dali: doenças que se alastram e algumas incuráveis, que deixam as pessoas desnorteadas tornando-as deficientes ou incapazes para o trabalho. Mas ali, diante dos meus olhos, era tanta beleza que jamais imaginaria outras coisas impostas e, às vezes, achava serem apenas cenas represadas no meu subconsciente, mas não eram. Como contestar isso se os meios de comunicação

mostram fatos novos todos os dias como: crianças e mulheres que se prostituem para sobreviverem; crimes de pedofilia, chacinas, roubos, sequestros, corrupção, abuso do poder econômico que oprimem os menos favorecidos. Isso realmente não é irreal ou utopia, é pura realidade, uma realidade que se alastra como se fosse uma coisa natural característica da própria espécie humana.

Ultimamente tenho pensado demais. E pensar, sentado naquele barranco, era melhor que qualquer conceito e vivenciá-lo seria o máximo; seria uma forma tão natural e tranquila quanto o correr das águas daquele rio. Sabemos muito bem que não há fórmulas mágicas para a felicidade principalmente que se vê um ano novo chegar. Mas arrisco a dizer que um de nossos principais desafios talvez seja a maneira como a gente se aceitou ou chegamos a aceitar as derrotas e vitórias ao longo desses anos. Sobre isso, se me permitem, gostaria de dizer: o jeito como muitos buscam a felicidade. É um tema bem abrangente e pessoal. Espero que eu possa contribuir com meus pontos de vista. Primeiramente, observo aqueles que são mais receptivos às bênçãos que a vida tem a oferecer. Vejo neles uma relação de opinião própria, inclusive acreditam que suas vidas poderiam melhorar, entretanto, a princípio estão satisfeitos e felizes com o que têm. Em suma: "o que vier é lucro", diriam. O que seria pouco para muitos, para esses já é o suficiente.

Em outra análise, estão os seres em transição, quando tudo está para vir a ser, em constante processo de construção. Não prevalece uma correspondência de valores, vínculos de felicidade. O contraditório disso é que essas pessoas demonstram ser infelizes. E, aí, hei de concordar. Mas, se observarmos as causas de suas ações, essa busca de um mundo idealizado comprova que desejam e lutam por se sentirem

felizes. O problema é que podem atolar profundamente nessa fase. Nota-se, principalmente, entre indivíduos que ainda não aprenderam a dosar as suas ambições, sejam elas quais forem: materiais, intelectuais ou espirituais.

Por fim, o que eu diria uma síntese dos dois primeiros, presente entre aqueles que encontraram um meio-termo sobre o qual alicerçaram seus desejos e sonhos. Melhor, uma estratégia pessoal do bem viver. Que não significa que são acomodados. O contrário. A diferença é que adquiriram mais sabedoria para definir as suas escolhas. Têm plena consciência da multiplicidade de caminhos e estão satisfeitos com os caminhos que escolheram, ou os caminhos que devem seguir. Nada é impositivo, consequência ou reação da vida, mas uma opção perfeitamente possível e otimista.

Alguém realmente feliz deseja partilhar os seus momentos com as pessoas à sua volta. Quando adquire uma espiritualidade a ponto de ser menos egoísta, deixando de enxergar aquilo que é bom apenas para sua própria vida a fim de colaborar com a felicidade alheia. Nesse momento é que compreendemos o verdadeiro sentido da felicidade. E é essa felicidade que soa tão natural em tudo que fazemos quando paramos por uns minutos para refletir, seja ou não, na beira de um rio.

VANDERLAN DOMINGOS DE SOUZA. Advogado, escritor, missionário e ambientalista**.** É Vice-Presidente da União Brasileira dos Escritores; Presidente da ONG Visão Ambiental; Diretor Conselheiro do Instituto Movimento Santuário da Arte; Membro da Academia Morrinhense de Letras; agraciado com Título Honorífico de Cidadão Goianiense. Escreve todas as quartas-feiras. Email: vdelon@hotmail.com **Blog: vanderlandomingos. blogspot.com** Site: www.ongvisaoambiental.org.br

Ao Patrono
José Gumercindo Marquez Otero

Segundo a escritora Zilda Diniz Fontes relata em seu livro "**Morrinhos: De Capela a Cidade dos Pomares"**, Dr. José Gumercindo Marquez Otero, nasceu na cidade de Uberaba, no Triângulo Mineiro. Os pais: José Otero Fernandes e Maria Marques. Data de nascimento: 22/09/1893. Tinha apenas 8 anos de idade quando faleceu seu pai. A mãe casou-se em segundas núpcias, em São Paulo, com Dr. Alfredo Lopes de Moraes, de Morrinhos.

Gumercindo Otero começou seus estudos no Ginásio Nogueira da Gama, de Jacareí (São Paulo) e bacharelou-se em Uberaba, no Ginásio Diocesano. Na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, colou grau em 1918, após o que faz um ano de especialidade em doenças tropicais, no Estado do Paraná.

Volta a Morrinhos e se dedica ao exercício da medicina durante quase trinta anos. Conhece Maria Aparecida Godoy, em Caldas Novas, e com ela se casa, nascendo do matrimônio três filhos: Léo (que aparece neste livro no capítulo "Letras"), Lucy e Zita.

Em 1929, no Governo de seu padrasto Alfredo Lopes de Moraes, ocupa o cargo de Secretário do Interior e de Educação e Saúde. Sob sua atuação nesse período, o livro

Goiás Coração do Brasil, de Ofélia Sócrates do Nascimento, faz-lhe referências elogiosas. O trabalho de Dr. Gumercindo consistiu de medidas altamente benéficas para a educação e que merecem ser divulgadas. Reforma do ensino, para a qual se buscou em São Paulo uma comissão pedagógica; criação da Escola Complementar, Escola Normal; Autonomia para a Escola Normal Oficial até então vinculada ao Liceu; visitas quase diárias aos estabelecimentos de ensino da Capital para conhecimento e resolução de seus problemas.

Com a renúncia de Dr. Alfredo Lopes de Moraes do cargo de presidente do Estado, retorna a Morrinhos e ao exercício da medicina e, posteriormente, também se liga ao magistério secundário lecionando na Escola Normal Dr. Hermenegildo de Moraes. Em 1946, no Governo do Desembargador Eládio Amorim, recebe convite para Secretário de Educação e Saúde. O povo de Morrinhos, sabendo do convite, promove uma manifestação da qual é porta-voz o Prof. José Cândido. A oratória do professor revela alegria e vaidade pelo inesperado convite que levaria de novo Dr. Gumercindo ao posto para o qual revelara antes os mais excepcionais dotes.

No ano seguinte, elegeu-se deputado estadual pela União Democrática Nacional (U.D.N.), cujo mandato se encerraria em 1950. De novo a Morrinhos, continua fazendo parte ativa da U.D.N. e com a extinção desta, pela Revolução de 1964, ingressa na Aliança Renovadora Nacional, da qual se torna presidente de honra até 17 de novembro de 1971, data de seu falecimento, em São Paulo.

Por requerimento de 10 de novembro de 1972, do vereador Pedro Elias Neto, Decreto nº 86, a Av. Araguaia passa a denominar-se Av. Gumercindo Otero, como homenagem póstuma da cidade a um de seus homens públicos.

Biografia da Acadêmica: Lézia Amorim Canêdo Cadeira nº. 16

Lézia Amorim Canêdo, nasceu em 08 de dezembro de 1948, no município de Piracanjuba (GO). Filha de João Canêdo Neto e Maria Amorim Canêdo, possui cinco irmãos desse casamento e mais duas irmãs da segunda união de seu pai. Mãe de dois filhos: Laurence e Thalles.

Morou na fazenda até os nove anos, quando veio para Morrinhos a fim de começar seus estudos.

Morou na casa da avó paterna por alguns anos, iniciou sua nova vida entre livros e cadernos, não deixando de lado a religião católica com os belos ensinamentos da vovó e da igreja. Começava uma batalha para adquirir conhecimento, formar conceitos e desenvolver habilidades.

Suas primeiras letras foram com a professora Celina, no Grupo Escolar Cel. Pedro Nunes e reforçadas com a professora Irene Frauzino, na Escola N. Sra. Aparecida.

Cursou os dois primeiros anos do Ensino Médio (antes 2º grau), no CEXA – Colégio Estadual Xavier de Almeida.

Licenciada em Letras pela UCG, hoje PUC-GO, Especialista em Língua Portuguesa pela Fundação Carlos Chagas e Mestra em Literatura Brasileira pela UFG.

Ingressou na vida profissional aos 16 anos como professora auxiliar de Educação Física, no CEXA. Anos depois, passou à professora de Língua Portuguesa no CESM, onde se aposentou.

Em 1999, assumiu a Subsecretaria Regional de Educação de Morrinhos até 2010. É concursada da FAFICH, Goiatuba desde 2001. Também atuou como professora de graduação e Especialização na UEG – Morrinhos.

No CEM – Centro Educacional de Morrinhos exerce a função de professora desde 1989.

Falando em Alguém

Lézia Amorim Canêdo

Não sei bem que Santa Mulher colocou ao mundo uma criança. Nasceu. Cresceu e se tornou homem. Um homem que, depois de muito fazer pela cidade, encheu esta mesma de alegria e satisfação com seus feitos.

A sua bondade e vontade de fazer tudo pela cidade alastrou-se nos corações de seus filhos.

Filhos estes que não esmorecem diante das ingratidões que a vida lhe oferece.

Estampa-se no rosto de cada um a figura enérgica de seu pai, quando nos velhos tempos erguia em Morrinhos o desenvolvimento cultural e moral. Fazia crescer em cada pessoa o bem querer pelas coisas belas da vida. Trouxe para os meios de Morrinhos o despertar para o mundo teatral.

Dezenas, centenas de peças foram mostradas ao povo morrinhense. Tais pessoas receberam com entusiasmo e agradecimento tão ilustre figura, que viu, a tempo, a necessidade de um teatro em nossa cidade.

À medida que os anos foram passando, crescia mais e mais o meio artístico e, enquanto o teatro vinha surgindo, com o passar dos anos, este homem de quem falo também ia passando.

Depois de ter certeza de que sua planta pegou, deixou que a velhice tomasse conta dele, fazendo com que os frutos de sua planta fossem colhidos de longe; isso porque a velhice chegou e não permitiu que seus esforços fossem avante.

Durante muito tempo quase não saía de casa, porque numa pessoa de idade é normal alguma enxaqueca; e foi nessa idade que eu pude conhecê-lo e ver o progresso de um plano há muito traçado.

Os frutos de sua geração começaram a derramar sementes pelas ruas de Morrinhos; levantaram o que até então ia morrendo por não ter um amparo.

Fizeram um esteio onde pudessem se apoiar até que mais reforço chegasse. E o tempo voou através dos anos.

E vi, surgiu como que do nada uma coisa maravilhosa: O Teatro Juquinha Diniz.

Veio acalentar muitos desejos ao mesmo tempo. Várias forças unidas numa só ampliaram aquilo que faltava. Essas pessoas não mediram sacrifícios e fecharam os olhos às maldades; ergueram para o alto o orgulho da família Diniz.

Os filhos fizeram, completando o que o pai queria ver e viu diante de si. Este pai que motivou a população, hoje contempla satisfeito e agradece aos filhos por deixarem em Morrinhos o seu nome na história.

Como procurando não encontro palavras, digo: Obrigada, Senhor Juquinha Diniz, por ter despertado nos morrinhenses o gosto pela arte.

E, sobretudo, obrigada aos filhos que tentam concluir sua obra e, ainda hoje, demonstram ao povo a beleza que é viver para a arte e fazer uso dela.

Revista da VII Festa de Arte de Morrinhos.
Outubro / Novembro / 1971 Nº 03.

Homenagem a Nilza Diniz
(Ano de 1991)

Lézia Amorim Canêdo
Julho de 2009

Tudo começou quando ficamos sabendo que a Festa de Arte, tradição cultural de Morrinhos, aconteceria não sob a organização de uma de suas fundadoras, Nilza Diniz, mas pelas mãos da Prefeitura Municipal. Foi neste instante que Léa, minha irmã, sugeriu que a Sociedade Dramática e Literária de Morrinhos (da qual fazemos parte) prestasse uma homenagem a Nilza pela grandiosidade de seus feitos em relação à cultura morrinhense.

Preparamos tudo: fizemos ir a palco a trajetória valiosa que Nilza tem dado a Morrinhos quando se fala em arte.

Dona Nilza, é assim que gosto de chamá-la, por Nilza, sinto-a distante de mim e isso não é bom.

Não sei se na época conseguimos transmitir o que tento agora.

Homenageada, a senhora deve ser sempre, não por alguns momentos, mas por iniciativas que não ficaram escritas embelezando páginas de livros, mas que foram necessárias serem colocadas em prática, e a senhora as fez com sabedoria, levando a todos os morrinhenses daqui e de lá, com entusiasmo e a vontade firme de transformar os anônimos em verdade duradoura.

A senhora plantou a ideia da colaboração, da participação, do saber fazer e propagar a cultura em nossa terra, sem se preocupar com que mão amiga se juntaria para levar a todos o que de melhor Morrinhos possui.

No início da propagação da arte morrinhense, uma metáfora diz muito o que o trabalho de Dona Nilza representa para todos nós: A Senhora "era uma flor que desabrochava do anonimato, mostrando na beleza de suas pétalas e na suavidade de seu aroma os magníficos sentimentos de abnegação e altruísmo".

Foi, então, que no desejo de ser útil, uma Sociedade Dramática e Literária despontou através do trabalho fantástico de Dona Nilza e de sua irmã Dona Zilda. Essa sociedade veio para proporcionar ao povo de Morrinhos a oportunidade de divulgar os valores culturais existentes em nossa terra.

O amor incontido pela arte que está guardado em seu coração, os sentimentos e desejos de realizações são provas concretas de que Morrinhos viveu momentos fabulosos proporcionados pela vontade de cantar, até mesmo ao vento, as belezas desta terra, fosse em forma de música, de poesia, de teatro, de dança ou de obras literárias.

Dona Nilza, não deixe desabitada a cultura desta terra.

Não abandone esse dom incrível que carrega no fundo do peito.

Mesmo não parecendo, a colheita de suas ações, contribuições e realizações é abundante e eterna, deixando transparecer o sorriso da felicidade e do sucesso sempre enfeitando seus lábios.

1985 – Valterli José Alves e os Colibris

Lézia Amorim Canêdo

Existem determinados feitos plantados pelo homem ao meio social, que o engrandecem para a posteridade,

dignificando-o na opinião das pessoas e no aconchego da cidade por ele adotada.

Era agosto do ano de 1985; ele, diretor do Colégio Estadual Sylvio de Mello, cheio de entusiasmo, convidou a SDLM, para juntos, realizarem o show dos Colibris (grupo de patinadores, de Brasília).

Não contendo em si, foi logo tomando frente e o show aconteceu.

A AABB, quadra montada com o tablado deslizante e arquibancada repleta de expectadores.

Colibris em cena, patinando e voando a cada momento e a plateia incontida vibrava e aplaudia como nunca visto em Morrinhos.

Que show! Que brilho! Que coisa linda! Como é possível fazer tudo isso! Era o que ouvíamos diante do encantamento do público.

E o organizador, o criador da ideia, o diretor do CESM, o homem que realizou em nosso meio, ações que marcaram sua passagem pela terra: Valterli José Alves. Nosso amigo, companheiro, colega merece um destaque especial em nossa época, e que, realmente faz por merecer nosso respeito e a admiração de seus amigos que se tornaram missionários do servir. Palavra pequena, mas que sintetiza toda filosofia que Valterli adotou.

No entanto, a sua luta não se limitou, tão somente à lapidação da inteligência, ao esmero da cultura, às descobertas do conhecimento. Muito maior e mais árdua foi aquela em que ele travou contra a morte e não conseguiu vencer. Antes, porém, presenciamos seu crescimento, vimo-lo vencer todas as dificuldades, ultrapassar todos os obstáculos, resistir a todas

as intempéries e enfrentar todos os desafios, adquirindo nessa luta toda, um campo proveitoso de vastas experiências, que o orientaram por caminhos diversos, até chegar ao estado de discernimento que o capacitou a enfrentar as tarefas grandiosas do amanhã.

Há algo de belo e extraordinário nessas peleja face a face com o imprevisto; há alguma coisa de sublime nos primeiros passos rumo ao sucesso, há uma lição em cada adversidade enfrentada, há um exemplo de altruísmo em busca da superação. Embora nos seja impossível detalhar, com precisão, a cronologia dos fatos que marcaram a sua ascensão, constatamos o seu crescer. Caminhamos com você, Valterli, fomos testemunhas de muitos acontecimentos, inclusive de sua doença. A findar sua missão aqui na terra,... No ar percebia-se ainda o ressoar de sua voz pelos microfones da Rádio Morrinhos, preenchendo o imenso vazio que a tristeza deixara enquanto, profundamente comovidos, procurávamos conter o pranto que teimoso e obstinado, irrompia de nossos olhos e deslizava pelas faces deixando em seu rastro molhado, ardência emotiva que os abatia e perturbava o ânimo. Era o tributo que prestávamos a quem deixou de trabalhar entre nós para lutar em outras plagas.

Assim, fizemos sua despedida. Aqui, você deixou saudades. Bençãos. Luzes. Paz.

Ms. Lézia Amorim Canêdo Gonçalves – da Diretoria da SDLM e
Membro da Academia Morrinhense de Letras.

Reflexão para 2006
(por época do Ano Novo)

Quando nos olhamos no espelho, sempre vemos marcas que o tempo se incumbe de nos ofertar; machucados por um acidente qualquer, linhas que o próprio tempo deixa, olhos que exprimem sofrimento, alegria, tristeza, satisfação, decepção, enfim, vemos a matéria, ou seja, o resultado de nossa vida em forma física... isso, vemos em nós mesmos e podemos ver nos outros... mas a alma... ah... isso somente nós podemos ver e sentir, quando se trata de nós mesmos. Olhe para dentro de si e tente lembrar o que foi feito de bom ou ruim; procure repetir as coisas boas, muitas e muitas vezes... Erros? Não esqueça para não repeti-los... Acontecimentos ruins involuntários, esqueça e pense que no futuro virão muitas coisas boas e que você será forte para enfrentar quaisquer situações complicadas ou embaraçosas que possam aparecer.

Quando der meia-noite, não se esqueça de brindar aos céus e agradecer pelas luzes derramadas sobre você numa forma de bênçãos para um ano novo que está chegando.

Feliz Ano Novo!

Lézia Amorim Canêdo

Ao Patrono
José do Nascimento

Conforme Zilda Diniz Fontes aborda em seu livro **"Morrinhos: De Capela a Cidade dos Pomares"**, José do Nascimento nasceu em Franca, cidade do Estado de São Paulo. Filho de Joaquim Andrade do Nascimento, ilustre fazendeiro daquele município.

Veio para Morrinhos no início da década de 1920, como rábula (advogado prático), e se tornou muito conhecido no meio jurídico.

Escrevia e falava com facilidade, tendo proferido palestras importantes. Uma delas marcou época: foi sobre o grande ator João Caetano, que teve como local o Teatro de Morrinhos, de propriedade da Sociedade Dramática e Literária.

Foi professor primário durante vários anos e por sua escola passou muita gente importante de Morrinhos.

Exerceu atividades jornalísticas tendo sido relevante sua colaboração no jornal O Liberal, semanário morrinhense fundado e dirigido por Pedro Celestino da Silva Filho. Nesse órgão publicou seu primeiro trabalho, foi escrito em 17/07/1949 intitulado: "A Carta Aberta" no qual ele falava da sua satisfação

em fazer parte do jornal, em contribuir para a sua circulação, enfatizando a necessidade da aceitação pública para que "O Liberal" pudesse viver. No mesmo ano, publica uma crônica intitulada "A Igrejinha da Pipoca", relato da afamada festa de tempos imemoriais para os mais antigos da cidade. A crônica termina em palavras frementes de indignação do ardoroso defensor da Igrejinha, irremediavelmente derrubada por um padre estigmatino.

São também crônicas suas:

- Pardieiro Trágico – crônica que fala de um amor mal correspondido;
- Página Antiga;
- Folhas de Urtiga;
- Em Torno da Mulher e várias outras.

No final da sua vida, dominado inteiramente pelo álcool, viu-se obrigado a recorrer ao amigo e conterrâneo Juquinha Diniz, que lhe cedeu a sede do Centro Espírita Luz e Caridade para ali dar aulas.

No dia 15/04/1954, contanto apenas com os amigos que fizera em Morrinhos, faleceu sem conforto da presença de qualquer pessoa da família. Seus restos mortais foram velados na residência de uma família amiga e sepultados no cemitério local.

Biografia da Acadêmica: Maria Madalena de Souza
Cadeira nº. 17

Maria Madalena de Souza nasceu no dia 06/08/1951. Filha de João Olímpio da Silva e Sebastiana Ferreira da Silva. Seus avós maternos são: Francisco Ferreira da Silva e Agda Maria de Jesus. Seus avós paternos são: Olímpio Domingos da Silva e Maria Florentina de Jesus. Nascida na Fazenda Lageado, município de Morrinhos, Goiás. Foi a primeira entre treze irmãos. Estudou na escola da Fazenda Lageado até o quarto ano. Depois, não foi possível estudar mais por motivos de força maior. Mas, quando veio para a cidade de Morrinhos, estudou mais um ano e fez a quinta série.

Seu casamento aconteceu no dia 28 de setembro de 1963 com 12 anos de idade. Seu esposo chama-se: João Manoel de Souza. Maria Madalena é mãe de cinco filhos: Maria Aparecida de Souza, Samuel João de Souza, Sônia Maria de Souza, José Divino de Souza e Vilmar João de Souza.

Começou a escrever no dia 28 de novembro de 1978. Já publicou dois livros. Primeiro, "Respingos de Esperança" e o segundo "Jesus está Conosco". Gravou também um CD em 2014 com o título "Meu Deus Aqui Está". O seu maior objetivo foi a evangelização.

O Gatinho Solitário

Maria Madalena de Souza.

Um gatinho solitário vivia sempre a procurar.
Alguém que o acolhesse, um cantinho para repousar.
Continuando sua busca, dois amigos encontrou,
Acolheu-o em sua casa, com carinho e muito amor.
Ricardo e Bruna cuidaram dele com alegria
E o gatinho ficou feliz, porque encontrou quem o queria.
Mas, Renato, irmão dos dois, da estória não sabia.

Quando chegou em casa, e o gatinho encontrou,
Ficou muito nervoso, e com os irmãos reclamou.
Tirai logo, isso daqui, porque aceitá-lo
Eu não vou.
Seus irmãos o repreenderam, mas não adiantou,
No impulso da sua raiva, uma pedrada o acertou,
O gatinho saiu mancando, e procurou se esconder.
Sua perninha estava quebrada, pensava que iria morrer.

Ricardo e Bruna, falaram com o irmão, que falta de caridade,
Que falta de educação, também os animais necessitam de
Carinho e atenção.
Deus amou todas as coisas, também devemos amar,
Por que amor é doação, e de toda a criação de Deus,
Devemos sempre cuidar.

Preocupados com o gatinho, Ricardo e Bruna, foram o procurar.
Renato pensativo começou a questionar.
O que foi que eu fiz, será que ele morreu?
Não! Eu não sou tão cruel!... Por que isso aconteceu?
Ricardo e Bruna, o gatinho encontraram, e para sua casa,
Novamente o levaram.
Encontraram Renato chorando, que arrependido, pediu perdão.
E foi cuidar do gatinho, juntamente com seus irmãos.
Ele aprendeu que ser solidário, é também gesto de uma boa educação.

Este texto é uma estória, em forma de poema.
Morrinhos 18/12/2013.

Direito de Nascer

Mamãe, por favor, deixe-me nascer,
Porque o mundo quero conhecer
E a natureza contemplar.
Quero ver a luz do dia,
Fazer amigos, sentir alegria e
Ter o direito de sonhar.

Ah, eu já vivo sonhando,
Vejo você e papai preparando
Muito amor para doar.
Não queira ser você, mamãe querida,

Aquela que tira minha vida.
E não me impeça de amar.

Minha vida está em suas mãos,
Não feche o seu coração
Não me queira matar.
Não desejo luxo, nem dinheiro.
Quero um amor puro e verdadeiro,
Que espero encontrar.

Olha, mãezinha querida,
O maior dom é a vida,
E a minha também quero preservar.
Reserve em seu coração
Para mim um lugarzinho
E guarde-me com carinho
Porque estou para chegar.

Do Livro "Respingos de Esperança"
Maria Madalena de Souza.

Ao Patrono
Pedro Nunes da Silva Filho

Para falar do Dr. Pedro Nunes da Silva Filho, tomo emprestadas as palavras da escritora Zilda Diniz Fontes, que o descreveu sabiamente em seu livro **"Morrinhos: De Capela a Cidade dos Pomares".**

Dr. Pedro Nunes era filho do Cel. Pedro Nunes e de Maria Carolina Nunes da Silva, tendo nascido em Morrinhos no dia 29 de fevereiro de 1884. Estudou no Liceu de Goiás e no Ginásio Nogueira da Gama, em Jacareí. Na faculdade de Direito de São Paulo fez brilhante curso de Ciências Jurídicas e Sociais, laureando-se em 1908, e voltou para Morrinhos onde se estabeleceu como advogado.

Pedro Nunes não foi Presidente do Estado de Goiás, como seus tios Alfredo Lopes de Morais e José Xavier de Almeida, mas teve seu nome citado entre os mais notáveis goianos da época. Mário da Veiga Cabral, em sua Corografia do Brasil, aponta-o como um dos goianos ilustres. Ilustre pela enorme bagagem cultural fruto de uma vida de estudos e dedicação à ciência do Direito. Jornais, revistas nacionais e estrangeiras, os melhores e mais modernos autores, livros em quantidade ele

os adquiria em São Paulo ou no Rio e constituíam a sua leitura de todos os dias. Estava, assim, a par dos acontecimentos mundiais, surpreendendo as pessoas que vinham a Morrinhos e com ele conversavam. Estranhavam encontrar, numa cidade tão pequena e longe das grandes metrópoles, alguém tão bem informado e culto.

Dentre as causas que Pedro Nunes defendeu há uma famosa em Goiás e que lhe proporcionou ensejo de demostrar a sua bagagem como jurisconsulto e as qualidades de homem íntegro. A revista "Álbum Brasileiro", editada em 1927, chama essa causa de "Uma questão dos diabos".

Pedro Nunes impressionava por sua inteligência, impressionava também pela atitude desprendida em questões de dinheiro. Abriu mão de seus vencimentos como intendente (10% da arrecadação municipal) dando-os para a obra do Grupo Escolar Cel. Pedro Nunes, por ele fundado no dia 13 de maio de 1924.

Biografia da Acadêmica: Maria da Purificação de Freitas – Cadeira nº. 18

Maria da Purificação de Freitas (Maluba) é Arte terapeuta, licenciada em Artes Plásticas, Educação Artísticas, Psicopedagoga, pós-graduada em Antropologia Cultural e Filosófica; em Psicopedagogia Institucional e Clínica; em Psicologia da Forma;

em Oficinas de Psicologia Transpessoal Xamanística; em Formação Holística de Base, pelo Instituto Fênix, de Belo Horizonte (MG), em Psicanálise, em Teoria Jungueana, com o Dr. Santiago Americano Freire; em Filosofia de Dialetos e Símbolos Arcaicos, como o Prof. Ary Quintela; em Formação Xamanística, com o Mestre Cumpadre e Mestre Azoani.

Pesquisadora do Xamanismo Nativista Brasileiro, seus mitos e ritos, há mais de 30 anos.

Especialista em transcomunicação e canalização de fenômenos que ocorrem em estados superiores de consciência, estados estáticos especiais, nos quais se exercita a capacidade de ir e vir ao mundo profundo da consciência expandida numa releitura da memória coletiva e atávica do homem e de sua condição humana nas existências múltiplas. Seu trabalho é reconhecido no Brasil e no Exterior. Dirige oficinas de Psicologia Transpessoal com abordagem xamanística.

Desenvolve um registro do discurso teórico do xamanismo nativista brasileiro e seus complexos postulados. Esse estudo poderá trazer à comunidade científica um conhecimento do fenômeno da consciência expandida ou emergência espiritual nos rituais xamanísticos. A contribuição dessa pesquisa é de grande valia para o campo da investigação Transpessoal e da ressignificação de recursos memoriais de outras existências acopladas a bolsões paralelos nas etapas das estruturas básicas e temporais do desenvolvimento na integração sistêmica da natureza da consciência, contemplando a espiritualidade.

Maluba é autora dos seguintes livros:

- Terapia Quântica – Uma Abordagem Transdisciplinar
- Sonhando e Educando com Fé

- Asas de Águia no Olhar do Sol
- A Senhora do Rio
- Salmódias a Linguagem da Luz

Louvor ao Grande Espírito Legislador

Ó grande espírito legislador,
Que me vês antes de eu imaginar
Tua face.
A cada dobra do caminho, eu desejo.
A cada pedra que me intercepta, eu aceito.
A cada gesto de inveja desmedida, eu me curvo.
A cada agressão do meu opressor, eu perdoo.
A cada maldição da palavra eu não julgo.
A cada gesto de amor, eu multiplico.
Elevo meus olhos
Ao topo da montanha,
Agradeço!
Aceitando com responsabilidade
Os atalhos dos caminhos,
Pelos quais
O Senhor me ensina a crescer.

Maria da Purificação de Freitas.
Do livro: Salmódias a Linguagem da Luz.

Apelo ao Grande Espírito

A cobra grande do rio da vida armou seu bote,
Meus ossos tremem.
Meus pés são como galhos frouxos
Depois da tempestade.
Socorre-me!
Ó Grande Espírito, quando os meus pés
De novo firmes estiverem,
Enraizados como a grande seringueira,
Encantei em teu louvor
Seguindo tuas pegadas por todo o sempre.
Meus ossos gemem junto
Ao bramido do trovão,
Porque a sabem que a luz do raio
Que vem em seguida
É sinal da sua fúria diante do som
Da motosserra que corta
Na floresta as árvores-mães.
Socorre-me,
Ó Grande Espírito
Para que minha vontade firme
Faça dos meus ossos
Uma barreira contra
A ganância e a devastação.
Assim será, assim está feito.

Maria da Purificação de Freitas.
Do livro: Salmódias a Linguagem da Luz.

Louvor ao Grande Pai

O Grande Pai,
Do alto da montanha
Tu és grande dádiva.
Quando me recolho à casa dos homens,
De tu me recordo
E em ti medito
Durante a vigília da noite.
Os paturis já passam
Cantando a aurora
E minha boca
Ainda Te louva
No meu peito,
Porque Tu me tens
Sido auxílio e presença
À sombra das Tuas asas,
Eu choro,
Eu canto,
Eu grito de alegria ou dor
Sem constrangimento.

Maria da Purificação de Freitas.
Do livro: Salmódias a Linguagem da Luz.

Anseio

Digo comigo
Que o sonho
Dormiu
E você acordou.
O seu olhar
Mordente
Veio cantar
No sono
Lento e quente
A sua solidão
Que passou,
No instante
Que em meu
Sonho,
Ela ficou.
Digo comigo
Que a dois
O sonho é real.
Em meu sonho
Você.
Em meu sonho
Estou
O desejo do encontro
No sonho
Acorda
Em nós se realizou.

Maria da Purificação de Freitas.
Revista Sesquicentenário de Morrinhos.

Dados Sobre a Patrona
Maria de Oliveira Lisboa Costa

Para o conhecimento de minha patrona MARIA DE OLIVEIRA LISBOA COSTA, guiaram meus passos, nas suas essências, os livros das Professoras ZILDA DINIZ FONTES "MORRINHOS: DE CAPELA A CIDADE DOS POMARES" e ESCOLA CÉLULA IMPORTANTE DA EDUCAÇÃO de NILZA DINIZ SILVA, e, também, informações fornecidas por Dorinta de Paiva, lúcida personagem Morrinhense que fará 101 anos no dia 28.03.2008, minha dileta amiga.···.

Nasceu, MARIA DE OLIVEIRA LISBOA COSTA, em 02 de agosto de 1880, em Goiás, carinhosamente apelidada de MARIQUITA COSTA, tem-se que nasceu com um dom impar para o ensino de música, fazendo de suas aulas, sempre, um prazer renovado para seus alunos. Eram aulas movimentadas. Alegres. Com linguagem maternal, bem humorada.

Tal como Dorinta de Paiva, não terminou seus estudos, mas possuindo a veia do magistério, como professora leiga, tornou-se uma excelente mestra. Principiando seu caminho como docente na cidade de Santa Luzia, passou por Formosa, Piracanjuba, Santa Cruz, retornando a Piracanjuba e por fim

Morrinhos, onde permaneceu de 1913 a 1946. Foi uma das primeiras professoras do Grupo Escolar Cel. Pedro Nunes. Lecionou Canto Orfeônico na Escola Normal de Morrinhos para os Cursos Complementar e Normal.

Pessoa extremamente cativante e comunicativa, esposando João Evangelista da Costa, que possuía a mesma comunicação e alegria de conviver. Excelentes anfitriões, em cuja casa, sempre de portas abertas aos amigos, produziam festas com calor humano, alegres, com a presença de velhos, moços e crianças.

No carnaval, o casal era dos mais animados. Naquela época, ao invés de lança-perfume, hoje proibido, usavam os limões de cheiro feitos de parafina em fôrma e cheios de água perfumada. Nenhuma pessoa, no carnaval, se igualava em entusiasmo ao Sr. João e Da. Mariquita.

Quando Morrinhos completou, em 1945, um centenário de doação das suas terras para formação do município. D. Mariquita e o Prof. José Cândido organizaram uma festa grandiosa, para comemorar a importante data. A Festa do Centenário, tão conhecida dos mais velhos, e lembrada por todos os munícipes, pela grande divulgação de pai para filhos. A festa repetiu-se por muitos anos, tornando-se tradicional no sul de Goiás, com afluxo de invulgar número de turistas.

De interessante, ressalta-se que D. Mariquita Costa, é mãe de Jorivê Guarany Costa, que por sinal, casado com Maria de Lourdes Nunes de Azeredo Costa, esta veio, após o falecimento da patrona de minha cadeira, que se deu no dia 12 de outubro de 1947, a ser apelidada de Mariquita Costa; portanto, tanto a mãe de Jorivê como a própria mulher possuíam apelidos idênticos, o que não deixa de ser uma coincidência interessante.

A Prof.ª Nilza, sábia e divulgadora incansável dos vultos morrinhenses, enfatiza, em seu livro, que "DONA MARIQUITA era de uma bondade sem conta. Ótima para explicar e dotada de muita simpatia. Era de uma dedicação a toda prova e tinha amizade e carinho pelas alunas. "Ensinava a ler, escrever, contar, geografia e história". Método de ensino: Geografia e História eram dadas através de pontos que eram marcados e decorados pelas alunas. Além de livros impressos, era ofertado também um livro manuscrito para que a aluna soubesse ler também letras que não fossem impressas. Não lecionou somente para o sexo feminino, passou a ensinar também o masculino e sua Escola tornou-se mista." O nome de MARIQUITA COSTA perpetua-se em Morrinhos em uma de suas Escolas, representando um reconhecimento e uma homenagem àquela que colocava amor em seu trabalho ao ensinar e que participava ativamente dos eventos culturais e religiosos da cidade, contribuindo para o maior brilhantismo dessas solenidades.

Honra-me, profundamente, ocupar a cadeira de que é patrona MARIA DE OLIVEIRA LISBOA COSTA, e peço que todos os anjos que me protegem deem-me forças para dignificar seu nome, ofertando-me luz para ultrapassar os momentos escuros da vida, e guiando-me na obtenção de serenidade quando ocupante da cadeira n. 19, sendo um artífice do bem, e promovendo no que possa a difusão da leitura aos jovens, para que possam amanhã ocupar nossos lugares nesta Casa admirável de cultura que é a ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS.

Biografia do Acadêmico: Helenízio Antônio Marciano
Cadeira nº. 19

Helenízio Antônio Marciano é brasileiro, casado. Formado em Direito pela Universidade Federal de Goiás. É advogado da área cível e funcionário do BANCO DO BRASIL S.A. aposentado, onde exerceu os seguintes cargos: Funcionário de carreira – Advogado do Banco do Brasil S.A. Tendo como formação as seguintes qualificações e atividades profissionais:

- Seminário "Processo Eletrônico".
- 28.01.2008 – Escola Superior de Advocacia de Goiás.
- Reflexos Jurídicos da Alienação Empresarial.
- 25.03.2008 – Escola Superior da Advocacia.
- Direito Ambiental Penal e Crimes Ambientais
- 22.04.2008 – Escola Superior de Advocacia de Goiás.
- Liquidação e Cumprimento de Sentença.
- 12.05.2008 – Escola Superior de Advocacia.
- Alterações no Código de Processo Civil.
- 21.10.2008 – Escola Superior de Advocacia de Goiás.
- As últimas reformas do Processo de Execução.
- 16.02.2009 – Escola Superior de Advocacia de Goiás.
- Código de Processo Civil.
- 09.08.2006 – Escola Superior de Advocacia de Goiás.
- Conselheiro da Seccional de Goiás da OAB-GO.
- 2001-2003.

- Conselheiro da Seccional de Goiás da OAB-GO
- 2004-2006.
- Presidente da Subseção da OAB Morrinhos
- 1980 – 1983
- 1983 – 1985
- Secretário Geral Adjunto da Subseção da OAB Morrinhos.
- 2004-2006
- Seminário Jurídico sobre ética e prerrogativas.
- 29.05.2006 – Escola Superior da Advocacia de Goiás.
- Inovações do Regime de Agravo no CPC
- 26.102006 – Escola Superior da Advocacia de Goiás.
- Diploma de Consagração Publica
- 1999- JR PROMOÇOES E PESQUISAS.
- Diploma de Consagração Pública.
- 2000 – JR PROMOÇÓES E PESQUISAS.
- Reconhecimento pela Ética e Honradez no desempenho da Atividade Profissional.
- 2008 – Rotary Clube Internacional.
- 1974 – 1994 Banco do Brasil S.A.
- 15 cursos de reciclagens jurídicas em diversos Estados do Brasil.

Na Academia Morrinhense de Letras exerceu as seguintes atividades.

Presidente da AML.

- 2009 - 2011
- 2011 - 2013

Vice Presidente da AML.

- 2013 - 2015.

Além de ser grande colaborador dos Jornais:

- Jornal do Peninha.
- Jornal O liberal.

Galdino, Para Sempre...

Helenízio Antônio Marciano

O Morro da Saudade é onde se localiza a morada de Galdino. Para quem não o conhece (será que existe?) e, mesmo, para os mais chegados, narrarei alguns dados da figura central desta crônica, uma pequena historieta centralizadora dos acontecimentos vivenciados e vividos por essa figura popular, suave, risonha, excêntrica: Galdino Vieira, filho de José Vieira e de Maria Margarida Vieira, nascido no dia 01 de outubro de 1920, ingressou, como gari na gestão municipal de Domingos Vilefort Orzil, no dia 01 de maio de 1970, aposentou-se no cargo de Auxiliar de Obras e Serviços, pelo Decreto 510/95, no dia 11.04.1995, quando era Prefeito o atual mandatário municipal Rogério Carlos Troncoso Chaves.

Para chegar aos informes mencionados, pela manhã, dirigi-me à morada na Rua do Cajueiro. Galdino me recebeu sorrindo, nas mãos, duas canas caiana, deixou-as no chão, e dirigiu-se ao meu encontro. Onde mora é um local muito aprazível, cheio de árvores antigas: mangueiras, pitombeira, cajazeira, ameixeira, abacateiros, um pé de canela, para o chã

matinal. Um ventinho gostoso debaixo das copas das árvores me transportava à infância distante, lembrando-me dos dias que passava no Morro da Saudade, na casa de Adelino Ribeiro, pai de Dade e João Eusébio. Na aproximação Galdino disse:

– Conheço você, é filho do Dr. José Cândido, ele morreu de repente.

Enchi os olhos de lágrimas... Como poderia lembrar de mim e da morte de meu pai que se deu no dia 01 de março de 1953? Abraçando-o, carinhosamente, o conduzi à casa de seu guardião mor Julinho. Sentamo-nos, um defronte ao outro, e começamos um longo bate-papo. Quem imagina que Galdino tenha alguma deficiência psicológica ou mesmo qualquer síndrome está completamente enganado. Seu sorriso, naquela manhã, era mais franco, aberto e amistoso que já tinha presenciado. Trabalha todos os dias. Levanta, sempre, às cinco horas da manhã. Saúde de ferro. Bom de apetite. Inteligente. Lúcido. Perspicaz. Nada tendo de ignorante. Um contador de causos perspícuo, ladino, com uma intuição vivaz e que, se se prestar atenção ao que diz, chega-se à conclusão de que possui um Q.I. muito bom.

Contou-me que é muito amigo do dinâmico Prefeito Rogério e da não menos dinâmica primeira dama Terezinha, e que sua casa será pintada, por determinação do Sr. Prefeito. Disse estar preocupado com a quantidade de ladrões. Afirmou ter participado do Mutirão, idealizado por meu saudoso pai, que autodenominou de Mutirão da Ponte do Córrego Maria Lucinda. Versejou para mim:

"Fui no laranjal Helenízio estava lá, apanhando rosas brancas, Helenízio quer casar, vá embora Helenízio, pois quem vai casar sou eu..."

Galdino, em Morrinhos, é personagem folclorizado, muito querido. É uma "formiguinha" carregadeira, incansável, apesar de seus oitenta e sete anos de idade. Personagem histórico e eterno de nossa urbe.

Que viva com saúde por mais longos anos...

Terra Planeta Água?

Helenízio Antônio Marciano

Quando menino, uma de minhas maiores proezas era ir, escondido de minha adorável e inesquecível genitora, nadar no POÇÃO DOS PADRES. Lembram-se? Onde hoje se situa o Recanto das Araras. As águas do Maria Lucinda, nem sei se o Pipoca ali desaguava, eram abundantes, férteis em peixes, repletas de aves de todas as espécies. O Martin Pescador, sorrateiro e inteligente, ficava horas sobre veio do córrego, em um galho de árvore, e lançava sua isca, do próprio ventre, e quando o lambari tentava comê-la, como um torpedo, com seu bico pontiagudo e forte, fisgava o peixe. E assim passava horas pescando... E agora? Já não existe uma pequena matinha, linda, que brotava uma mina de águas límpidas, transparentes, se se pudesse dizer: doce como um mel, onde pequenos lambaris promoviam malabarismos e se aglutinavam quando jogávamos um pedaço de pão na água. A pequena aglomeração de árvores e a fonte desapareceram.

O Ribeirão Araras. Volumoso. Intrépido em algumas passagens sinuosas. Muito piscoso. Belo. Foi transformado em um regato. Pesquei inúmeros pacus e piaus naquelas águas. A ganância do homem o converteu em mísero rego d'água, infelizmente!

Quantas veredas, quantos mananciais secaram pelo desmatamento, pelas queimadas? O córrego Pipocas, coitado, está desnutrido, magro, fino, como se estivesse em uma UTI, e sem salvação? O Maria Lucinda de minha infância, agora com o lago desnudo de águas, e com seu ventre cheio de areias e terras pútridas, fétidas, corre, vagarosamente, quase precisando de uma bengala para chegar aonde chegava alegre e saltitante no passado.

Morrinhos se orgulha de seus pivôs centrais. Não seriam eles os causadores de nossas faltas de águas? O Rio Piracanjuba baixou, com a estiagem deste ano, a patamares nunca dantes navegados. Os proprietários de ranchos à sua margem, muitos, estão com suas cisternas secas, se não o protegermos e evitarmos os desmatamentos de suas matas ciliares poderíamos ficar, dentro de alguns anos, sem o Rio Piracanjuba? Sabemos que a nascente do Rio São Francisco secou. Temos consciência de sessenta, eu disse, sessenta córregos e pequenos rios secaram no Estado de Minas Gerais. Aqui, em Morrinhos, água está faltando em muitas casas, vocês já haviam sentido, na pele, tão dilacerante que é não ter água em sua casas? São Paulo megalópole com 15.000.000 milhões de pessoas sofre, profundamente, com a ausência do precioso líquido. O Rio Tietê, pobre rio, está podre. Fétido. Suas águas mais parecem óleo queimado retirado dos veículos que circulam por São Paulo. A insensibilidade do Governo, desse Governo infeliz e injusto e que poderá continuar no LEME do BRASIL em razão da compra de votos indiretos: bolsas e mais bolsas famílias, além de destruir a Petrobras está destruindo as mais belas matas do mundo. Um pecado que, no futuro, nossos netos sentirão na pele.

Desmatamentos. Primeiro pasmem! Por informações, fidedignas, oriundas do INSTITUTO DO HOMEM E MEIO AMBIENTE DA AMAZÔNIA (IMAZON), de Belém, um total de 402 km2 de florestas sofreu corte raso, em setembro, área que corresponde a 25% do município de São Paulo. Representa um aumento de 290% em relação ao mês de setembro de 2013, cuja área desmatada foi de 103 k2. Precisa falar mais? Por que o Brasil começou a secar suas fontes aquíferas? Quais os culpados por tão imensos desmandos? Para que existe o IBAMA, INSTITUTO CHICO MENDES, ÓRGÃOS DE MEIOS AMBIENTES, ETC. TCU, TCE, TCM, AGU, MINISTÉRIO PÚBLICO, e todos os demais órgãos responsáveis por coibir tantos desmandos? Pasmem mais: Por levantamento da degradação florestal, devido à extração de madeira e queimadas (criminosas) no bimestre (agosto e setembro/2013) detectou um aumento de 558% comparado com os 108 km2 no mesmo período de 2013. O aumento verificado, portanto, foi de 29% entre 2013 e 2014. Estamos condenados a vivermos em um deserto no futuro.

Término. Dilma ganhou. O futuro de nossa Nação está em jogo. Aguardemos. Acordemos. Lutemos pelo nosso Brasil.

Uma prova de que Deus existe...

Helenízio Antônio Marciano

Havia chovido, muito, na noite passada. Bátegas caíram do céu, loucamente. Fustigavam os temores humanos: para que tanta água? O ser racional, habitualmente, quando a chuva é muito forte reza para que amaine, ou, pelo menos, torne-se

mais leve. Não sei se tornou mais serena, todavia, no raiar de um novo dia, felizmente, o horizonte, de um azul esplendoroso, anunciava um dia de calmaria, lindo. As águas derramadas não fizeram significativos estragos. Nas ruas desceram saltitantes e chegaram, como sempre, nas barrancas do Maria Lucinda. Após uma chuvarada a cidade fica cheirando flores silvestres. Ficamos mais humanos. Felizes. Puros. Nasce, então, um dia que sempre aspiramos...

Cedinho, já desperto, pronto para a caminhada matinal, cheguei ao jardim. As plantas, algumas, ainda sentiam o peso das águas vindas do infinito. Outras, mais vigorosas, anunciavam, na resplandecência de suas folhas, a alegria de serem lavadas pela essência de suas vidas, caídas de nuvens puras, límpidas, translúcidas, perfeitas. O ar, na manhã, era chocantemente embriagador. Descia pelas narinas e navegava até os pulmões, anunciando as delícias do momento: a alegria brotava em tudo...

De repente, olhando para o beiral da casa, um brilho intenso chamava atenção. Fagulhas do sol, mesmo tímido, anunciavam, na pontinha de uma telha, um fenômeno, quase imperceptível aos olhos, mas que, naquele instante, despertavam os sentidos. Em segundos, mais brilhante, ainda, ficou! A curiosidade aumentava. Fazendo o coração acelerar pelo inusitado do objeto. Os olhos não conseguiam deixar de fixar a beleza da herança deixada pela chuva torrencial. Um milagre ou ilusão de ótica?

Percebia-se que poderia se desligar da telha a qualquer instante, e foi o acontecido. Desceu, rodopiando. Uma descida triunfante. Nos primeiros centímetros da desgarrada o brilho intensificou-se. Multiplicou-se. Talvez em razão do aumento

do volume do objeto, ou, mesmo, pela penetração, em seu interior, de mais luminosidade dos raios solares. Não se sabia...

Pelo pensamento introspectivo e por uma emulação quase irracional, procurava rivalizar com o objeto, forçando a visão e tentando imiscuir no âmago daquele brilho subjugador, maravilhoso. Não poderia deixar de querer usufruir, nem da descida, e, muito menos da magnitude da luz escorregada do telhado. Em um esforço, quase sobrenatural, quando chegava ao primeiro metro, após o seu desligamento, cheguei ao seu interior. Descia, agora, na esfera brilhante. E, de dentro, a natureza tornou-se mais esfuziante. Passamos, raspando, uma buganvília, sua cor vermelha ofereceu-nos uma coloração diferente, sem alterar a transparência, não ofertando perigo para o momento. E a caminhada seguiu seu curso, passando pelos galhos, torcidos, de uma trepadeira repleta de flores cheirosas. Era uma virtuose que a partícula diminuta imprimia em sua carreira ao desconhecido. Os troncos quase gemiam de prazer na passagem do "cometa" desconhecido, nunca haviam presenciado tamanha beleza...

Mais abaixo, transpondo uma janela envidraçada, de vidros coloridos: cores do arco íris. Em uma simbiose juntaram-se, numa algazarra febril, comemorativa da viagem. Não nos abandonando, a não ser quando – mais uma vez – ingressamos nas flores alvas de uma Neve da Montanha, que, por instinto natural da flora brasileira, não quis pôr em risco a euforia, o espetáculo daquele instrumento nascido das entranhas das nuvens...

Corrupiando e aumentando a velocidade, após a passagem pela janela, podia-se perceber, claramente, que no próximo obstáculo as coisas poderiam se tornar dramáticas.

Destrutivas. O seu fim. Mas, por pura sorte, nada aconteceu de grave, a não ser, ao raspar em um espinho de uma roseira, pequeníssima parte da redoma (?) transparente ficara na pontinha do objeto lacerante. Nada, porém, poderia impedir o seguimento do voo, que, a cada segundo, criava situações mais belas. Puras. Alegres. Eternas. Transitórias. Febris. Calmas. Ingênuas. Chocantes.

E descia. Descíamos. Uma folha cheia de orvalho, curvada pelo peso da água, despejou, certeiramente, em cima do objeto quase o dobro de seu peso, foi o momento mais delicado da operação, quase tudo se transformara em sonhos. Mas, graças ao destino, o que se perdeu na pontinha do espinho ganhou-se, com sobras, do derramamento da folha do coqueiro. A natureza preservando o que dela nasceu. Coisas de Deus, lógico!

Não havia mais razão para permanecer no ponto luminoso. Com pequeno esforço mental safei-me de suas entranhas, não sem tempo, não sem hora. Meus olhos, felizmente, continuavam – hipnotizados – seguiam os últimos segundos de vida do ponto luminoso. E o tempo, para as coisas de nosso Criador, não é medido em segundos, pois infinito enquanto dura... É o consolo, até hoje. Fixando os olhos percebi, claramente, que num átimo de tempo o ponto voador bateria em uma rosa vermelha, muito grande, que com a velocidade alcançada não se poderia desvencilhar, o choque seria inevitável. E aconteceu! Explodiu bem no centro do gineceu. Partículas diminutas explodiram para todos os lados, forçando a rosa expelir um perfume nunca experimentado pelos seres humanos. E, naquele momento, da explosão anunciada, verificado foi que o objeto cadente nada mais era do que uma gota d'água da chuva da noite anterior, ou do sereno brejeiro, suave que purifica as manhãs morrinhenses.

É a prova – insofismável – de que Deus está em todas as coisas, das menores às imensuráveis. Uma gota de orvalho, mesmo caída, carrega em seu núcleo, em sua forma diminuta, a grandeza, a beleza, a pureza, do orbe nascido sob a vigilância constante do mais puro e generoso Ser que o habitou... felizmente!

A Arte de Beber Cerveja Quente

Helenízio Antônio Marciano.

Existem amizades eternas. E, nesta eternidade, coloco, em lugar de primazia, o médico morrinhense Luiz Alberto Costa. Extrovertido. Simpático. Inteligente. Bom papo. Riso fácil. Risada sonora, profunda. Amigo de longa data. Nasceu onde hoje é a Biopharma – Farmácia de Manipulação, na Rua Sen. Hermenegildo de Morais, 259, Centro. Para mim, nos belos tempos juvenis, a casa mais alegre de nossa Cidade dos Pomares.

Luiz Alberto e um amigo resolveram, há alguns anos fluídos, e foram pescar no Rio Tapireté, afluente do Rio Xingu, nas proximidades de São José do Xingu-MT.

Caminhonete na estrada. Horas a fio, sem descanso, no volante. Calor imenso, 38º à sombra. Sede. Muita sede! Quando avistaram uma placa indicativa da existência de uma venda: "100 metros. Venda do Timbó. Um pouco de tudo."

Olharam-se. Gestos positivos com as cabeças. Debaixo de uma frondosa árvore pararam o veículo. Fora da "máquina" o calor era escaldante. Quase insuportável.

A venda, construída em um moquiço, de pau-a-pique, coberta com folhas de buriti, chão batido, com uma prateleira

repleta de secos e molhados de usos mais prementes, e, bem em seu meio, dez cervejas sujas de poeira. Há algum tempo permaneciam naquele lugar, pensaram os amigos pescadores.

O vendeiro chegou:

– Posso ajudá-los?

Luiz Alberto, sempre mais afoito, disse:

– Limpe uma cerveja (apontou o dedo). Passe um pano bem de leve. Não balance. Abra com bastante cuidado.

Timbó, o vendeiro, desceu a garrafa. Promoveu a limpeza e quando tirou a tampinha: um vulcão saiu de dentro. Espumas por todos os lados. A terra, quente, engolia em uma rapidez tremenda. Somente uma manchinha da espuma na terra batida. Aproveitaram meia cerveja.

– Abra outra. Agora, por favor, não deixe balançar. Lave-a no balde da cisterna. E destampe com precaução: assim foi feito. Derramou muito pouquinho. Um sucesso a operação.

Beberam mais três. Sempre com o Luiz intrometendo-se e dando explicações como deveria ser aberta a preciosa garrafa de líquido quente. Já estavam gostando... Cerveja (quente) não era tão ruim assim. Dialogavam os pescadores.

Na sexta cerveja. Luiz Alberto nem se importou com sua abertura. Mas, o vendeiro, já entendido não deixou derramar nenhuma gota. Uma perfeição !

Timbó, um macambúzio de nascença, chegou pertinho dos, agora, alegres fregueses e perguntou:

– Vocês não gostam de cerveja gelada?

– Lógico, amamos.

– Por que não pediram?

– Mas tem?

– Tem, sim! Venham ver...

Os incautos goianos seguiram-no. Na transposição do salão central da venda, para um cômodo menor, a mulher do vendeiro, calmamente, amamentava uma criança de mais de ano. Os peitos, enormes e caídos, tapavam o rosto do infante que sugava forte e seguiu os visitantes com os olhos modorrentos. A mulher sequer deu confiança aos amigos bebedores de cervejas.

Em um cômodo eis que surge uma das visões mais belas do mundo: uma geladeira, novinha em folha, a gás. Dentro dela dezenas de cervejas:

Todas "véu de noiva".

À Patrona:
Zilda Diniz Fontes

Zilda Diniz Fontes é natural de Morrinhos/GO; filha de José Mendes Diniz e Laudomila dos Reis Diniz; formada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia de Ituiutaba; professora de português no Colégio Estadual Xavier de Almeida e diretora substituta; historiadora, escritora e teatróloga; incentivadora das artes nas suas mais puras manifestações. Foi, sem dúvida, uma das maiores educadoras na história da cidade.

Biografia do Acadêmico: Nilo Sérgio Troncoso Chaves
Cadeira nº. 20

Nilo Sérgio Troncoso Chaves; 63 anos (21/01/1952); natural de Morrinhos, filho de Darcy Chaves e Dolores Troncoso Chaves; professor titular doutor aposentado da UFG; oftalmologista veterinário e escritor.

O Dia Quia Terra Parô

Nilo Sérgio Troncoso Chaves

Quando eu istudava no Grupo tinha um fessôr quera muito doido. Ele tinha umas ideia que bagunçava as ideia da gente. Um dia ele deu uma aula falando duma coisa qui pudia contecê, mais nunca tinha cunticido. Ele falô qui a terra arrudiava o sole junto cum ôtros pranêta, mais ela tamém dava vorta nela mema. Era purisso exestia o dia e a noite. Isso era inté facíl de intendê. Ontonce ele falô qui o home já tinha dado conta de miorá muito a vida de todo mundo, mais tinha umas coisa quêle num ia dá conta de arresorvê e fêiz um disafio prá nóis ixpricá. Preguntô quale seria a solução se a terra parasse de girá ao redó do sole e dela mema. Logo um minino quera o mais inteligente da turma falô qui nóis ia tudo morrê, cadiquê da banda que num ia batê o sole ia ficá tudo gelado, as pranta murria, assim cumo os bicho qui cumia as pranta e nóis qui cumia as pranta e os bicho tamém. Da ôtra banda onde o sole ia batê direto ia torrá tudo e morrê todo mundo mais ligêro. Falô tamém qui os cientista num ia dá conta de arrezorvê. Aí as minina cumeçaro a chorá. Intão o fessôr preguntô qui nóis ia fazê? Eu pensei - Já queu vô morrê, vô bejá na boca a minha coleguinha qui nunca deu bola pramim. Cada um falava uma coisa. - Vô iscondê drento dum buraco. - Vô robá muito dinhêro. - Vô fugi prá fazenda. - Vô cumê bolo. - Vô prá igreja rezá. Mais num ia adiantá de nada, nóis ia morrê memo. Eu quiria era bejá a coleguinha. Aí o fessor preguntô se nóis querditava im Deus. Óia, aí eu fiquei ca purga purditráiz da orêia, eu qui vivia falano qui Deus não exestia e parece quera só ele pudia dá jeito naquele trem

isquisito, mais continuei duvidano, cadiquê ele ia querê mata todo mundo, se todo mundo era fio dele? É purisso queu num disistí da idéia de bejá a minina, aí eu morro filíz.

Macarrão Carbonara

Nilo Sérgio Troncoso Chaves

Vô tratá a minha tia quié mais nova quieu de MC, mode ele num ficá cum reiva. Ela já é deferente, cadiquê nasceu im premero de Abril, dia da mintira. É mole? Pensa numa muié dada. Óia, quarqué lugá quela chega, num par de tempo ela já arranja uma prosa de conhicimento qui ocê vota nu candidato dela de zói fechado. Ela é o mió cabo eleitoral do mundo. Num feita, eu mais ela e o marido dela, arrezorveno dá uma vortinha nas Oropa. O meu tio pudia sê um santo, tando quisso é verdade, qui nóis levô um relatóro mode o Papa canonizá ele, cadiquê vivê ca MC mais de trinta ano já era um milagre, mas o Papa ficô sabeno, qui meu tio uma vêiz na vida falô um nome fêio, aí ele num pudia dá a santidade prêle. Quando nóis tava lá no Vaticano, na praça do São Predo, caquêle mundão de gente a MC sumiu. Ontonce nóis ficamo dusmais preocupado cum sumiço dela. Nóis tava imparriado cum veím sentado numa cadêra de roda, ele falava um italiano ingrêizado, mais nóis intidindia um cadim. Quandoefé nóis viu aparecê lá im riba num jinelinha um home vistido de muié cum chapelão na cabeça e uma muié de banda dele. O povo cumeçô a gritá - Viva o Papa, Viva o Papa! E ele abanano as mão pru povo. Cumo nóis num cunhecia o Papa, preguntamo pru véio se aquele home lá im riba era o Papa e ele arrespondeu: - O Papa eu num sié não, mais a muié quitá perto

dele é a MC. Homi! Minha tia é tão ispertinha quela já tinha ido tomá a bença do Papa. Adispôis disso, quando ela impirrêia mode uma coisa, nem o marido tira o gosto dela fazê a vontade. Antoce ela falô quiquiria cumê um macarrão lá da Italia, num restorante na Itália. Nóis teve dií. Quando nóis sentamo na mesa e pegamo o cardapo, eu mais meu tio pidimo uqui nóis cunhicia, prá num errá na iscôia, mais minha tia pidiu um macarrão cum Carbonara, quela num cunhicia e quitinha ovo no meio, mais era num quiria o ovo. Aí a galçonete falô qui sem ovo num era Carbonara e convenceu ela quio trem era bão. Quando chegô a bóia, ela qui come de montim, cumeçô a ispaiá o macarrão no prato e cumêu poquim. O cuzinhêro viu quela num quis cumê e se ofendeu. Vêio e se ajuêiô quase chorando nus pé dela e recramano cadiquê quela num gostô. Ela oiava prêle e falava quitava gostoso, mais ela tava chêia. Foi um sururu, tadim do home. Meu tio ficô cum tanta dó qui deu uma boa groja prele. Aí o cuzinhêro pidiu prá nóis isperá, vêio e garrô meu tio prás orêia e deu dois bejo nas bucheca, quase na boca, que o óclus do meu tio foi pará travessado na testa. Isturdia eu fui cuzinhá na casa dela e falei quiía fazê macarrão cum Carbonara, ela quase bateu nimim.

Mininonça

Nilo Sérgio Troncoso Chaves

Eu tenho dois tio, um é meu tio e a ôtra é minha tia. Pensa num povo bão. Os dois trabaiáva no Banco do Brasil. Minha tia é mais nova quieu e meu tio mais véio. Meu tio foi mandado prá abrí um postim do Banco do Brasil lá im

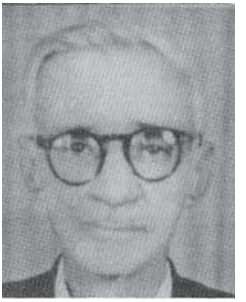
Dianópolis há mais de 20 ano atráis. Prá chegá lá era perciso imendá nu mundo de Deus quebrano o braço no posto Mimoso, deitá o cabelo e infrentá mais de 200 quilômetros de areia. Eles já tinha um fiote qui atindia pelo nome de Ansermo. Numa dessas viage eles incravaro e tava numa labuta prá mode disinterá a Belina, quando eles viro um bichim saí disimbestado dedrento duma coivara e infiá num buraco de Tatu. Eles acharo isquisito e fôro ispiá. O buraco era mei piqueno e eles só via dois zóião lá drento, ontoce minha tia levô mão mode tirá aquilo e ele carcô os dente no dedo dela e cumêu metade. Aí meu tio infezô, cum pau puxô o trem prá banda de fora, jogô uma cuberta pru riba, inrrolô, marrô a boca, botô a trôxa drento do porta mala e siguiro viage. Eles num sabia qui bicho era aquele. Lá na cidade eles piaro as mão e os pé da increnca inquanto a minha tia foi na farmácia fazê curativo no dedo, cadiquê num tinha hospitale. Adispôis jogaro o bixim drento dun tanque cum sabão de bola e criolina mode assiá e vê quêquera aquilo. Era tão cabiludo quiném uma massaroca. Cortaro as unha qui paricia de melêto e forô pelano inté qui viro quera gente, mas num sabia sera minino ô minina. Logo eles apercebero quera minina. Home! Era uma muiézinha, um bichim infezado. Aí cumeçaro a inducá cumo sifôsse ôtra fiotinha deles e dero o nome de Driana. O tempo foi passano e foi uma dificulidade fazê ela cumê cum galfo, faca i cuié. Nu cumeço eles dava só cuié, cadiquê ela fincava o galfo e a faca na mão do irmãozim e muitos minino na iscola ficaro sem um pedaço das orêia quando brigava cum ela. Sapato ela só pôis nus pé adispôis de sete ano, só andava discarço. O cachorrim qui tinha na casa deles cagava de medo dela, cadiquê ela ficava oiano prêle e lambeno os beiço. Os

dente dela era bão dimais, era só discuidá tava ela rueno os osso quidava pru cachorro e quando ria mostrava os canino bem mais graúdo do que todo mundo. Nas festa, quando a gente fáiz churrasco é só discuidá tá ela cumeno calne crua. Ninguém sabe de quem quela é fia, só sabe qui tinha naquelas banda um nêgo pirdido no mato qui andava impariado cuma onça fêma e o povo fala quela é fia desse nego cá onça. Óia! Ela acabô virando Dentista. Eu num trato de dente cum ela nem cá vaca tosse, cadiquê por quarqué coisinha ela rosna e o marido dela veve ranhado. Deusolive, nossasinhora!

Projeto da AML Nossa História em Ação

Por: Nilza Diniz Silva – Cadeira nº 21 da AML
José Mendes Diniz (Juquinha Diniz) Patrono da Cadeira nº 21 da AML

Ao Patrono
José Mendes Diniz (Juquinha Diniz)



Em Franca, no Estado de São Paulo, José Mendes Diniz (Juquinha Diniz) nasceu no dia 10 de março de 1888. Pais: Antônio Mendes da Silva e Perciliana Barbosa Diniz. Antônio Mendes da Silva era descendente de portugueses pelo lado paterno e de portugueses e índios pelo lado materno. Juquinha teve 8 irmãos do 1º casamento e 3 do 2º casamento de seu pai Antônio Mendes da Silva.

Juquinha passou sua infância e adolescência em Franca. Estudou em colégio de religiosos de sua cidade, tendo sido aluno do Padre Donizetti a quem mais tarde se atribuíram poderes de cura para várias doenças.

Juquinha deixou a casa paterna, ainda bem jovem, para trabalhar fora. Acompanharam-no a lembrança do pai, seu exemplo de honestidade e honradez, seus conselhos, as

saudades dos irmãos queridos, a despedida terna de Maria, sua madrasta, mas que para ele e os irmãos tornara-se verdadeira mãe.

Sua cidade deixa então/afim de a sorte tentar
Atravessa o Rio Grande/o primeiro rio a ficar.
Há uma promessa de vida,/há uma luz de esperança
Brotando da terra em que toca.

Juquinha deixa o Estado de São Paulo e vai para Minas Gerais. O Triângulo Mineiro é seu destino. Cidade: Ituiutaba. Ali vai encontrar a eleita de seu coração. Juquinha vira Domila algumas vezes de longe, mas não se aproximara, apesar do interesse que ela lhe despertara. Só olhares demorados... Um dia, porém passou devagar pelo portão de sua casa, que estava aberto, e surpreendeu-a com um machado, rachando lenha. Achando que aquele serviço era muito pesado para ela, foi atrás de um rachador e mandou-o imediatamente fazer o trabalho, pagando-lhe o serviço. Domila recusou, temendo a reação do pai, bastante severo. Mas Juquinha acabou convencendo-a a aceitar, responsabilizando-se pela reação de seu pai com que se explicaria.

À noite, Juquinha enfrentou o pai de Domila, José Custódio dos Reis. Não só explicou o episódio da lenha como lhe disse dos sentimentos que nutria por ela. O namoro foi oficializado e logo o casamento marcado. Em abril de 1910, foi celebrado o casamento de Laudomila dos Reis (Domila), natural de Monte Alegre de Minas com José Mendes Diniz, mudando-se o casal para Santa Rita do Paranaíba (hoje Itumbiara).

O segundo rio atravessa/Desta vez não está mais só.
Traz feliz uma companheira/ e com ela fé e esperança
Ali formarão o seu lar.

Juquinha foi trabalhar como agrimensor, associado a Pretestato Marques da Silva.

Ali nasceu seu 1º filho Jerônimo (Diniz) em outubro de 1911. No ano seguinte, voltou para São Paulo, desta vez para Ituverava. Domila levou Luzia em sua companhia para tomar conta do bebê. Luzia, a madrinha retratada mais tarde por Zilda Diniz, no poema "A Bênção, Madrinha". Acompanhou Juquinha por todos os lugares onde residiu.

Em Ituverava, Juquinha associou-se ao pai na abertura de um hotel. A experiência não deu certo e ele regressou para Santa Rita do Paranaíba. Em 1914, nasce o 2º filho, Áulio. Domila passou a lecionar, enquanto o marido continuava na medição de terra. Profissão que exerceu enquanto teve forças e saúde. Em Santa Rita do Paranaíba foram sempre bem recebidos pelas famílias mais influentes da época. Ali, Juquinha convidou alguns amigos que gostavam de teatro, para ensaiarem uma peça teatral. Convite aceito, peça ensaiada e apresentada. Boa aceitação sugeriu a continuação e algumas outras foram apresentadas. Mas o sócio Pretestato, resolvendo ampliar seu campo de trabalho, convidou Juquinha para transferir sua residência para Morrinhos.

Ele chegou a Morrinhos no lombo de animais. (descrição feita por ele, aos filhos). Ele, Domila, os dois filhos e Luzia. Era noite festiva. O céu, todo claro, lá de longe já era visto. As chamas da fogueira se elevaram às alturas e os foguetes riscavam a noite. Era a véspera da festa da Padroeira da cidade:

Nossa Senhora do Carmo. Ano 1916. Aqui ele passou a morar em uma casa na Praça Nossa Senhora do Carmo, a Praça da Igreja. Aqui nasceram mais outros filhos: Célio, Zilda, as gêmeas Maria e Nizzy com 7 meses de gestação. Nizzy faleceu 4 meses depois. Por último, Nilza e Mário.

A vida foi sempre difícil para Juquinha. No lombo de um animal se enfiava pelos matos, abria picadas, vencendo a natureza bruta. À luz de velas, debruçava-se sobre o papel, traçando linhas, localizando córregos, cercas, campos e cultura. Ele possuía uma tropa completa de animais para o serviço de agrimensura, pois não havia veículos nem estradas. Os animais eram utilizados para transportar bruacas com mantimentos, utensílios de cozinha, roupas, cobertores e outros. Era o seu duro ganha pão. Na cidade ficava, sua família que dependia de seu trabalho. Quantas vezes dela se ausentou! Viagens e mais viagens: um mês, dois, três meses fora de casa. No campo, medindo fazendas, dormindo em barracas aguentando chuva, calor, frio, noite escura. Mas as noites de luar faziam aumentar a saudade da mulher, dos filhos, de tudo.

Terminada uma divisão, lá vinha ele de volta ao lar. Era uma alegria, quando chegava em casa e os filhos menores vinham correndo para ver o que ele havia trazido. Que festa, quando trazia cocos de guariroba! Por dias se ouvia o som da machadinha, misturado à conversa alegre das crianças. Quebrando os cocos para comerem as gostosas castanhas. As mangabas e outras frutas eram também recebidas com alegria. Seu cansaço diminuía ao ver a alegria dos filhos. Cada regresso dava-lhe novas forças, enchia seu coração de esperança. Começava, então, o trabalho no escritório. Os traços rascunhados no campo, as anotações do mapa. O dia todo de

pé, em redor da mesa, às voltas com transferidor, planímetro, lápis e régua. Apurações de documentos. Partilha. Por anos e meses foi assim a sua vida. Uma curiosidade: ele, às vezes, solfejava alguma música, quando estava só, debruçado sobre os mapas, ou cantarolava baixinho.

Mas o seu trabalho não o impediu de participar dos problemas da cidade que escolhera como morada. Foi vereador (conselheiro) por duas vezes: 1919-1923 (eleito) e nomeado em 1930, no governo de Raul Nunes. Foi candidato a prefeito pela antiga UDN, em 1947, concorrendo com Manoel de Freitas pelo PSD, mas não se elegeu.

Era enérgico e intransigente em tudo que pudesse trazer benefício para a comunidade. Aliás, esse foi sempre o seu distintivo: energia, franqueza, às vezes rude. Exigia dos filhos obediência e respeito, dedicação aos estudos, responsabilidade no cumprimento do dever, honestidade em todos os atos.

Juquinha sabia que não voltaria mais à cidade onde nascera e crescera. Adaptara-se integralmente à cidade que o acolhera. Por isso, deveria dedicar a ela todo tempo disponível. Ao transferir sua residência para Morrinhos, em 1916, interessou-se logo pelo desenvolvimento da cidade e com alguns companheiros fundou a primeira Sociedade Dramática e Literária (1918), fazendo funcionar o Teatro Recreio Dramático, um veículo de cultura.

Como educação e cultura estão intimamente ligados, logo a seguir veio-lhe o pensamento de abrir o Externato Santa Cecília, uma vez que Morrinhos não possuía ainda o Grupo Escolar Cel. Pedro Nunes. O Externato era uma escola para o sexo feminino. Nela lecionavam Inês Reis Machado, sobrinha de Domila e afilhada do casal e Maria Brigagão, esposa de Jonas

Brigagão, sócio de José Mendes Diniz. Local de funcionamento: Praça Rui Barbosa, esquina das ruas Rio de Janeiro e Dom Pedro II.

Graças a sua visão de futuro, Juquinha Diniz contribuiu para a construção de ruas mais largas em Morrinhos. A partir da Avenida Couto de Magalhães; as ruas receberam traçados mais largos, inclusive nas calçadas. Ele planejou a Avenida com maior extensão prolongando-a até o Jardim América, mas na execução ele terminou na Praça Raul Nunes.

Compreendendo a importância que o automóvel teria no futuro, construiu juntamente com Tito Teixeira Costa, a estrada ligando Morrinhos a Caldas Novas. Um trabalho difícil em uma época em que as obras eram realizadas de maneira rudimentar sem os maquinários e a tecnologia moderna. Também construiu a estrada para Santa Rita do Pontal (hoje Pontalina).

Foi comerciante em Morrinhos e como industrial montou aqui a fábrica de manteiga "Coroada" e em Goiânia a primeira fábrica de banha do Estado de Goiás (Goianaz).

Juquinha era essencialmente religioso. Praticava a religião espírita com fervor, mas respeitava as outras religiões. Pudemos conviver lado a lado com ele, principalmente em seus últimos onze anos de vida; às vezes comentávamos alguma passagem do Evangelho, mas respeitando a opinião de cada um, eu, católica, ele espírita. Promoveu inúmeras festas beneficentes com a finalidade de construir um asilo para os mais carentes. A casa foi erguida no alto da cidade (naquele tempo). Também a fundação de um dispensário para os pobres contou com a sua colaboração. Fundou o Centro Espírita Luz e Caridade, na Praça Raul Nunes. Fé e caridade era seu lema.

Sobre a criação da Sociedade Dramática e Literária de Morrinhos (a primeira) devemos dizer que o teatro nunca foi esquecido por Juquinha Diniz. Durante o pouco tempo que morou em Ituverava conseguiu ensaiar duas peças. Quem nos contou foi sua irmã Felicíssima (em suas memórias). Depois, em Santa Rita do Paranaíba e finalmente aqui em Morrinhos com um grupo de companheiros, em 1918, criaram a Sociedade Dramática. Ele era o presidente, o diretor e ator. Sob sua responsabilidade as peças se sucederam. Cada sócio subscreveu uma ação no valor de 50 mil réis, perfazendo um total de 10 contos de réis para se construir o Teatro. Foi feita a construção na Praça do Coreto (Praça Cel. Hermenegildo). Era uma construção singela, salão sem forro e janelas de madeiras. Em virtude de uma série de contratempos, o teatro não resistiu por muito tempo. Juquinha ocupou a presidência por 10 anos, mas foi obrigado a deixá-la devido ao seu trabalho nas fazendas. Houve eleição e a presidência caiu nas mãos de quem não entendia de teatro e o grupo se desfez. As mudanças de vários atores também contribuíram para seu fim.

Em 1923 Juquinha ficou sem a companheira de 23 anos. Domila faleceu com 40 anos de idade. Ele se desdobrou para atender os filhos, principalmente os menores. Ele esteve sempre presente em cada coisa relembrada, nas plantas que deixara, nas canções que cantava com prazer e emoção.

Enquanto pode, Juquinha nunca deixou de ler e de ouvir boa música. Preferia o violino ao piano. Sabia apreciar uma serenata bem feita e quando tocavam ou cantavam junto de sua janela ou no alpendre, agradecia com palmas ou de viva voz.

Era ouvinte assíduo do programa de rádio, *Programa da Saudade*. Uma noite, acabara de desligar o rádio, quando ouviu

vozes em sua janela. Cantavam e cantavam muito bonito. Era um grupo de jovens que viera cantar especialmente para ele. Foi um presente para um velho que estava prestes a deixar o mundo.

Zilda assimilou em alto grau a vocação do pai pelo teatro. Foi autora e diretora de grande número de peças teatrais, deixando seu nome perpetuado na história do teatro em Morrinhos.

José Mendes Diniz (Juquinha Diniz) faleceu no dia 2 de agosto de 1972, mas ainda em vida testemunhou um pouco do trabalho dos filhos e das filhas na arte cênica. A atual Sociedade Dramática e Literária, criada em 1967, tomando como exemplo a primeira, batalhou para erguer também um teatro com o nome do pioneiro, por sugestão de Joviano Fernandes, prefeito à época da sua criação.

José Mendes Diniz, Patrono da Cadeira nº 21 da Academia Morrinhense de Letras, não nasceu em Morrinhos, mas se considerava verdadeiro morrinhense. Aprendeu a amar a cidade. Amou-a, respeitou-a, orgulhou-se dela. Ensinou os filhos a amá-la e respeitá-la também. Trabalhou para seu engrandecimento. Concorreu no que pode para seu progresso. Soube elevar e dignificar a cidade com sua vida de trabalho, de participação, de verdadeira integração à comunidade morrinhense.

Terminamos com este pensamento: "O homem está inserido no teatro do mundo, de que faz parte, do mesmo modo que tem acesso ao mundo do teatro. O espectador se projeta realmente no ator".

Biografia da Acadêmica: Nilza Diniz Silva
Cadeira nº. 21

Nilza Diniz Silva é filha de José Mendes Diniz e Laudomila dos Reis Diniz, nasceu em Morrinhos, Goiás, em 26 de maio de 1925. Fez os estudos primários em Morrinhos e no Colégio Santa Clara (Goiânia); curso secundário em Morrinhos (Ginásio Senador) e em Uberlândia, Colégio Nossa Senhora das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado. Contabilista na Escola Técnica de Comércio Gaspar Bertoni (Anexo ao Ginásio Senador Hermenegildo de Morais).

Em Ituiutaba – MG, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, fez Pedagogia e Supervisão Educacional. Fez Pós-graduação, latu sensu em Goiânia em Supervisão Educacional. Possui licenciatura curta (CADES) em Matemática, Goiânia 1955. É Mestra em Letras e Linguística: Literatura Brasileira, pela Universidade Federal de Goiás, onde defendeu a dissertação "*Hinos e Bandeiras do Telurismo*" sobre a obra poética de José Godoy Garcia. Vários cursos em Goiânia solicitados pela Secretária da Educação.

Vida Profissional: Lecionou por vários anos no Ginásio Senador Hermenegildo de Morais, desde 1947 até 1981, primeiro no curso primário, depois no ginasial e magistério. No Colégio Estadual Xavier de Almeida lecionou Matemática de 1966 a 1976. No Colégio Estadual Sylvio de Mello, lecionou Matemática, Estatística, Sociologia de 1974 a 1995. Exerceu ainda a função de supervisora no CEXA (Colégio Estadual Xavier de Almeida) onde fez concurso de Matemática.

Trabalhou nos Correios e Telégrafos (concursada) aprovada em 1959, trabalhou de 1960 a 1966 – afastou-se em 1966 para lecionar no CEXA.

Pertence à Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (AFLAG) cadeira nº 40 e a Academia Morrinhense de Letras, cadeira nº 21. Conselheira do Conselho Municipal de Cultura de Morrinhos. Co-fundadora da Sociedade Dramática e Literária de Morrinhos. Fundadora do Coral "Cidade dos Pomares" em 1996.

Livros Publicados:

- *"Passaporte para a Grande Viagem"* (Romance). Classificado no concurso da Publicação Hugo de Carvalho Ramos – Editora Oriente.
- *"Escola-Célula importante da Educação"*. Trabalho de pesquisa na intenção de mostrar um pouco do trabalho dos professores, tão criticados sem conhecimento do seu local de trabalho. Um ato de valorização da pessoa humana – Gráfica e Editora Kelps.
- *"Nove mais nove contos"*. Editora Kelps. Nove do cotidiano e nove do imaginário.
- *"A Poética de Zilda Diniz Fontes"* (minha irmã). Apesar de ter escrito muito, de ter feito da literatura um dos motivos pra viver, minha irmã só editou um livro que foi premiado em Goiânia. É *"Morrinhos: de Capela a Cidade dos Pomares"*. Resolvi buscar entre seus guardados alguns poemas e crônicas e editar o livro *"A Poética de Zilda Diniz Fontes"* e lançá-lo no Teatro Juquinha Diniz em noite solene – Editora Kelps.
- *"Hinos e Bandeiras do Telurismo"*. Nossa dissertação de Mestrado sobre a obra poética de José Godoy Garcia, agora em livro – Editora Kelps.

Trabalhos Publicados:

- Análise do Livro *"Matrimônio loteria do amor?"* de Gil Barreto Ribeiro. Apêndice da 3ª Edição.
- *"O Perfume da Noite"* e *"Boneca de Trapo"* (poesias) no livro "Colheita" de Gabriel Nascente.
- Biografia sucinta e alguns trabalhos no livro *"Morrinhos: de Capela a Cidade dos Pomares"*, de Zilda Diniz Fontes.

Autoria, direção e montagem das peças teatrais (infantis e infanto-juvenis):

- *"Volta pra casa, Lepreco!"*
- *"O Talismã da Paz"*
- *"O Robozinho"*
- *"A Melhor Mágica"*
- Vários trabalhos publicados nos Anuários da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás e no jornal *"O Liberal"* de Morrinhos.
- Referência e poema publicados em *"Análises e Conclusões"* livro de Nelly Alves de Almeida.

Algumas opiniões sobre os dois últimos livros que editei.

- De Léo Godoy Otero, morrinhense, escritor, residente em Itu – SP: Tanto *"A Poética de Zilda Diniz Fontes"*, como *"Hinos e Bandeiras do Telurismo"*, li com cuidado percebendo seu extraordinário conhecimento da literatura. Eu sei que você tem mestrado em literatura, então apta a enfrentar esse fabuloso mundo da subjetividade que é a ficção. Ademais, seu trabalho é de fôlego, luta conhecimento para a análise tanto da

poesia da Zilda – como a do José Godoy Garcia, o mundo interior como gostava de dizer o Guilherme (Dr. Guilherme Xavier) é muito maior que o exterior.

- De Nelly Novais Coelho, escritora, São Paulo: Neste fim de semana, pude enfim ler o seu arguto estudo em *"Hinos e Bandeiras do Telurismo"*. Li-o, com dobrado interesse, pois o poeta José Godoy Garcia foi dos que eu, em minhas breves peregrinações pela literatura goiana, não cheguei a analisar... A sua tese veio me ajudar a, de certa maneira, preencher essa lacuna em meu conhecimento da literatura goiana. Muito grata pela oferta de seu arguto estudo.

Minha Terra

Nilza Diniz Silva

Minha Terra é pequenina,
Porém é grande no coração
De quem a ama com a esperança
De vê-la sempre em ascensão.
Feliz é o filho que a engrandece
Com decisão e muito amor
E a ela sempre está ligado
Com laços fortes de sonhador.

Feliz é o filho que ama sua Terra
E dela se orgulha.
Que tem o coração voltado para ela
Em ritmo de oração

Porque seu coração vive cantando
Para ela uma nova canção,
Com emoção
Com emoção, vive cantando
Para ela.

Singelos morros que a rodeiam,
Parados em contemplação,
De sua história não se desligam,
Vivendo sua renovação.

Terra de filhos sonhadores.
Que querem seu futuro glorioso
Terra de jovem esperançoso
Em vê-la crescer e prosperar.

Porque seu coração vive cantando
Para ela uma canção,
Com emoção
Com emoção vive cantando para ela.

A minha Terra é pequenina
Porém é grande no coração.

Prisioneira

Nilza Diniz Silva

Quando Ariella se descobriu prisioneira? O véu da ilusão, um fio tênue, que teimava em resistir à ação do tempo, finalmente se rompera e ela se deu conta da irremediável situação de sua vida. A prisão não se dera de repente, mas

viera, gradativamente, cada dia se fortificando mais, até deixá-la totalmente sem forças para reagir.

Quando começara? Como se dera?

Ariella e Beatriz eram irmãs, amigas, crescendo juntas, mas tão diferentes. Beatriz alegre, extrovertida, vivendo cada minuto de sua vida, arriscando-se, experimentando emoções. Ariella com medo de cair em erro, fiscalizando seus atos, adiando decisões, fechando-se, construindo muralhas intransponíveis. "Deixe de ser medrosa, Ariella. O tempo passa e você não sabe viver. O que está esperando? Que venham lhe trazer a felicidade em uma bandeja de prata, ou talvez de ouro?" Gargalhada de Beatriz. "Deixe de ser medrosa! Deus não vai castigando assim à toa, não". A vida correndo junto com o tempo. As palavras da mestra vieram lá do íntimo, quase apagadas, enquanto um sabiá canta lá no fundo do quintal. "Você é alma pequenina não se esqueça". "Eu... alma pequenina? O que é" "Alma pequenina é aquela que ama, sobretudo ama. Suporta a cruz com alegria. É pequenina, mas seu amor é grande, amor puro, amor generoso. Santa Terezinha"... "Meu Deus" pensa Ariella, "eu não sou Santa, tenho mesmo muito amor pra dar, mas não posso levar minha vida como Beatriz tem feito, isso nunca".

Para Ariella, o dever é dura realidade e o sonho é suave fantasia. Qual o melhor? Ela sempre cumpre o dever, mas sonha. Sobretudo sonha...

A primeira desilusão atingiu Ariella deixando-lhe marca profunda. Carência de afeto. Reconhecimento de inferioridade diante de companheiros. Primeira desilusão amorosa. Começara a amar em silêncio e em silêncio fora preterida. Não soubera corresponder, recuara quando ele quis beijá-la. Cortava, por medo, o instante mágico que ele criara e que não

mais aconteceu. O instante que ela vivera apenas em sonho. "Sonhar é tão bom!"

Beatriz gargalhava de novo ao tomar conhecimento do fracassado beijo. "Qual, você não tem jeito mesmo." Ariella ouvira, desconsertada, a ladainha que veio a seguir. "O primeiro beijo é importante. A gente não esquece o primeiro beijo, dado meio às escondidas, num clima de emoção e até de romantismo, de querer e não poder. Depois, os outros são mais vivos, mais quentes, despertam a gente. O beijo é um bolinho adocicado que não mata a fome, mas abre o apetite", terminara Beatriz com ar professoral, carregado de malícia. Ariella lembrou da canção que a avó gostava de cantar e que elas aprenderam, ainda adolescentes. Beatriz gostava mais da parte que dizia: "mas de repente ó que ventura louca / Ela sorriu-me a vermelhar de pejo / Eu lhe furtei da pequenina boca / Um pequenino e delicioso beijo. // E desde, então, foi que em minha alma eu trouxe / como lembrança desse amor fagueiro / Esse beijinho estaladinho e doce / Que nós trocamos sob um pessegueiro". Beatriz se empolgava ao cantar e Ariella a acompanhava timidamente. Em certa ocasião, Beatriz, sempre rindo dissera: "Eu acho que esta história do beijo aconteceu foi com a vovó. Está parecendo com ela. Vovó era fogo!" Completou com uma risada.

Ariella trabalhava. Tempos depois ofereceram-lhe um cargo importante. Recusara. "Não é possível! Você não tem jeito, não pensa no futuro, prefere ficar num emprego com salário mixuruca. Porque recusou? Incapacidade? Medo de arriscar?" dissera Beatriz. Ariella replicara: "Não. O cargo é político e eu não sou política. Vão me cobrar atitudes incompatíveis com minha maneira de pensar, de agir".

"Será que você sabe agir, sabe pensar?" Resmungou, ironicamente, Beatriz.

Comparações eram feitas com sua irmã, colocando-a em plano inferior. "Você não sabe agir, Ariella, você não é política. Beatriz sim, sabe o que quer. É política. Vai longe." Realmente, Beatriz sabia o que queria. "Vou me candidatar. O que você acha?" "Vai ser candidata a quê e por qual partido?" "Isso eu decido logo. Vou me candidatar a Deputada, possivelmente pelo PVCO (Partido vai com os outros). Estão insistindo comigo e acho que tenho chance." Beatriz se candidatou e foi eleita com bom número de votos. Procurou Ariella uns meses depois numa grande euforia. "Você vai ver, Ariella, vou fazer carreira política, tenho certeza. Foi o primeiro passo. Se o meu partido estiver pequeno pra mim, embarco em outro". "E as promessas feitas aos seus eleitores?" "Eles me acompanham, tenho certeza". Naquele exato momento, um bem-te-vi lançou, maliciosamente, seu canto e Ariella perguntou: "Você está querendo trocar de partido, como tem feito com marido, Beatriz?" "Lá vem a santinha me torrar a paciência. Só troquei de marido duas vezes. É o sinal dos tempos, minha cara." Suspiro de Ariella (por enquanto, está com o terceiro). Beatriz prosseguira: "O bom político deve enxergar longe, pensar grande, minha irmã. Fique aí no seu cantinho, com a sua insignificância, que eu vou à luta. Me aguarde".

Ariella não tornou mais ao assunto. Soube por outras fontes e pelos jornais que Beatriz deixara o PVCO, aderira a um outro partido, mas já pensava em um terceiro que lhe acenava com melhores propostas. Ocupava cadeias de rádios e canais de televisão, patrocinando causas mais absurdas até eu se envolvera em campanha duvidosa. Seu nome fora

apontado para ser investigado e depois para cassação de seu mandato. Ariella seguia pela televisão toda a trajetória da irmã, penalizada pelo desfecho que parecia eminente.

Mas Beatriz conseguira se livrar das acusações e se empenhava cada vez mais em firmar-se na política. Nada fora provado contra ela.

Tempo depois, enquanto Ariella cuidava de suas flores, a irmã apareceu e, escolhendo bem as palavras, lhe propôs colocar seu nome na folha de funcionários do seu gabinete. Antes que a irmã recusasse, Beatriz explicou: "Você não precisa ir lá. Basta assinar a folha, descontar o cheque e me passar. Eu te dou 30%. Diante do ar incrédulo de Ariella, ela completou: 50% vá lá". A conversa não terminou bem. Ariella não encontrou a palavra certa para definir a atitude da irmã. Recusou categoricamente. Fingindo ignorar a presença de Beatriz, continuou cuidando das flores, testemunhas mudas daquela cena. Beatriz voltou à carga: "Você é inocente demais. Está fora da realidade. O que lhe proponho não é novidade. Você recebe metade do valor do cheque, sem trabalhar, já pensou?" Ariella explodiu. "Não pensei e não quero pensar. Você, que me conhece bem, nem deveria ter feito esta proposta indecente, imoral mesmo, a mim. Seus eleitores sabem disso?" "Deixa meus eleitores de lado. Se não quer, paciência, mas que é boba é mesmo". "Então é assim que o mundo caminha?! O que será da humanidade se os defensores do povo continuarem a agir assim, sem escrúpulos, pensando apenas em usufruir cada vez mais benefícios em causa própria?" Silêncio. As duas irmãs ficaram estremecidas.

Beatriz não a procurou mais. Naturalmente, encontrara outra pessoa para fazer seu jogo sujo, concluíra Ariella. O homem é um ser contraditório. Fala de um modo, mas age de

outro. O que dizer, então do ambicioso? Beatriz é um exemplo. Rompe com as barreiras da moral, com a mesma naturalidade com que rompe com as relações amorosas.

Ariella se fechava cada vez mais. Não tinha amigos. Não frequentava festas. Mas, um dia, uns olhares longos, diretos, despertaram seu interesse. Um funcionário, colega de serviço, chegado recentemente, a procurou na saída e ela não recusou sua companhia. Sucederam-se os encontros, até que aconteceu o primeiro beijo. Ariella despediu-se rapidamente para curtir sozinha a emoção que sentira. A emoção do primeiro beijo, do querer e não poder, como dissera Beatriz. Do beijo que fizera seu coração bater mais forte, que lhe despertara sensações até então desconhecidas. "Será que devo confiar nele?" Pensava angustiada, mas, sentindo que sua vida sofreria modificações dali para frente. Em novos encontros ele se mostrou mais carinhoso, beijando-a de tal forma que as desconfianças cessaram. No último encontro ela consentiu que ele entrasse com ela em sua casa. Os beijos ardentes e a proximidade de seu corpo acabaram com a resistência que ela pretendia lhe impor. Cedeu às ousadas carícias e se entregou amorosamente a ele.

A desilusão maior de sua vida foi quando percebeu a indiferença e frieza com que ele a tratou, depois de havê-la possuído. Mal a cumprimentava e não mais a procurou para saírem juntos. Notara uns risos disfarçados de alguns colegas e mais tarde ficou sabendo que ele apostara com os amigos que quebraria sua resistência e que a possuiria. Foi um golpe terrível para Ariella. Seu coração, transbordado de amor para dar, for maltratado, espezinhado, ferido, incuravelmente ferido, eliminando por completo a confiança no ser humano, seu semelhante.

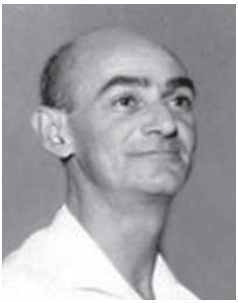
Deixou o emprego e se fechou cada vez mais, literalmente. Mandou subir os muros de sua casa e ali instalar cerca elétrica. Tornou-se prisioneira do medo, da desconfiança, da incerteza, da opinião alheia, da emoção. Cada elo se fortificando e se juntando para, finalmente, construírem a cadeia que delimitara sua área, que a mantinha prisioneira. Nem Beatriz fora capaz de penetrar em seu refúgio.

A violência, os assaltos cada vez mais próximos de sua casa fazem com que se isole mais. O medo domina suas ações. Qualquer barulho diferente lhe traz sobressalto. Tranca-se. Não confia em ninguém. Tranca-se e espera. Mais dia, menos dia, ela será também atacada. Para ela, o homem está se afastando em ritmo acelerado do humano que deve existir em seu ser. Atos cruéis, praticados deliberadamente pelo ser humano contra seu semelhante, ao qual deveria amar, chocam e desestruturam a humanidade.

Ariella tenta apagar de sua mente os únicos momentos que ela viveu pensando tratar-se de amor, mas que na realidade fora um ato cruel, desumano e deliberadamente planejado por um ser humano. Entregou-se por amor a quem não merecia. Para ele, Ariella fora mais uma conquista, um troféu, que ele, cinicamente, exibira para os companheiros insensatos.

Não sonha mais. Não cuida mais das flores. Apenas espera. "Minha vida não tem sentido. Não sou ninguém". Ouve um barulho. Desliga a televisão e espera.

Ao Patrono:
Florêncio Lopes Zedes



Florêncio Lopes Zedes é filho de João Lopes Zedes Filho e Ondina Carneiro Zedes, nasceu em Morrinhos - GO no dia 30/03/1920. Cursou o primário no Grupo Escolar Cel. Pedro Nunes e o Complementar e Normal na escola Normal de Morrinhos. Foi professor, escrivão e coletor.

Em 1945, então com 25 anos, prestou 2 (dois) concursos ao mesmo tempo e foi aprovado para escrivão em 2º lugar no Brasil e único aprovado em Goiás para coletor, atividade esta que assumiu em Morrinhos, fazendo ainda mais 14 cursos de especialização no Ministério da Fazenda.

Gozava de alto conceito como profissional e por esta razão foi Membro da Junta Apuradora do Tribunal Eleitoral desde 1947, quando no Brasil se procederam novamente às eleições, após a ditadura de Getúlio Vargas.

Foi colaborador do jornal "O Liberal" onde publicou crônicas, contos, poesias e um comentário do livro Motivos Sertanejos, de Celestino Filho, feito em 1950. A sua análise coincide com a opinião de J.G. de Araújo Jorge na abertura de Rosas Atômicas, obra publicada em 1977.

Dentre os trabalhos de Florêncio podemos destacar:

- Poesia: Ódio ou Amor, Pecadora, Astúcia, A Menininha, a Igreja do Padre Chico, Natal Triste, A Cozinheira, Evocação, Poemas Atômicos, Quero Falar-te, Súplica, Dois Destinos, Velhice, Ano Novo, Os Teus Passos e outras.
- Prosa: O Milagre dos Lírios, Um Conto de Natal, Gênios ou Ingênuos e pensamentos diversos.
- De "O Liberal" de 24/12/1950 foi extraído o poemeto "Juramento", que, segundo opinião de Guilherme Xavier de Almeida e José Cândido, Florêncio jamais faria outro igual. É este o poemeto:

"Prometo a mim mesmo
E se precisar, jurarei
Por tudo que é sagrado,
Pela minha alma,
Por esta cruz.
Que se me apague a luz dos olhos,
Que o fogo do inferno me devore a carne,
Que se cubra de lepra o meu corpo,
Que o raio me parta em mil pedaços.
D´amanhã em diante,
Ano novo , Ano bom,
Nova vida levarei,
E este juramento cumprirei:
Os vícios deixarei.
A minha arca encherei,
As mulheres, olvidarei...
Mas, ó Deus!
E depois?!
Que farei?!"

Pegando a deixa de seu poema, quando ele diz que "os vícios deixarei" temos uma particularidade para contar sobre o Florêncio:

Conta-nos seu amigo José Elias Pereira que Florêncio tinha o vício de fumar, mas até aí tudo bem, o que se destacava neste seu vício é que ele comprava um maço de cigarros, abria-o e fumava quantos lhe aprouvessem, mas, no outro dia, se sobrassem cigarros no maço, jogava-os fora e comprava outro maço lacrado.

Outra particularidade que merece destaque, também contada por José Elias, é que o Florêncio, todos os dias, tomava uma cerveja num bar que havia bem em frente onde é hoje o Banco Real, até aí também tudo normal; só que ele se sentava sempre na mesma mesa e na mesma cadeira; se ele chegasse no bar e tivesse alguém naquele espaço que ele considerava só seu, retirava-se e ia embora. Caso estivesse vazio, sentava-se e sempre tomava uma cerveja e mandava embrulhar outra para saborear em casa.

Bem, particularidades ou excentricidades pareciam ser o forte nesta família, pois consta que seu avô, o Cel. João Lopes Zedes, era comerciante em Morrinhos e possuía um daqueles armazéns da época onde se encontrava quase de tudo, e quando alguém se dirigia ao seu estabelecimento para adquirir algum objeto e este objeto fosse o último exemplar da loja, ele não vendia este, sob hipótese nenhuma, alegando que era o último do estoque e que o armazém não poderia ficar acéfalo deste.

Biografia do Acadêmico: Paulo Tárcio Martins
Cadeira nº. 22

Paulo Tárcio Martins nasceu em 18/02/1954 em Goiatuba – Goiás.

Aqui cabe um adendo, a título explicativo ou elucidativo, porque, na verdade eu nasci no município de Morrinhos – GO, mas como a fazenda do meu avô, onde nasci, abrangia os dois municípios e o de Goiatuba tinha melhor acesso e menos distância, fui registrado como sendo goiatubense – o que também me honra muito, pois foi neste município que passei toda a minha infância – mas tudo isso foi corrigido com um título de cidadão morrinhense que me foi concedido pela Câmara dos Vereadores de Morrinhos, que também me dá muito orgulho.

Filho de pais pobres e militantes na agricultura familiar da época, iniciei meus estudos aos 09 anos em escola improvisada na própria fazenda, com aulas administradas por uma tia que, por iniciativa própria, quis nos ensinar as primeiras letras e os primeiros algarismos. Depois de um certo tempo, fui matriculado na rede de ensino oficial aonde ia da fazenda à cidade em uma bicicleta, carregando a minha irmã que também já tinha idade escolar. Algum tempo depois, nos mudamos para Goiatuba e aí ficou um pouco mais fácil para estudarmos. Mas, deixemos de lado estes pormenores atribulados de minha infância e vamos direto para o setor literário, que é o fato que interessa a esta publicação, senão vejamos: desde a época de

adolescente, eu já gostava de escrever, de registrar fatos e sempre tive uma certa facilidade para descrever ou mesmo "inventar coisas" surgidas na minha mente. Nos meus cadernos escolares sempre tinha citações de famosos, poesias de toda sorte e até escritos meus misturados a aqueles que eu achava e ainda acho muito bonitos. Tive uma influência muito grande nos livros de cordéis que a minha mãe lia para o meu pai (sou apaixonado por rimas de toda espécie) e também pelas fotonovelas- quase sempre falando de amor – que também eram lidas para o meu pai e eu ficava escutando. Depois que aprendi a ler, eu mesmo lia e relia tudo isso e ficava deslumbrado pela capacidade do autor escrever tudo aquilo, mesmo com minha mãe dizendo que aquilo podia não ser verdade.

Sempre gostei de ler gibis, revistas, livros de toda qualidade eu lia sem distinção e, para cada situação ou momento da leitura eu fazia anotações, criava alguma coisa a respeito dos fatos e dos relatos do episódio lido e isso influenciou muito para o meu desenvolvimento literário que hoje uso com um pouco mais de intensidade. As minhas primeiras anotações ou até criações - eu não as mostrava para ninguém – se perderam junto com o tempo, com os velhos cadernos e até de minha memória mas, me lembro da primeira criação minha que foi lida por terceiros, (uma colega de aula pegou meu caderno sem a minha autorização e leu em classe o que eu tinha escrito e aquilo me marcou profundamente, tanto pelo temor de ser ridicularizado e também pela repercussão entre os meus colegas, que foi um sucesso!).

Mas se poderia perguntar: e as redações e dissertações que apresentávamos em classe? Vocês podem não acreditar, mas eu não caprichava nelas e até negligenciava para ser apenas mais um aluno igual a todos, desenvolvendo somente aquilo

que o (a) professor (a) pedia, em um linguajar semelhante aos demais. O título desta primeira "obra" minha foi: Os Extremos da Vida, que relatava as duas pontas de uma existência terrena, tais como: a riqueza e a pobreza, a alegria e a tristeza, o alto e o baixo, o inteligente e o ignorante, a saúde e a doença, a infância e a velhice, o nascimento e a morte e por aí vai. Até bem pouco tempo, eu a tinha guardado mas não consegui encontrá-la para aqui ser publicada e eu tenho um grande defeito: não guardo na memória nenhuma das minhas coisas escritas mas, um dia, vou tentar reproduzi-la.

Quanto à Academia Morrinhense de Letras, sou um de seus fundadores e ocupo a cadeira de nº 22, cujo patrono é João Lopes Zedes, personagem ilustre de nossa Morrinhos. (ver biografia). Fico deveras orgulhoso quando termino um artigo, uma poesia para algum jornal e assino como membro da AML. Para mim é uma satisfação e até uma forma de realização pessoal, parecendo que estou provando para aquele adolescente de naturalidade Goiatubense/ Morrinhense que era uma bobagem não permitir que os outros lessem o que escrevia.

A Fazenda do Meu Avô

Paulo Tárcio Martins

Todos nós, nesta vida, temos que ser produtores de alguma coisa: produtores de cinema, teatro, shows artísticos, produtores musicais, produtores de animais, produtores de alimentos, de artes , enfim uma gama de coisas que faz parte de nossas vidas e que têm seus produtores .

Eu, de minha parte, sempre quis ser produtor de cereais ou alimentos, quis ser dono de um pedaço de terra para plantar, de um pedaço de chão que eu encarregaria de torná-lo produtivo. Isto não aconteceu e dificilmente acontecerá, pois já estou perdendo a esperança de ver concretizado o meu sonho, mesmo sendo uma pessoa extremamente otimista; já estou partindo para o ocaso de minha existência produtiva.

Quando o meu avô vendeu sua fazenda, onde eu fui criado, eu era um garoto de 15 ou 16 anos, mas disse para mim mesmo: um dia vou comprar de volta esta fazenda e restaurar tudo o que puder para torná-la de novo a "fazenda do meu avô".

O tempo passou inclemente e eu não consegui, ainda, cumprir minha promessa. Hoje estou com mais 60 anos e este meu sonho se distancia cada vez mais...a cada dia que passa eu acordo um pouquinho e vejo a estrada a ser percorrida cada vez mais longa, cada vez mais difícil de ser vencida...

Mas deixando de lado os sonhos visionários de minha adolescência, vislumbremos os dias de hoje. Eu tenho que ser produtor de alguma coisa ! Todos nós temos que produzir algo que justifique a nossa presença aqui na Terra e, vasculhando então uma propriedade que é minha, que ninguém pode tomar, não posso vender e nem alugar, muito menos emprestar, que é o meu poder de imaginação, resolvi me tornar um produtor de sonhos, de ilusões...

Eu não sonhei um dia ter a minha propriedade ? hei-la...!!!

Portanto, doravante, serei um produtor de sonhos, esperança e amor...mas não é este amor de homem e de mulher não, é amor por todos nós, amor verdadeiro, de alma clara, lavada e enxaguada, como dizia um personagem de novela. Então, baseado neste "projeto" começarei a "plantar" a minha lavoura, descrevendo, em rima rica ou pobre, em

hectares ou letras, sem métricas ou medidas – não importa, a minha gleba:

No lugar em que eu nasci
É tão lindo de viver
É tão marcante ali
Que eu não consigo esquecer.

Lá também tem palmeiras
Onde canta o sabiá
Tem a casa do engenho,
Tem mangas, tem gravatás.

Tem bica d´água
Tem monjolo, tem curral.
Tem ribeirão caudaloso
Tem cachoeira, tem bananal.

Tem casinha no pé da serra
Tem laranja, tem cafezal,
Tem cachorro latindo
Avisando o pessoal
Que tá chegando visita
Salve, salve General !

Entra pra dentro, seu moço,
Venha logo se assentar.
Beba água da moringa
Se ajeite pra descansar.
Não se acanhe, a casa é sua
O café já vai chegar.

Viu?, tem hospitalidade também!
O lugar da minha saudade.
Tem amor, tem simpatia,
Tem aconchego, tem bondade.
É ou não é o paraíso
Esse éden da goianidade?
Sim, é goiano sim senhor!
O lugar que eu descrevo,
Com orgulho varonil.
É um cantinho de beleza,
Uma dádiva da natureza,
Num pedacinho do Brasil.

Por isso e por muito mais,
Me sinto realizado.
Sendo um produtor de sonhos,
De um jardim encantado.
Produzo qualquer flor,
Realizo qualquer desejo,
Na mente eu posso de tudo,
No pensamento te vejo,
Me esperando na janela
Com um simples e sincero beijo,
Que me transforma em Super-Homem,
Batmam ou qualquer outra ilusão.
Sou rico e tenho fartura
Dentro de minha imaginação.

A “fazenda do meu avô”
Não será minha, de fato.
Mas nunca a esquecerei, de direito,
O que aconteceu está acabado, está feito.
Se não posso morar dentro dela, enfim
Que ela venha morar dentro de mim
Nas “terras” e “lavouras” do meu peito.

Morrinhos Tem Tanta Coisa...

Paulo Tárcio Martins

Morrinhos tem muitas ruas
Por onde nunca passarei...
Tem esquinas apertadas
Que eu nunca entenderei...
Tem muitas mulheres bonitas
Que eu nunca namorarei...
Nem aquelas que moram
Nas ruas que conhecerei...

Morrinhos tem belas paisagens
Que eu nunca pintarei...
Tem histórias fabulosas
Que eu nunca escutarei...
Mas tem muitos acontecimentos
Que eu vi e testemunhei...
Alguns não me agradaram
Mas com muitos me deleitei...

Morrinhos tem muitas trilhas
Pelas quais não me aventurarei....
Tem belos morros e serras
Por onde não subirei (e nem descerei)...
Tem rios lagos e represas
Por onde não nadarei (porque não sei)...
Mas é um maravilhoso lugar
Onde um dia morrerei (e renascerei)....

Sou Um Sonhador

Paulo Tárcio Martins

Sou um sonhador
Que um dia veio ao mundo,
Com a esperança de um lavrador
Que semeia em solo fecundo.

Sou um sonhador
Que cresceu entre flores
Que se machucou nos espinhos
Dos meus poucos amores...

Sou um sonhador menino
Que cavalgando as asas da liberdade,
Vai vivendo com teimosia
Mais um dia de saudade...

Sou um sonhador adolescente,
Com metade dos sonhos desfeitos,
Com a outra metade na mente,
Tentando realizá-los direito...

Sou um sonhador adulto
Com responsabilidades reais,
Sempre procurando indulto,
Para alguns males fatais...

Sou um sonhador cansado...
De lutar com o desconhecido,
De sofrer as dores calado,
Com medo de ter perdido.

Sou um sonhador ciente
De meus deveres e obrigações,
Da metade dos sonhos descrente,
Sem esperanças de realizações.

Meus Semelhantes...

Paulo Tárcio Martins

As religiões, em sua grande maioria, pregam a existência do bem e do mal.

O bem sempre representado por Deus, por Jesus Cristo, por Maomé, por Jeová e tantas outras denominações que, ao final ou na sua essência mais íntima, chegam ao amor na sua forma mais pura e sincera de se expressar em relação aos meus, aos nossos semelhantes.

O mal, sempre associado ao demônio, ao satanás, ao cramunhão, ao diabo, ao anjo desvirtuado e assim se seguem tantas outras nomenclaturas que servem para designar as nossas atitudes mais inconfessáveis também com relação aos seres humanos e até aos animais, plantas etc...

O leitor ou leitora, meus semelhantes, já pararam para pensar nestes dois atos (o bem e o mal), extremos de nossas atitudes e ações que sempre estamos praticando (alguns com mais e outros com menos intensidade, mas sempre exercitando estes extremos) durante a nossa existência?

Gosto muito de comparar nossa vida, nossa passagem aqui pela Terra com a natureza... E para tanto quero relatar aqui um episódio que ocorreu comigo quando plantei uma árvore (um abacateiro) em um vasilhame propício para tal intento e que pode mensurar uma diferença entre o bem e o mal, baseado nesta história.

Meus semelhantes, vocês sabem o tamanho da diferença entre o bem e o mal?

Voltemos ao plantio do abacateiro para que possamos chegar a um patamar desta diferença, tão eclética e ecumênica...

Selecionada a terra e vasilhame cheio, coloquei no centro deste vaso a semente imponente e sadia de um abacate.

Por alguns dias reguei e protegi do excesso de sol e da ação de algum animal que pudesse interferir no processo germinatório daquela frutífera.

Eis que surge ali um vigoroso broto que em poucos dias estava com várias folhas tão verdes e sedosas que até brilhavam à luz do sol e farfalhavam alegremente ao sabor do vento. Isto pode ser chamado do lado bom, o lado do bem.

Mas, ao pé desta planta, também surgiram algumas ervas daninhas, (mais ou menos umas 5 variedades, minúsculas em relação à planta principal) que não foram ali plantadas, não eram desejadas, não produziriam nenhuma fruta, flor ou qualquer outra benesse oriunda delas, mas que estavam ali mesmo sem serem convidadas. (seriam o lado do mal?)

Deixei o abacateiro tomar um porte de mais ou menos 30 cm, ou seja, mais ou menos na hora de ser transplantado para o seu definitivo local de produção e as "ervas penetras ou invasoras" estavam lá, firmes, mas em menor e mais fraco porte ostensivo, cerca de uns 15 cm cada uma.

Decidi arrancá-las para deixar o abacateiro mais bonito e para ser o centro de atenção do vaso.

Foi aí que pude observar a diferença entre o bem e o mal que também existe na natureza... Foi só fazer esta operação de limpeza que o abacateiro murchou e morreu, talvez abalado em suas raízes pelo arranque das ervas ao seu redor.

Analisemos os fatos: por que nasceram ali, aparentando fraqueza, aquelas plantinhas de sementes insignificantes ou quase invisíveis a olho nu, que não foram semeadas e conseguiram matar uma planta tão saudável e infinitamente maior e mais forte do que elas?

Será que na natureza o mal é maior do que o bem? Seria só na natureza? Ou entre os homens e mulheres, meus semelhantes, também seria assim?

Será por que é sempre mais fácil fazer o mal, desejar o mal ou se alegrar com o insucesso dos nossos semelhantes do que o contrário?

Por que será estamos sempre prontos para criticar destrutivamente...?

Por será que temos sempre a tendência de destacar o errado, o mal feito do que o bem feito?

Por que, quase sempre, queremos nos sobrepor aos demais, em favorecimento próprio do que propor uma cooperação para unir forças e juntos, pelo menos tentar equilibrar o jogo da vida?

Partindo-se do princípio de que Deus e suas outras dezenas de denominações é amor, representam o bem, o perdão e a boa convivência entre tudo e todos, não posso acreditar, recuso-me a aceitar que o diabo esteja vencendo a árvore maior... Não é possível que as sementes invisíveis das ervas daninhas, talvez e em surdina, espalhadas pelo representante do mal, estejam fazendo morrer a árvore frutífera e do bem... Me recuso a crer nisso...

> Não quero ver a mentira vencendo a verdade...
> Não aceito a violência ser maior do que a bondade, do que a humildade...
> Não quero ser parceiro e nem fomentador das ervas, mesmo que menores e insignificantes, que matam ou enfraquecem a floresta que teima em produzir frutos (até quando?) para alimentar a vida terrena...

A VIDA É UM JOGO... PROCURE VIVENCIÁ-LA DA FORMA MAIS FRUTÍFERA POSSÍVEL; NO DECORRER DA PARTIDA, PORQUE, AO FINAL, SEM DÚVIDA NENHUMA, PERDEREMOS A PELEJA PARA O TIME DO TEMPO E TALVEZ AINDA TENHAMOS QUE SER ERVAS NÃO DESEJADAS EM OUTRAS VIDAS...

Vida... Essa Mania Humana...

Paulo Tárcio Martins

Quando nasci, e isso já faz algum tempo,
Não tinha nada, só instinto de sobrevivência.
Hoje, sofrido por fora e por dentro,
Repenso e medito sobre minha existência.

Existência que perfeitamente se enquadraria
Em um verso de um poeta cujo nome esqueci
Mas que disse: tem gente que não vive a vida,
Passa por ela dizendo: eu não vivi.

Sofre por suas imperfeições, por sua teimosia...
Chora por futilidades comuns e corriqueiras.
Não vive, vegeta e entre uma ou outra ironia,
Reclama até das manhãs domingueiras.

Eu não sou diferente e nem poderia ser,
Sou comum e a vida sempre tentei viver.
Nasci, cresci e nunca me importei em morrer...
Eu só não quero chorar... Eu só não quero sofrer.

Amores? Sempre tive, tenho e terei...
Dores? Como evitá-las... Não sei.
Dúvidas? Solucioná-las sempre tentei.
Felicidade? Em toda a minha vida busquei.
Paixão? Você foi a última que inventei...

A Patrona
Violeta Metran Curado

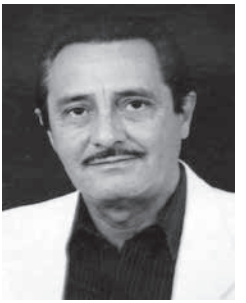
Zilda Diniz Fontes, em seu livro **"Morrinhos: De Capela a Cidade dos Pomares",** descreve em poucas palavras a vida de Violeta Metran Curado, que nasceu em Morrinhos, onde fez os cursos primário e secundário.

Em 1944 casou-se com o escritor Bernardo Élis e mudou-se para Goiânia. Nessa cidade, fez o curso de Pedagogia na Faculdade de Filosofia Católica e em Brasília o curso de Biblioteconomia. Por diversos anos exerceu o cargo de Diretora da Biblioteca do Departamento Estadual de Cultura do Estado de Goiás, depois transformada em Biblioteca Pública Estadual; foi também secretária da União Brasileira de Escritores de Goiás (Ubego).

Como poetisa foi citada em "A Poesia em Goiás", de Gilberto Mendonça Teles, e tem trabalhos publicados em Antologia e periódicos de Goiânia e Brasília. Em 1977, concorreu à Bolsa de Publicações "Hugo de Carvalho Ramos", da Prefeitura de Goiânia, com o livro de poesias "Poemas para o Vento, os Pássaros e o Bem-querer" e conquistou o segundo lugar no gênero.

A poesia de Violeta é nitidamente lírica, suave e leve. O poema "Setembro" lembra a casa da poetisa em Morrinhos, de enorme pomar, onde as jabuticabeiras, floridas em setembro, atraíam a passarada.

Ao Antecessor Rui Gonçalves Doca



Filho de José Doca e de Claudemira Maria de Jesus, nascido a 19 de junho de 1934, no município de Morrinhos - GO, Rui Gonçalves Doca é militar reformado da Força Aérea Brasileira, onde serviu por mais de trinta anos, havendo sido a Base Aérea de Brasília, sua última unidade na ativa. Licenciado em Letras: Português e Espanhol, exerceu suas funções no magistério no Colégio Rio da Prata, em Bangu – Rio de Janeiro; no Centro Educacional Compacto em Brasília-DF; havendo sido também professor concursado da Fundação Nacional do Distrito Federal em Brasília-DF.

Na área literária, participou com sucesso de alguns concursos; tem vários trabalhos publicados em jornais e revistas; participação na antologia "Poetas Brasileiros de Hoje 1985" – edição de Shogun Arte, Rio de Janeiro. É autor ainda do livro "Anoitecendo" edição da Thesauros Brasília-DF.

Publicou também o livro de poesias "Quando voam as borboletas". Trabalhou também textos de contos.

Biografia do Acadêmico: Robison José da Silva
Cadeira nº. 23

Robison José da Silva é casado, pai de dois filhos. Nascido em Morrinhos, Goiás, aos 29 dias do mês de maio de 1981. Residente desde sempre no município de Morrinhos. Residente na Av. Couto de Magalhães nº 78 Centro - Morrinhos.

Graduado em Letras pela Universidade Estadual de Goiás. Pós-graduado em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, pela mesma, Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás. Professor nas Redes Municipal e Estadual de Ensino de Morrinhos e na UEG Morrinhos e Professor e Intérprete de LIBRAS.

Autor de um livro de Poesias "Pequenas Definições Poéticas"

Amante de Literatura, em especial poesia; possui algumas premiações em níveis regionais e nacionais. Valoriza o trabalho literário como forma legítima de expressão cultural e vê a Literatura como possibilidade de expressão da alma por meio da escrita, podendo despertar, dentre outras emoções, a reflexão sobre a arte de existir.

Produções Classificadas, Premiadas e Publicadas:

- 1º lugar no I Concurso de Poesias promovido pela Bienal Cultural da UEG – Morrinhos, com o poema **"Brasilezas";**

- 2º lugar no I Concurso de Poesias promovido pela Bienal Cultural da UEG – Morrinhos, com o poema **"Meu canto é aqui";**
- Classificado no Concurso Nacional de Poesia de nº 73 realizado pela Câmara Brasileira de Jovens Escritores em 2011, com a publicação do poema **"Civis Mundi"** na Antologia; **(página 85)**
- 2º lugar no X Concurso Literário Poesias sem Fronteiras (Nacional) com o poema **"Peregrino"; (página 15)**
- Classificado no X Concurso Literário Poesias sem Fronteiras (Nacional) com o poema **"Semblante de mim"; (página 52)**
- Classificação em 72º lugar no Concurso Nacional Novos Poetas 2014 com o poema **"Indigente"; (relação de classificados em anexo)**
- 7º lugar na Categoria Erudito do 3º Concurso de Poesias da Fundação José Francisco de Sousa, também com o poema **"Indigente"**; **(relação de classificados em anexo)**
- 1º lugar no Concurso de poesia promovido pela Sociedade Dramática e Literária de Morrinhos no ano de 2013, com o poema **"Aquarela Morrinhense"**;
- Publicação do poema **"Porão da Vida"** na Revista "Ecos D'África" elaborada pelo Curso de Letras da UEG, Morrinhos. **(Página 26)**
- Publicação do poema **"Meu canto é aqui"** em material Apostilado Sistema Pomares de Ensino, da Rede Municipal de Morrinhos.
- Publicação do poema **"Civis Mundi"** no Jornal do Peninha Ano VI nº 63 – Março de 2011. **Pág. 11.**

Produções Diversas (Não Publicadas)

Poesias

- Pelos Cantos do Mundo;
- Plenitude de Vida;
- Despertar de um Sertanejo;
- À Deriva;
- Teatrinho de Morrer;
- Origem;
- A Danada da Ada;
- O "B" do Brasil;
- VivIndo;
- Sonhador;
- Construção;
- Meridiano da Vida;
- De onde Vem?

Hai Cais – Várias produções ainda não publicadas e uma em processo de publicação

Conto

- Aroma de Pomares

Bodas de Arte

Robison José da Silva

O povo aqui desta terra
Tem na alma o talento...
Pelas ruas e avenidas,
Pulsa arte,
Movimento!

Ao longo de nossos anos
Uma história se criou...
Por mãos de poetas e pintores,
Arquitetos,
Tocadores,
Nosso chão se consagrou!

Vem de casarões e casebres
Como suave melodia...
Percorre em tons de cores
Janelões e escadaria.
E se revela suprema
Arte,
Vida,
Sintonia!

Nas notas do violão
No verso que faz a poesia...
Nas fendas da arquitetura,
Ou no coro da romaria,

Se percebe a afinidade
Entre o artista
E a maestria!

Nas encruzilhadas do tempo
Mestres da criatividade
Proporcionaram o encontro
Da arte com a cidade...
E assim se fez Morrinhos
Bela,
Plena,
Majestade!

O ontem será lembrado
Pela simplicidade do tempo...
O presente é demarcado,
Pelo brilho do momento...
E no futuro incerto
Ouvir-se-á
De nosso intento!
Por aqui a vida flui
Coroada de respeito
Celebrando um matrimônio
Que nunca será desfeito...
É Morrinhos se unindo à
Arte:
O casamento perfeito!

Meu Canté Aqui

Robison José da Silva

É no seio de Goiás
Na velha estrada Boiadeira
Que nasce a minha Morrinhos
Como uma jovem faceira.

O Bueno aventureiro
Caminhando pelos pomares,
Segue firme conquistando
Construindo seus "altares".

Do cimo de um dos seus montes
Hoje contemplo a cidade,
Iluminada por muitas luzes,
Um berço de amizades.

Antes, terra sem dono,
Agora recanto de vários,
Vindos de muitas bandas,
Ao som de maestros canários.

Se impõe no cenário goiano
Pelo ventre promissor,
Terra que faz o pobre,
O Humilde e o doutor

Me orgulho da minha terra
Nem se pode comparar...
Podem existir outros morros,
Os quais nem vou mencionar
Porque dentre todos eles
"Morrinhos" é meu lugar!

Aquarela Morrinhense

Robison José da Silva

Teria este chão, um toque do Mestre?
Seria um capricho de suas mãos?
(...)
Nas trilhas da História destacam os morros,
Sublimes, faceiros,
Morrinhos...
Que demarcam um espaço
Chamado cidade,
Uma terra de encantos,
Desejos,
Bondade...
De gente humilde,
Que sabe quem é
Que dança,
Encanta,
Escreve,
Tem fé...
Cair é momento,
Permanência é de pé!

De solo bem fértil,
Pureza de ares...
De gosto das frutas,
Que vêm dos pomares...
Do bom bate papo
De praças e esquinas,
De rapazes galantes
E lindas meninas!
Que tem na família
Recanto e afago.
Sabiá no terreiro,
E araras no lago.
É cultura e arte
No cenário goiano...
Projetada por Deus
E não por engano,
Morrinhos é vida,
E nisso eu insisto,
Pois está protegida
Nos braços do
Cristo!

Ao Patrono: Saturnino Sebastião de Azeredo

Saturnino Sebastião de Azeredo nasceu na cidade de Goiás. Filho de Luiz Antônio de Azeredo e Maria Angélica Marques de Azeredo. Desde criança trabalhou arduamente para ajudar a mãe, contribuindo financeiramente nas despesas da casa. Para custear os estudos fez vela e sabão caseiros e vendia em Goiás. Pôde assim formar-se em Direito em 16 de dezembro de 1905, na primeira turma da Academia fundada por Dr. José Xavier de Almeida. Nessa época trabalhava no Departamento dos Correios e Telégrafos.

Em 1908 foi nomeado Juiz de Direito da Comarca de Morrinhos, assumindo logo suas funções. Reorganizada a Justiça do Estado, extinguiu-se a Comarca de Morrinhos, em consequência do que Dr. Saturnino foi designado para Boa Vista do Tocantins, depois para Posse e por fim, a pedido, transferência para Bonfim (hoje Silvânia). Com a restauração da comarca de Morrinhos, em 1913, Dr. Saturnino entra com pedido de remoção e passa novamente a exercer as funções de Juiz de Direito, cargo em que se manteria por mais de 20 anos. Em 1935 foi designado para a comarca de Pouso Alto e em 1936 promovido a

Desembargador da Corte de Apelação do Estado, cargo que ocupou durante dois anos, quando se aposentou e voltou definitivamente a Morrinhos.

Fez parte da Guarda Nacional com a patente de Capitão Assistente da 6ª Brigada de Infantaria da Comarca de Morrinhos.

Casou-se duas vezes. A primeira com a filha do Cel. Pedro Nunes da Silva – Olímpia Nunes da Silva. A segunda, com Davina Maia, irmã do futuro chefe político de Pontalina o Sr. Jerônimo Pereira Maia.

Dr. Saturnino deixou os seguintes descendentes:

Do primeiro matrimônio:

Maria de Lourdes Azeredo Costa;
Elza Olímpia de Azeredo, funcionária no Colégio Estadual Sylvio de Mello;
Luiz Nunes de Azeredo, médico;
Pedro Nunes de Azeredo, farmacêutico afastado da profissão e dedicado à fazenda;
Aparecida Olímpia Nunes de Azeredo Souza.

Do segundo matrimônio:

Saturnino Benigno de Azeredo, fazendeiro;
Mário de Azeredo, engenheiro;
Virgínio de Azeredo, farmacêutico e médico veterinário;
Maria Angélica, advogada.

Biografia do Acadêmico: Sebastião Bento da Silva
Cadeira nº. 24

Sebastião Bento da Silva é filho de José Bento da Silva e Tereza Maria da Costa, fazendeiros na fazenda Barreiro neste município de Morrinhos – Goiás. Casado com Joana Darc Martins Costa, do primeiro casamento, tem seis filhos: Cheston, Cherly, Cherlando, Chalton, Charles e Cherlaune.

Fez o Curso Primário na Escola Dom Bosco e Ginásio Curso de Madureza Escola Rotary de Morrinhos e 2º Grau incompleto pelo Supletivo.

Trabalhou de Tintureiro antes de 1970. Em 1971 ingressou na Caixego, onde foi guarda noite, escriturário, caixa e agente, prestando serviços em Joviânia, Pontalina, Piracanjuba, Morrinhos e Goiatuba. Em 1990, com a liquidação da Caixego, voltou para Morrinhos, onde em 1992 foi eleito o vereador mais votado de Morrinhos, sendo presidente da Câmara Municipal. Em 1996, com o Estado considerando a sua estabilidade constitucional foi para a Secretária da Fazenda, onde veio a aposentar-se em 1998.

No social, em 1996 foi Presidente do Sanatório Espírita São Vicente de Paulo, ficando até 26 de dezembro de 2014.

Foi maçom, filiado a Grande Loja de Pontalina, foi Cofundador do Abrigo José Passos na condição de Vice-Presidente do Centro Luz e Caridade; Fundador da Lavoura Comunitária de Morrinhos.

Na Literatura, em 1975, escreveu o livro "Luz nos Caminhos", pela Editora LAKE de São Paulo; em 1997, escreveu

o livro "Reflexão" pela Editora Paulo de Tarso de Goiânia e escreveu o livro Minervino, pela Editora KELPS de Goiânia, no prelo, Tradições Morrinhenses e escreve para vários jornais.

Em 2006, integrou-se à Academia Morrinhense de Letras, sendo ocupante da cadeira nº 24, cujo patrono é Saturnino Sebastião de Azeredo. Em 2009 foi convidado a participar por iniciativa do então prefeito Cleumar Gomes, da Orquestra de Violeiros Chico Flor, da qual é seu maestro regente.

A Cultura Tradicional

"Formação de pessoal qualificado para a gestão da cultura em suas múltiplas dimensões" (Art. 215 § 3º III CF)

A folia de Santos Reis é de origem portuguesa, e como ocorre em todo o Brasil e em Morrinhos, é uma tradição sagrada que passa de pai para filho, atravessando gerações como manifestação cultural e religiosa.

Inspirada na tradição bíblica, dos três reis magos, que guiado pela Estrela do Oriente, levaram como presentes, "ouro, incenso e mirra", ao Menino Jesus, na Gruta de Belém, na noite do Natal.

Consta ainda da Tradição, que os três reis magos, fizeram a sua viagem durante a noite, e chegando à Manjedoura, entoaram canto de louvor ao Menino Deus. Por isso, o giro da folia de reis, inicia-se em 25 de dezembro e só termina no dia 06 de janeiro, quando se dá a festa anual de Santos Reis.

Não há restrição para uso de instrumentos musicais na folia, mas a viola de dez cordas, a caixa e o pandeiro, por serem

conforme a tradição, os instrumentos tocados pelos três reis magos, são de uso obrigatórios. Todavia, outros instrumentos como a rabeca, o cavaquinho, a sanfona e o violão, com o passar dos tempos foram incorporados.

Os palhaços representam os espiões do Rei Herodes; eles podem fazer brincadeiras, mas não entram em locais sagrados como presépios e altares.

Compõe-se o ritual da folia de reis; o guia da folia, ou capitão, que é um líder principal obedecido por todos os foliões. Ele tem que saber afinar todos os instrumentos musicais e ainda é ele que inicia os versos sagrados do canto da chegada da folia.

O contra guia, ou resposta; que deve ter a mesma experiência do guia ou capitão. E é ele quem responde os versos do canto sagrado, acompanhado por outras vozes afinadas. A segunda, a terceira, a quarta e a requinta, num conjunto harmonioso.

O violeiro que toca uma viola de dez cordas é uma peça indispensável, em todas as folias de reis.

O caixeiro toca o instrumento mais importante da folia, que é considerado sagrado pelos devotos. E muitos devotos pedem quase sempre ao caixeiro para dar voltas em redor de suas casas num ato de fé, a fim de afastar os males.

Os tocadores de pandeiro fazem parte do conjunto da Companhia de Reis, tanto o quando os tocadores de Cavaquinho e de Sanfona.

Morrinhos possui uma bela e antiga folia de reis, cuja história se confunde com a sua própria história, como cidade. Outros grupos existem de folia de reis, neste município, porém o mais antigo é o que percorre as regiões Barreiro, Bom Jardim das Flores, Chapadão e Reguinho, há mais de um século.

Participaram desta folia de reis centenária, muitas famílias conceituadas, como os Inocêncio, os Amaro, os Carlota, os Severino, os Cruvinel, os Leite, os Faleiro, os Aleixo, os Laura, os Silvano, os Carvalho, entre outras.

Consta de anotações em poder dos atuais foliões, que o giro desta folia de reis, sem nenhuma interrupção, teve início no começo do século passado, por volta de 1907, com a primeira festa que se tem notícias sendo realizada na residência de um cidadão, de apelido "Lavrado", na confluência do Ribeirão da Isola, com o Rio Piracanjuba, num lugar chamado Gruta Funda, no Barreiro (nas proximidades da fazenda Traço).

Entretanto, há informação sem registro em papel, de que esta folia de reis teve o seu começo no meados do século XVIII. Antes, portanto da Abolição. A prova disto é que quase todos os seus guias ou capitães, foram negros, até por volta de l975, quando o último deles (José Adão) veio a falecer.

Segundo as informações de um dos seus mais tradicionais foliões, (João Carlota, Nego Leite), a história desta folia de reis, começou com a vinda de grandes proprietários de terras, que vindo de Minas Gerais e São Paulo, estabeleceram-se neste município de Morrinhos, nas suas regiões Barreiro, Bom Jardim e Chapadão, adquirindo grandes fazendas aqui, e trazendo com eles, escravos negros e agregados que tinham o costume de cantar folia e dançar vários tipos de danças.

E ainda por volta de l880, um senhor, chamado Jerônimo Severino Silva, comprando grande quantidade de terras, estabeleceu-se no Barreiro, (a sua gleba de terras, compreendia as três regiões: Barreiro, Bom Jardim e Chapadão) e mais vieram outras famílias católicas, que influenciaram na formação e organização do grupo de foliões.

Os remanescentes destes grupos integram ainda hoje, uma das mais tradicionais festas religiosas da zona rural de Morrinhos.

Provavelmente, em l845, mais ou menos a folia de N. S do Carmo, que naquele tempo era entrega em nossa antiga Igreja Matriz, foi feita por foliões do Barreiro, foi comandada guiada por José Rosa, bisavô de Lindolfo Laura que guiou esta folia de reis antiga. Até ao ano de l952, quando a entrega e festa de reis foi realizada na residência de Joverânio Faleiro, no Reguinho.

(Sebastião Bento da Silva,
Membro da Academia Morrinhense de Letras).

À Patrona
Alice Ferreira do Carmo

Morrinhos agraciou-se da valorosa professora da "rede estadual e municipal de ensino" Dona Alice Ferreira do Carmo, filha de Pedro Ferreira, colaboradora e baluarte assídua da educação em Morrinhos; atuante e dedicada professora e administradora de renome.

O povo morrinhense soube reconhecer com saudade e solidariedade sua preciosidade dedicação em educação artística. De grande sabedoria e carinho com os que a rodeavam, sobretudo, os pequeninos.

De fala mansa, simples, delicada e atenciosa; de português correto e admirável, de olhos meigos e sensíveis. Assim era Dona Alice, a estimada professora.

Teve um tristonho fim, acometida de 'esclerose', sem mesmo reconhecer o próprio pai, que juntos ficavam no asilo do "Centro Espírita Minervino Quintino"; não se reconheciam. Terminou sua trajetória de vida lamentavelmente esquecida. Foi uma grande perda e uma lacuna se formou; porém seu nome é lembrado na Escola "Alice Ferreira", onde acolhe os portadores de necessidades especiais.

Dentre suas poesias podemos relembrar essa:

Mamãe

Alice Ferreira do Carmo

Vivo tão só, de ti ausente...
Tu que foste aqui uma rainha,
Meu pensamento volta a cada instante
A querer-te como se fosses minha!

Onde está teu olhar festivo...
Teu coração no labor constante...
Vivo a procurar-te em todo canto...
Por que não vem só um instante?

Meu egoísmo é grande em procurar-te.
Outras mães também estão contigo,
Meu pensamento alerta-me constante.
Em vão quero esquecer-te... e não consigo!

Aquela poltrona... tão só e vazia,
Aquela ternura que era só minha!
Onde está o sorriso amigo...
Ondes estás... ó minha mãezinha?

Biografia da Acadêmica: Selma Maria de Freitas
Cadeira nº. 25

Natural de Morrinhos, filha de Geraldino de Freitas e Maria Helena Freitas. É mãe de Ludmilla Freitas Morais (advogada), Allysson Freitas de Morais (médico ortopedista) e Rodrigo Freitas Morais (já falecido).

Licenciada em Supervisão Educacional, atuou na Rede Estadual de Ensino. No CEXA foi professora e vice-diretora; no Ginásio Senador Hermenegildo de Morais foi professora e magistério deste. Aposentou-se na Subsecretaria de Educação, no departamento pedagógico.

Hoje é membro da AML, ocupando a cadeira número 25, cuja patrona é Dona Alice Ferreira do Carmo.

Continua a escrever, seus contos, poemas e poesias.

Obteve o 1º lugar com seu livro "Literatura de Cordel Morrinhos Cidade em Versos", na Festa de Arte de Morrinhos. Obteve premiação com seu conto pitoresco "O Corpo Seco" e seu conto "Passagem".

Teve seu poema "Ausência e Vida" publicado na Revista de Arte de Morrinhos por ocasião da XX Festa.

Seu livro "Essência" está em fase de acabamento. Continua a escrever e dedicar-se a artes plásticas.

Outono da Vida

Folhas que caem
Perdidas ao vento...
O relógio do tempo
Não se pode retroagir
No arrebol da tarde
Sem perceber a hora esvaiu
No labor incerto,
À busca de uma imagem
Que vagueia inóspita
Pelos anos transcorridos,
Foi soprada ao léu.
Pro espaço sideral
Outono da Vida
Da mente distante,
Mutação constante
Vindas daqui
Vindas dali
Os neurônios não param
Criam
Recriam
Modelam
Mobilizam
No vislumbre da aurora
Um irreal sonho
Do tempo de outrora.

Selma Maria de Freitas /2002.

Quem?

Quem é você?
Que invade meu descanso.
Incomoda o meu pranto;
Que reluz, pela fresta diminuta
Raios dourados, luz,
Na sua costumeira rotina.
E, sorrateiramente,
Introduz:
Amor,
Amor,
Na minha alcova de dor
Imperceptível me torno,
Prefiro fechar os olhos
A reconhecer o seu valor.
Sol!
Sol! É você?!
Inexorável estrela,
Dádiva gigantesca,
Da soberana criação.
Neste momento enfadonho
Negado me foi um sonho
Interiorizado no meu peito
Onde oculto meu lamento
E preciso de um tempo,
Para plantar um novo alento.
Sol!
Sol! Pungente! Reluzente! Insistente!
Após uma reflexão...

Hoje, aceito seu abraço luminoso,
Seu beijo caloroso
Em minha face adormecida.
Como prenúncio de uma nova vida
Que sobrepuja toda dor.

Selma Maria de Freitas / 2001

Sinfonia da Terra

Semente,
Terra molhada
Meu quinhão.
Cheiro de mato
Floresta, arbusto, capim
Pé no chão
De curva sinuosa,
Entranha o ribeirão
Umedecendo a ribanceira
Do nobre torrão
Telúrica
Se torna a saudade
No ranchão,
Debaixo da capaíba
Frondosa,
Verde,
Brilhante,
Eleva um canto harmonioso
De folhas dançantes
Pelo vento balouçante
E derrama pelo caule,

No veio oleoso, viscoso
O sangue da mata
Ardente,
Dependente,
Do sol da manhã
Que engalana a floresta
E vivifica a mente
Do vazio inerte,
Da planta semente
E põe de pé, o viandante.
Imutável ciclo do universo
Recebe porção de carinho,
Da lua ao anoitecer
Que beija toda mata
Prateando com ardor
Sonoro encanto do criador.

Selma Maria de Freitas / 2002.

Tem alguém me ouvindo?

Não raras vezes, deparamos com alguém pedinte transitando pelas ruas dirigindo-se automaticamente, a um e outro transeunte ou batendo em alguma porta, pedindo sobra de comida ou algum vintém. De certa feita, não damos o devido valor a este apelo ou o satisfazemos. Haja vista, o nosso comodismo. Quantas vezes, desvencilhamos dessas vidas, sem prestarmos atenção, que a sua maior necessidade, não é a fome física e material, que gera dor e incomoda, mas a fome e sede de carinho, amor, afeto que compromete todo ser e deixa marcas profundas na alma e emudece um coração

sem expectativa de vida. Suas reações são adversas e o sorriso desaparece de suas faces, dando lugar a uma tristeza mórbida e indagadora, ofuscando o brilho dos olhos, exterminando sonhos e conquistas.

Presenciamos em grande escala, um futuro incerto de crianças e adolescentes por falhar o aconchego e diretrizes de um lar em suas vidas sedentas.

Quiçá, o mundo as ouvirem gritar com corpo e alma:

Tem sobra de amor e carinho, aí?

Selma Maria de Freitas / 2001.

Praça

Gente que passa
Gente com graça
Gente que entrelaça
Num abraço
Num beijo de amor
Desligados do tempo
Desvencilhados da dor
Sob a chuva serôdia
Apagando o calor
No sibilar do vento
No farfalhar das folhas
O canto da natureza
Na alegria e na dor.

Selma Maria de Freitas / 2002.

Como não Falar Delas...

Onde estão?
Aqui, ali, lá, acolá...
Por toda parte, multicores.
Margaridinhas faceiras,
Flores trepadeiras
Rosas vermelhas, amarelas,
Jasmineiros em flor
Escumilhas, buganvíleas etc.
Altivas, altaneiras
Exalando um aroma
Suave, envolvente.
O vento audacioso
E andarilho
Tem na brisa um louvor
Que transforma em reboliço
A roupagem das plantas
E num sussurro mágico
Surpreende toda fala,
Com doces afagos
E mãos de amor,
Acariciando a flor.

Selma Maria de Freitas / 2000.

Amor – Presença

Que permeia
Os instantes todos
Destrói sofismas
Num interagir existencial
Concede uma resposta
A harmonia pessoal
Recriando
A criatura essencial
Natureza aprimorada
Na solidez
Da identidade firmada
No exercício do ser:
Ser para Deus
Ser para o homem
Ser para a solidariedade
Ser para o existir
Em dimensão
De uma nova promessa
Do celestial senhor
E vida escondida
Será liberada
Será primavera
Abrirá o caminho
Será luz!
Será pão!

Selma Maria de Freitas / 2003.

Ausência e Vida

Uma flor...
De repente,
Não mais que de repente
Se de perto, era forte
Hoje longe ocupa tudo
No peito é grande demais.
Não morre,
Dói,
Corrói,
Torce,
Gela,
Desfaz,
Não dá paz...
Tristeza invade,
Sela,
Modela,
Um coração inerte,

Se houvesse outro caminho
Carinho,
Calor,
Amor,
Perfume,
Cor,
Se houvesse outro amanhã,
Sem a dor de ontem que ficou.

De repente.
Não mais que de repente
No coração uma luz, ressente
Alguém intercede para gente
Clama, súplica ao onipotente.

A restauração brotou,
De inusitada beleza!
Do vazio, nem a flor,
Que jazia inerte
Sem brilho, aroma e cor.

Novo renascer chegou
Maravilhas do Criador
Invadindo todo meu Ser,
Amo pelo maior Amor.
Amor do Salvador!

A paz chegou
Chegou de repente,
Não mais que de repente,
Transformando devagarinho,
Iluminando o novo caminho
Dando vida, aroma,
Cor à flor.

Selma Maria de Freitas / 2002.

Ipê

Ipê florido
Que presente!
Ouro para meus olhos
Na beirada da calçada
Do morador singular
Ostentando beleza
E luz no lugar.

Embora a paisagem baça
Pelas queimadas de então,
Do sol o dourado brilhante
Na magia da cor vibrante
Do amarelo homogêneo
Dando vida e cor a flor.
Neste final de tarde
Do campo para cidade
Benfazeja e vindoura
Mesmo fora da fiel identidade
Estabelece-se ali.
Mãe natureza em flor.
Sua leveza singeleza
Debalde os ventos sibilantes
Do mês de agosto,
Uma flor cai,
Aqui, ali, acolá...
Às vezes ao léu...
Ou mesmo no chão.
Tapete original
Faz a comunicação.

Selma Maria de Freitas / 2015.

Ingratidão

Fragmentos de memória,
Não conseguem recompor a imagem,
No espelho da vida,
Do idoso refletido,
Face incólume
Sôfrega,
Envelhecida,
Melancólica,
Indagadora, quiçá...
Com a falta da presença
Que é a ausência de amor...
Dor incontida, inserida
Alma sofrida
Suspirando o carinho...
Chora
Atropela
Lamenta
Provoca cicatrizes,
Afetando todo ser...
Quanto desafeto!
Neste grande portal da vida
Que passamos no túnel do tempo
Lembranças se perderam
Dos dias de outrora
Palavras ao vento...
Quanto desamor!
Não é o presente, é a presença...
Sufocada pela imensurável dor

Reminiscências de um passado
Que consolida o desabafo...
Na ausência
Do beijo
Do abraço
Do aperto de mão.
Paulatinamente se esvaem
Todas as respostas...
Ao longo do tempo, na indiferença,
Sem volta.
E vem o fim
De todos os segmentos da vida
Vividos na ingratidão
No espelho da reflexão
Sem o ardor
Do sentimento maior
O Amor...
No trajeto desta viagem
Ao passado, no presente.
Acabou nas fechaduras do silêncio
Na "lei" do esquecimento,
Na ilusão do "Adeus", no fim.

Selma Maria de Freitas / 2015.

Em apoio à sustentabilidade, à preservação ambiental, a Pronto Editora Gráfica/ Kelps, declara que este livro foi impresso com papel produzido de florestas cultivadas em áreas não degradadas e que é inteiramente reciclável.

Este livro foi impresso na oficina da Pronto Editora Gráfica/ Kelps, no papel: Off-set 75g/m², composto na fonte Minion Pro, corpos 10, 12 e 14
Setembro, 2015

A revisão final desta obra é de responsabilidade do autor